

João do Nascimento Quina

Futebol: Referências para a organização do jogo

59

João do Nascimento Quina

Futebol: Referências para a organização do jogo

SÉRIE

Estudos

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Título: Futebol: Referências para a organização do jogo
Autor: João do Nascimento Quina
Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2001
Apartado 1138 · 5301-854 Bragança · Portugal
Tel. 273 331 570 · 273 303 200 · Fax 273 325 405 · <http://www.ipb.pt>
Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança
(grafismo, Atilano Suarez; paginação, Luís Ribeiro;
montagem, Maria de Jesus; impressão, António Cruz,
acabamento, Isaura Magalhães)
Tiragem: 500 exemplares
Depósito legal nº 166797/01
ISBN 972-745-062-8
Aceite para publicação em 1999

Índice

Introdução	7
1 · Elementos estruturais do jogo	9
2 · As fases do jogo	17
2.1 - O processo ofensivo	18
2.1.1 - Os objectivos do processo ofensivo	18
2.1.2 - As etapas do processo ofensivo	19
2.2 - O processo defensivo	23
2.2.1 - Os objectivos do processo defensivo	23
2.2.2 - As etapas do processo defensivo	24
3 · Os sistemas de jogo	29
4 · Os métodos de jogo	37
4.1 - Os métodos de jogo ofensivo	38
4.2 - Os métodos de jogo defensivo	46
5 · Os princípios do jogo	57
5.1 - Os princípios gerais do jogo	58
5.2 - Os princípios específicos do jogo em função da participação dos jogadores no jogo	59

5.2.1 - Princípios específicos fora do centro do jogo	59
5.2.2 - Princípios específicos no centro do jogo	60
5.2.2.1 - Princípios específicos do ataque	61
5.2.2.2 - Princípios específicos da defesa	71
5.2.3 - Os princípios específicos do jogo em função da missão táctica dos jogadores dentro do sistema de jogo da equipa	80
6 · As acções técnico-tácticas dos jogadores	85
6.1 - Acções técnico-tácticas individuais ofensivas	87
6.2 - Acções técnico-tácticas individuais defensivas	91
6.3 - Acções técnico-tácticas ofensivas colectivas	93
6.4 - As acções técnico-tácticas defensivas colectivas	98
Referências bibliográficas	103

Introdução

Toda a equipa de futebol reflecte, quando joga, uma organização mais ou menos elaborada, visível fundamentalmente:

- Na forma como os jogadores se colocam no terreno de jogo.
- Na forma como os jogadores atacam e defendem.
- Na forma como os jogadores se movimentam para resolverem as situações momentâneas de jogo.

Falar da organização do jogo em futebol é falar, entre outras coisas, na distribuição dos jogadores no terreno de jogo e das funções e tarefas a executar por cada um no decurso do jogo – isto é, nos conceitos de sistemas, métodos e princípios do jogo.

O presente texto:

- Tem, por objecto central de análise, os aspectos determinantes da organização do jogo em futebol.
- Encontra-se estruturado em seis capítulos. No primeiro, apresentam-se os elementos estruturais do jogo. No segundo, faz-se uma abordagem geral às duas grandes fases do jogo - os processos ofensivo e defensivo. No terceiro, são apresentados os sistemas de jogo. No quarto, são apresentados os principais métodos de jogo. No quinto, são analisados os princípios do jogo. No sexto e último, são apresentadas as principais acções técnico-tácticas utilizadas pelos jogadores na aplicação dos princípios e métodos de jogo.

- Destina-se, essencialmente, a apoiar os alunos dos cursos de formação inicial de professores em Educação Física.

1 · Elementos estruturais do jogo

O jogo de futebol é um desporto colectivo no qual os intervenientes, (jogadores) organizados em duas equipas, lutam incessantemente, num espaço e tempo perfeitamente definidos, pela conquista da posse da bola com o objectivo de a introduzir na baliza adversária, respeitando as leis do jogo (Castelo, 1994).

Da definição apresentada emergem determinados elementos (elementos estruturais) que determinam e condicionam não apenas os comportamentos técnico-tácticos dos jogadores, mas também o ensino do jogo de futebol.

Vejamos os principais (figura 1).

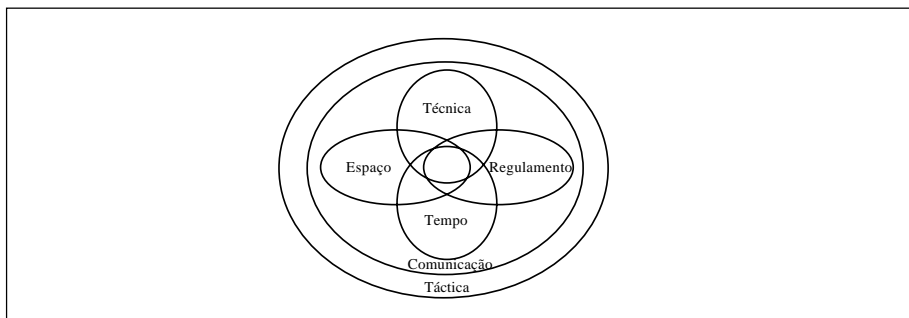


Figura 1 - Elementos estruturais do jogo de Futebol (Moreno, 1994)

• **A tática e a técnica** - No jogo de futebol, o problema primeiro que se coloca ao jogador é sempre de natureza tática - isto é, o praticante deve saber em primeiro lugar “o que fazer” para, depois, poder resolver o problema subsequente “o como fazer”, seleccionando e executando as respostas motoras adequadas (técnicas).

O jogo de futebol exige que os praticantes possuam uma adequada capacidade de decisão que decorre de uma ajustada leitura do jogo (percepção e análise das situações). Mas, para materializar as decisões, devem os jogadores possuir uma alargada gama de recursos específicos, designados habitualmente por técnicas (passe, drible, remate, desarme, etc.) (figura 39).

No jogo de futebol, os factores de execução técnica são sempre determinados por um contexto tático. A verdadeira dimensão da técnica repousa na sua utilidade para servir a inteligência e a capacidade de decisão tática dos jogadores e das equipas (Castelo, 1994).

No plano prático, a tática e a técnica são indissociáveis, estando as habilidades técnicas em relação com as apreciações (leituras) e as escolhas efectuadas pelos jogadores (Gréhaigne, 1992).

Nesta perspectiva, num jogo de futebol, afigura-se mais importante saber gerir regras de funcionamento ou princípios de acção do que utilizar técnicas estereotipadas ou esquemas táticos rígidos e predeterminados (Garganta & Pinto, 1994).

• **Comunicação entre os jogadores** - A essência do jogo de futebol repousa nas relações de oposição entre os elementos das duas equipas em confronto e nas relações de cooperação entre os elementos da mesma equipa.

Esta permanente relação de sinal contrário entre as equipas em confronto impõe mudanças alternadas de comportamentos e atitudes de acordo com o objectivo do jogo e com as finalidades de cada fase (ataque/defesa) ou situação.

Compete aos jogadores individualmente, em pequenos grupos ou colectivamente, assumir comportamentos que conduzam ao aparecimento de situações favoráveis à concretização do objectivo central do jogo - a marcação do golo (Garganta & Pinto, 1994).

• **O espaço de jogo** - O terreno onde se desenvolve o jogo de futebol é um espaço rectangular com um comprimento variável entre 90 e 120 metros e uma largura entre 45 e 90 metros. É marcado e dividido por linhas visíveis e imaginárias. São as linhas imaginárias que dividem o campo em (figura 2):

- Três corredores de jogo: esquerdo, central e direito, estabelecidos pelas linhas laterais e duas linhas longitudinais que unem as pequenas áreas das balizas.
- Três sectores de jogo, estabelecidos por duas linhas transversais que subdividem em partes iguais os dois meios campos de jogo: os sectores defensivo, do meio campo e ofensivo.

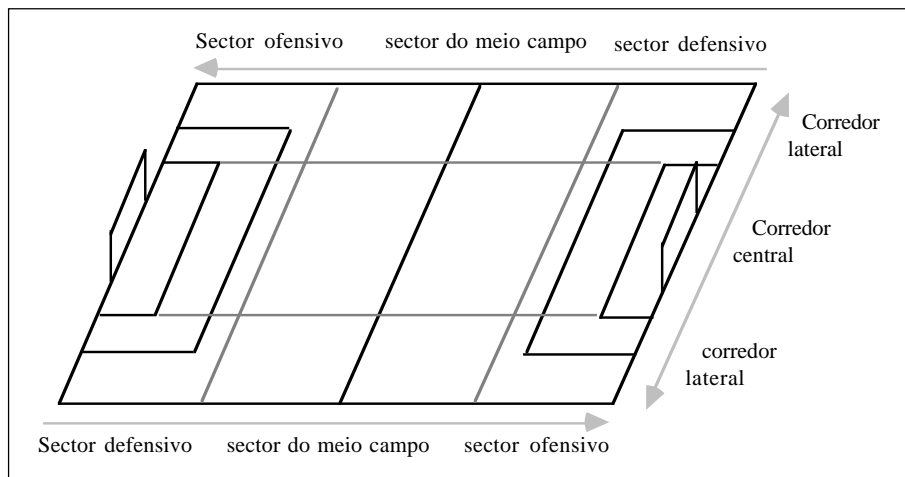


Figura 2 - Os corredores e os sectores do campo de futebol

A análise do jogo evidencia (Castelo, 1994) a existência de uma utilização diferenciada por parte dos jogadores dos diferentes sectores e corredores do espaço de jogo.

Assim:

– O sector defensivo é um sector predominantemente ocupado por jogadores de vincada acção defensiva. Neste sector, os jogadores da equipa que defende escalonam-se em função da bola, dos adversários, dos companheiros e da baliza, tendo em vista condicionar e/ou interromper as acções ofensivas da equipa adversária. É uma zona onde a concentração de jogadores é frequente, o que requer da parte destes uma grande eficácia na execução das acções técnico-táticas com e sem bola. Acções de marcação cerrada aos adversários com e sem bola e de cobertura defensiva aos companheiros em contenção devem ser executadas aqui com muita eficácia, já que a entrada, nesta zona, de adversários livres de marcação pode constituir uma grande desvantagem para a defesa.

Uma vez conquistada a posse de bola (equipa em processo ofensivo), dever-se-á iniciar a progressão rápida em direcção à baliza adversária ou, na impossibilidade momentânea de desencadear rapidamente o ataque, dever-se-á procurar manter a posse de bola sem criar situações perigosas para a própria baliza.

Sabe-se que a maior parte dos golos resultam de bolas recuperadas pela equipa adversária nesta zona do terreno. Por isso, a execução de qualquer acção técnico-tática por parte dos jogadores que contactem momentaneamente com a bola deve ser sempre calculada e executada pelo lado da segurança máxima. Nada, pois, de correr riscos desnecessários nesta zona do terreno de jogo.

– O sector do meio campo. Neste sector, deve subsistir um certo equilíbrio entre a segurança e o risco que sempre envolve a execução de qualquer acção técnico-tática.

Defensivamente, é uma zona onde se desenvolvem as “primeiras verdadeiras acções” no sentido de recuperar a posse da bola ou retardar o mais possível o desenvolvimento do processo ofensivo da equipa adversária de modo a ganhar-se o tempo necessário para se fazer a recuperação defensiva e organizar a defesa. A persecução deste duplo objectivo assenta na realização de marcações sistemáticas e agressivas aos sucessivos portadores da bola e da concentração de maior número possível de defensores entre a linha da bola e a própria baliza.

Ofensivamente, é neste sector que se desencadeiam as “primeiras verdadeiras acções” para desestabilizar e ultrapassar a organização defensiva adversária. É uma zona ocupada por jogadores que têm, como missão principal, procurarem criar, ocupar e utilizar espaços através de deslocamentos ofensivos quer de cobertura (segurança) quer de progressão e rotura (risco) de forma a faz circular a bola no sentido da baliza adversária o mais segura e rapidamente possível.

Há que ter em atenção que a perda da bola neste sector do terreno, não só interrompe a construção do processo ofensivo e anula as possibilidades de marcar golo, como também pode proporcionar à equipa adversária a possibilidade de realizar um contra ataque sempre perigoso devido quer à proximidade da baliza, quer a uma mais que provável quebra de atenção por parte dos jogadores da equipa que acabou de perder a bola. Daqui a importância que, neste sector do terreno, revestem as acções de cobertura ofensiva e apoio ao jogador de posse da bola.

– O sector atacante. O último terço do terreno é a zona para onde se orientam as acções ofensivas e onde culminam as combinações tácticas visando provocar roturas na organização defensiva adversária. Sendo uma zona onde as aglomerações de jogadores, sobretudo de defesas, são frequentes não pode haver lugar a hesitações na decisão e execução das acções técnico-tácticas, essencialmente daquelas que, mesmo podendo entregar a bola ao adversário, têm algumas hipótese de resultar em golo. Neste sector, os atacantes não podem ter medo de arriscar. Eles devem ser sistematicamente incentivados a arriscar.

Defensivamente, é uma zona onde se deve procurar ganhar o tempo necessário para que todos os companheiros possam assumir atitudes e comportamentos técnico-tácticos de marcação, sem, no entanto, descuidar a possibilidade de recuperar de imediato a posse da bola conseguindo, assim, óptimas condições para fazer o golo. A persecução deste objectivo implica a realização sistemática de acções de contenção e temporização (marcação) aos sucessivos portadores da bola por parte dos adversários mais próximos.

Em todos os sectores e corredores do campo, as equipas:

– Em processo ofensivo, devem procurar criar, ocupar e explorar o espaço em largura e profundidade visando um triplo objectivo: dificultar ao máximo as marcações por parte dos jogadores

adversários, aumentar as distâncias entre os jogadores adversários e proporcionar uma rápida e segura circulação da bola em direcção à baliza adversária.

– Em processo defensivo, devem procurar assegurar a concentração de jogadores quer na zona defensiva própria, mais precisamente, na zona predominante de finalização (zona frontal à baliza até a uma distância de 20/25 metros – figura 3), quer no centro do jogo (zonas próximas da bola) na tentativa de restringir, vigiar, anular e marcar os espaços vitais de jogo.

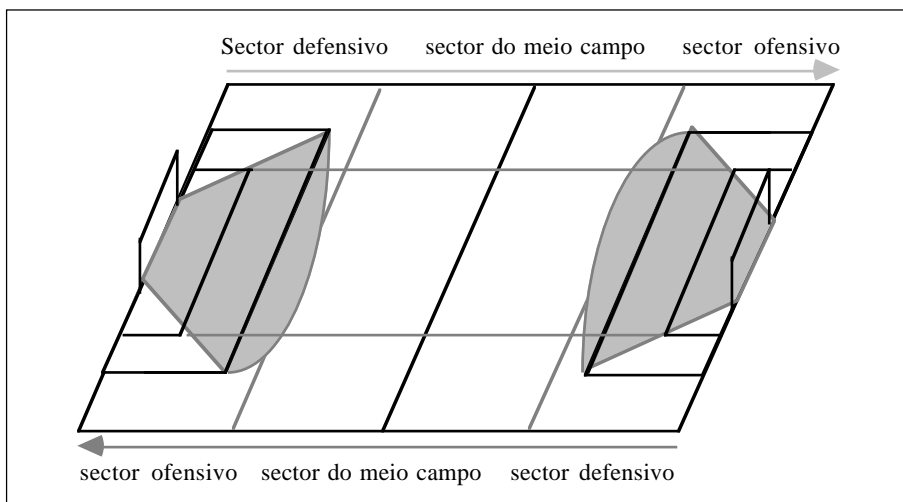


Figura 3 - Zonas predominantes de finalização

Em síntese, diríamos que:

– O sector defensivo é um espaço de grande segurança e responsabilidade individual e colectiva. Nesta zona do terreno é fundamental que os jogadores não criem situações de risco para a sua própria baliza - isto é, não arriquem.

– O sector do meio campo é um espaço onde deve subsistir o equilíbrio entre a segurança e o risco - isto é, as equipas devem esforçar-se por, por um lado, manter a estabilidade da organização da própria equipa e, por outro, procurar insistentemente romper a organização da equipa adversária.

– O sector atacante é um espaço de alto risco onde a concretização eficaz da acção ofensiva (criação de situações de finalização) exige o recurso a acções técnico-tácticas individuais e colectivas criativas, rápidas e imprevisíveis.

O grande espaço de jogo (entre 300 a 340 metros quadrados por jogador) não pode ser totalmente coberto pelos jogadores. Daqui ressalta a importância que assume a compreensão clara e objectiva por parte de todos os jogadores dos comportamentos técnico/tácticos a empreender nos diferentes espaços de jogo.

A criação ou restrição de espaços só é possível através de deslocamentos contínuos e sincronizados de todos os jogadores. Quando uma equipa se encontra de posse da bola a eficiência de execução das suas acções individuais e colectivas para a persecução dos objectivos do ataque passa pela criação e exploração de espaços livres. Para a equipa sem posse de bola, a eficiência das suas acções passa pela restrição e vigilância dos espaços vitais de jogo.

A ocupação racional, constante e fluida dos diferentes espaços de jogo é uma característica dos sistemas de jogo actuais e uma condição de optimização dos mesmos (Castelo, 1996).

• **O tempo de jogo** – O tempo de jogo está perfeitamente regulamentado. É de 90 minutos para o escalão senior. Mas o tempo de jogo efectivo é de mais ou menos 50 minutos. Durante este tempo cada equipa poderá estar de posse da bola cerca de 25 minutos e cada jogador apenas entre 30 segundos (defesas centrais) e 3 minutos (condutores de jogo). Durante todo o restante tempo, os jogadores recolhem e seleccionam informação, analisam-na e tomam decisões. Estas constatações implicam que sejam clarificadas as relações entre técnica e estratégia e que se atribua a devida importância ao jogo sem bola (Garganta & Pinto, 1994).

As acções técnico-tácticas estão inteiramente imergidas no tempo não somente porque o utilizam, mas também porque as equipas jogam estrategicamente com ele, utilizando, de acordo com os seus objectivos momentâneos, variações de velocidade e de ritmo (Grehaigne, 1992).

Assim, a noção de tempo aparece intimamente ligada a outras noções, nomeadamente, às noções de:

- Velocidade – isto é, velocidade com que se encontram as soluções mentais dos problemas e se executam essas mesmas soluções. A eficácia da resolução das situações de jogo depende, em grande parte, daquela velocidade.
- De ritmo, entendido como o maior ou menor número de acções individuais e colectivas realizadas por unidade de tempo.
- De espaço e número, porque quanto mais espaço tiverem os jogadores ou quanto menos jogadores houver num determinado espaço, de mais tempo disporão para executarem, com adequação, as acções técnico-tácticas.

• **O regulamento** – O regulamento é o factor que normaliza os comportamentos técnico-tácticos dos jogadores prescrevendo os requisitos necessários para que estes possam intervir nas diferentes situações de jogo (Castelo, 1996). O regulamento define:

- As características e dimensões do terreno de jogo.
- As características dos materiais complementares usados no jogo.
- O número de jogadores que participam no jogo e as formas de intervenção no mesmo.

- As formas de pontuar e ganhar ou perder o jogo.
- O tempo total de jogo, divisão e controlo do mesmo.
- As formas de participação dos jogadores e de relação com os companheiros.
- As formas de relação com os adversários.
- As formas de utilização do espaço de jogo.
- As penalizações às infracções às regras.

• **O número** – Muitos são os investigadores do futebol que consideram o factor número ou, mais precisamente, a superioridade numérica como um dos elementos determinantes da vitória.

Mas o número de jogadores está perfeitamente regulamentado pelas leis do jogo – são 11x11, 7x7 ou 5x5. Por isso e na impossibilidade de se atingir uma superioridade numérica absoluta (excepto em certos casos especiais – expulsões/lesões), resta às equipas tentarem assegurar uma superioridade relativa em cada situação momentânea de jogo, graças a uma judiciosa utilização dos jogadores. Neste contexto, a superioridade numérica refere-se à superioridade que é conseguida, momentaneamente, no centro do jogo e nas zonas circundantes.

Nestas zonas, é, de acordo com a generalidade dos autores, fulcral procurar-se sempre:

- Recusar a inferioridade numérica.
- Evitar a igualdade numérica.
- Criar a superioridade numérica.

Aliás, estes três aspectos foram já elevados à categoria de princípios gerais do jogo de futebol – isto porque as equipas que, sistematicamente, conseguem criar superioridade numérica nas sucessivas situações de jogo têm todas as probabilidades de as poderem resolver a seu favor. E a equipa que mais situações de jogo ganhar, mais probabilidades tem de ganhar o jogo.

2 · As fases do jogo

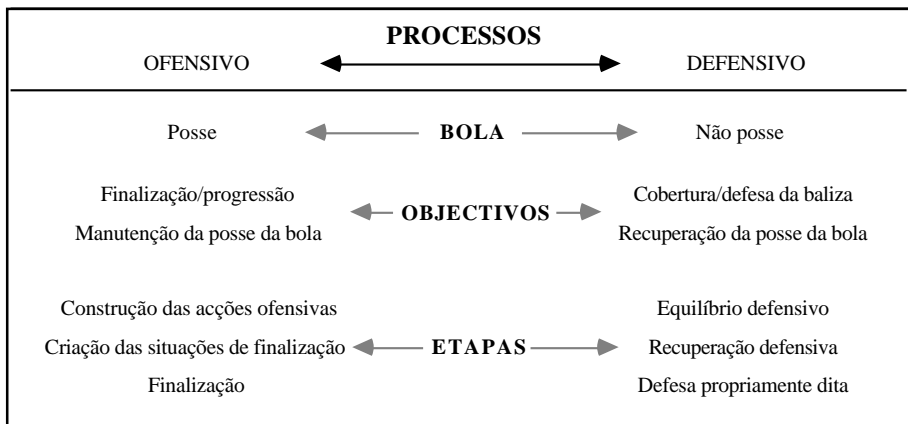


Figura 4 - Síntese dos objectivos e das etapas das fases do jogo

No jogo de futebol coexistem, em relação dialéctica, dois processos (fases) fundamentais perfeitamente distintos: o processo ofensivo e o processo defensivo – que reflectem conceitos, objectivos, princípios e comportamentos técnico-tácticos diferentes (figura 5).

Os processos ofensivo e defensivo são determinados pela

condição – posse ou não da bola: a equipa que tem a posse da bola ataca – está em processo ofensivo; a equipa que não tem a posse da bola defende – está em processo defensivo.

Neste contexto, todo o jogador, seja qual for a sua função dentro do sistema de jogo da equipa, será sempre um potencial atacante quando a sua equipa tem a posse da bola e um potencial defesa quando a sua equipa não tem a posse da bola.

Todavia, há que ter consciência que todos comportamentos técnico-tácticos dos jogadores devem reflectir constante e simultaneamente uma intenção ofensiva e uma intenção defensiva independentemente da equipa a que pertencem ter ou não a posse de bola.

Esta dualidade de intenções e objectivos deve estar presente em todos os comportamentos técnico-tácticos de todos os jogadores.

2.1 - O processo ofensivo

O processo ofensivo é objectivamente determinado pela posse da bola. Começa quando uma equipa ganha a posse da bola ou mesmo antes e termina quando perde a posse da mesma. Contém um fim positivo, pois é só através dele que o jogo de futebol pode ter uma conclusão lógica – o golo que conduz à vitória. É para este objectivo que todos os jogadores das duas equipas em confronto, quando de posse da bola, devem direccionar as suas intenções e acções.

2.1.1 - Os objectivos do processo ofensivo

São dois os objectivos fundamentais do processo ofensivo: finalização/progressão no terreno de jogo e manutenção da posse da bola.

- A finalização ou a progressão no terreno de jogo – Imediatamente após a recuperação da posse da bola, o objectivo fulcral da equipa é o de finalizar se tem condições ou, se não tem, o de progredir em direcção à baliza adversária da forma mais rápida e segura possível.

A persecução deste objectivo exige que os jogadores da equipa que ataca:

- Tentem contínua e insistentemente desorganizar o sistema defensivo da equipa adversária, para poderem criar as condições, em termos de número, espaço e tempo, mais favoráveis à resolução das sucessivas situações momentâneas de jogo.
- Orientem a maioria das acções técnico-tácticas individuais e colectivas em direcção à baliza adversária.
- Procurem, quando perto da baliza adversária, a criação das condições mais propícias à culminação positiva do processo ofensivo – isto é, à obtenção do golo.

Perseguir contínua e persistentemente este objectivo

(finalização ou progressão) é a tarefa mais importante de todos os jogadores em processo ofensivo, pelo que todos têm de esforçar-se por cumpri-la com a maior empenho e frequência possíveis.

- A manutenção de posse da bola – A manutenção de posse da bola não é um fim em si mesmo, mas é a condição “sine qua non” para a concretização do objectivo maior do jogo de futebol – a marcação do golo.

Procurar manter a posse da bola significa, segundo Teodorescu (1984), evitar o risco irracional que leva alguns jogadores a perder a posse da bola de uma forma extemporânea e injustificável. Não sendo um fim em si mesmo, mas a condição para a persecução do objectivo máximo do jogo, há que encontrar o equilíbrio entre o risco e a segurança, tendo sempre presente que se as acções individuais e as combinações tácticas utilizadas na construção e criação de situações de finalização não resultarem à primeira, é preferível tentar reiniciá-las do entregar desnecessariamente a bola ao adversário.

Assim, e de acordo ainda com Teodorescu (1984), a resolução de qualquer situação momentânea de jogo ofensiva, deve ser sempre avaliada em função do binómio risco/segurança. Cabe ao jogador de posse da bola perceber e avaliar correctamente as vantagens e as desvantagens deste ou daquele comportamento em função dos objectivos tácticos da equipa e do princípio – “mais vale uma acção técnico-táctica a mais do que uma acção que entregue a bola ao adversário”. A acção a mais pode não constituir a solução mais adequada e eficaz para uma dada situação momentânea de jogo, mas, ao permitir manter a posse da bola, torna possível a reorganização do processo ofensivo.

2.1.2 - As etapas do processo ofensivo

As etapas do processo ofensivo representam as subdivisões – isto é, os períodos por que passam os jogadores de uma equipa desde o momento em que recuperam a bola até ao momento em que a perdem.

Dietrich (1978), bem como a generalidade dos autores, considera que o processo ofensivo compreende três etapas fundamentais (figura 5):

- A construção do processo ofensivo
- A criação das situações de finalização
- A finalização

1ª - A construção do processo ofensivo. A construção do processo ofensivo é a etapa do ataque mais fácil e frequentemente observável. É, também, a etapa em que se dispense mais tempo.

No decurso desta etapa, a equipa de posse da bola procura conduzi-la para a zona predominante de finalização através de acções técnico/tácticas individuais e colectivas (passes, dribles, combinações tácticas, etc.).

A condução da bola pelos diferentes espaços e jogadores é, ou deve ser, realizada de uma forma contínua, fluida, rápida e segura, procurando, por um lado, evitar-se ao máximo a sua perda e, por outro, criarem-se contínuos desequilíbrios na organização defensiva da equipa adversária.

A velocidade de circulação da bola deverá estar estritamente dependente do estado de organização da defesa da equipa adversária. Assim, se esta se encontrar ainda na fase de equilíbrio defensivo – isto é, com poucos jogadores entre a linha da bola e a baliza, dever-se-ão desencadear acções técnico-tácticas individuais e colectivas a alta velocidade para evitar que a equipa adversária tenha o tempo necessário para se colocar no seu dispositivo defensivo de base. Mas, se a organização defensiva da equipa adversária se encontrar já na sua fase final – isto é, com muitos jogadores entre a linha da bola e a baliza, é aconselhável executar acções técnico-tácticas individuais e colectivas mais pensadas, mais seguras, logo, mais lentas, procurando criar-se desequilíbrios pontuais e temporários no sistema defensivo adoptado pela equipa adversária, a fim de fazer progredir a bola de forma segura para as zonas predominantes de finalização.

Nesta etapa do ataque, têm-se revelado determinantes três aspectos:

- A reacção rápida de todos os jogadores imediatamente após a recuperação da posse da bola (ou mesmo antes, já que os jogadores que não intervêm directamente na fase defensiva da sua equipa podem e devem preparar mentalmente as próximas acções ofensivas procurando espaços vazios que possam ser utilizados para o relançamento do ataque), objectivada através de deslocamentos escalonados em largura e profundidade para aproveitar o momentâneo desequilíbrio em que se encontra normalmente uma equipa que estava a atacar e, de repente, têm que passar a defender.

Convém que estas movimentações sejam realizadas:

- Segundo diferentes ângulos e para diferentes espaços.
- Sem nunca se perder o contacto visual com a bola.
- Tendo sempre uma visão o mais ampla possível do terreno de jogo para procurar fazer progredir a bola através dos espaços mais favoráveis.
- De forma a proporcionar ao companheiro de posse da bola o máximo de alternativas de resolução da situação momentânea de jogo.
- De forma a dificultar o trabalho defensivo – isto é, de forma a dificultar as marcações e o estabelecimento das coberturas defensivas.

- A eficácia dos jogadores no que se refere à execução das acções técnico-tácticas individuais e colectivas. Estas devem ser efectuadas de forma a evitar-se a perda imediata e extemporânea da posse da bola, o que, a acontecer, se traduziria em mais uma mudança, num curto espaço de tempo, da atitude dos jogadores (atitudes

defensiva → ofensiva → defensiva) e no conseqüente desequilíbrio da organização da equipa após o momento da nova perda da bola. Há, assim, a necessidade de se assegurar a posse da bola para que a equipa encontre uma forma segura e eficaz, mas tão rápida quanto possível, de a fazer progredir até à zona de finalização.

- A correcta leitura das situações de jogo por parte de todos os atacantes, mas especialmente por parte do possuidor da bola. É o resultado desta leitura que determina o método ofensivo que a equipa deverá desencadear – contra-ataque, ataque rápido ou ataque posicional. A opção por um destes métodos dependerá, obviamente, do estado de organização defensiva da equipa adversária.

2ª - A criação das situações de finalização. A criação das situações de finalização é a etapa do processo ofensivo em que a equipa que ataca procura, na zona predominante de finalização, através de acções técnico-táticas individuais e colectivas, desorganizar a estrutura defensiva da equipa adversária para conseguir criar as condições mais favoráveis à concretização imediata do objectivo do jogo – o golo.

Esta etapa decorre em zonas altamente povoadas de jogadores, sobretudo de defesas. Por isso, tem de ser objectivada por combinações muito ricas do ponto de vista tático, pois só através de acções técnico-táticas muito ricas, rápidas e imprevisíveis será possível provocar, na organização defensiva da equipa adversária, as roturas necessárias à implementação da fase seguinte – a finalização.

3ª - A finalização. Esta é a etapa que culmina todo o trabalho ofensivo da equipa com vista à obtenção do golo. É objectivada pela acção técnico-táctica individual de remate.

Ocorre numa zona restrita do terreno de jogo, onde a pressão dos adversários é enorme e o espaço e o tempo de realização muito curtos. Por isso, não admira que a precisão, a velocidade de execução elevada, a espontaneidade, a determinação e a criatividade sejam as componentes mais marcantes e evidentes desta fase do ataque.

A perda da posse da bola que põe termo ao processo ofensivo pode ocorrer em qualquer uma das três etapas descritas (figura 5). Os dados da investigação evidenciam que apenas 1.5 a 2% dos processos ofensivos terminam na sua terceira etapa – a finalização e que cerca de 70% das acções ofensivas não passam da primeira - a etapa de construção do processo ofensivo, devido, quase sempre, a opções precipitadas, maus passes ou deficientes controlos da bola. Seria, no entanto, desejável que a perda de posse da bola ocorresse muito mais vezes do que na realidade acontece na etapa de finalização e, em especial, após a obtenção do golo.

Três aspectos poderão exercer uma influência decisiva na persecução deste objectivo:

- A reacção pronta e rápida de todos os jogadores imediatamente após a recuperação da posse da bola independentemente da zona do terreno onde se encontrem e das funções predominantes que desempenhem no sistema de jogo utilizado pela equipa.

Esta reacção rápida visa aproveitar o momentâneo desequilíbrio em que se encontra a equipa que estava a atacar e de repente têm que passar a defender.

- A movimentação permanente de todos os jogadores sem bola. Através de deslocamentos adequados e oportunos, alguns destes jogadores devem fornecer cobertura e apoios laterais e frontais aos companheiros de posse da bola de forma a aumentar-lhes as possibilidades de resolução das sucessivas situações momentâneas de jogo com o máximo de segurança, os restantes devem efectuar deslocamentos de progressão e rotura na tentativa de desorganizar a defesa adversária.

- Uma boa percepção e análise das situações de jogo por parte dos sucessivos portadores da bola e também, diríamos, por parte de todos os seus companheiros. Só uma boa leitura das condições contextuais por parte de todos os atacantes proporcionará aos sucessivos portadores da bola:

- Ter várias opções de solução das situações momentâneas de jogo.
- Jogar rapidamente visando aproveitar as solicitações dos companheiros melhor colocados – isto é, em espaços mais perigosos para a equipa adversária.
- Temporizar, manter a posse da bola, esperando o momento mais favorável para a resolução das situações momentâneas de jogo através da escolha e execução das acções técnico-tácticas mais adequadas.

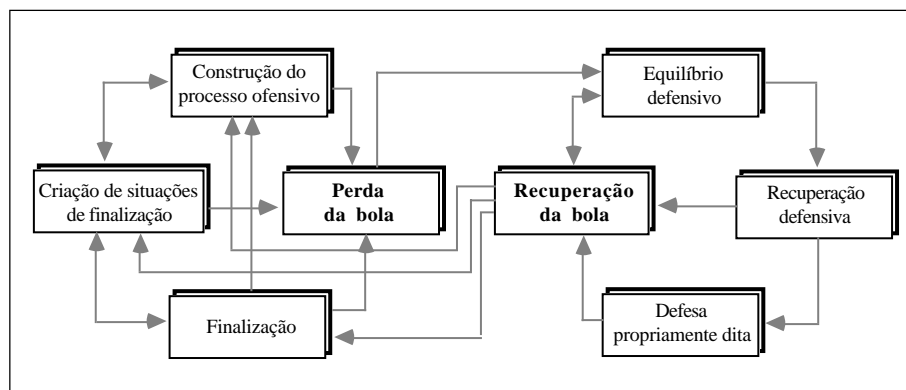


Figura 5 - Representação das etapas e das suas interrelações dos processos ofensivo e defensivo (Castelo, 1996)

Como conclusão da análise do processo ofensivo, diríamos que há quatro questões fundamentais relativas à reacção dos jogadores imediatamente após a conquista da bola sobre as quais nenhum jogador pode ter dúvidas ou hesitações:

- Quando se deve reagir? → No momento imediato à recuperação de posse da bola.
- Quem deve reagir? → Todos os jogadores da equipa.
- Onde se deve reagir? → Em qualquer zona do terreno de jogo onde os jogadores se encontrem.
- Como se deve reagir? → Através de deslocamentos imprevisíveis e rápidos que permitam ocupar ou utilizar lugares apropriados a fim de oferecer linhas de passe ao companheiro de posse da bola e romper a organização defensiva da equipa adversária.

2.2 - O processo defensivo

O processo defensivo representa a fase do jogo durante a qual uma equipa luta para entrar de posse da bola tendo em vista a realização das acções ofensivas. Objectivamente, começa com a perda de posse da bola e termina com a sua recuperação.

O processo defensivo, contrariamente ao processo ofensivo, encerra em si uma intenção negativa uma vez que, enquanto dura, a equipa não poderá concretizar o objectivo do jogo – o golo. Por isso, este processo deverá ser encarado sempre como uma forma de recurso, pelo que deve ser abandonado o mais depressa possível. A equipa que defende não deve, assim, limitar-se a esperar que a equipa que ataca cometa erros e perda a posse de bola em consequência, mas deve ripostar, sempre e em qualquer zona do campo, de forma a obrigar a equipa que ataca a cometer erros e a preocupar-se, não apenas com a construção das acções ofensivas, mas também com a conservação da bola e com a protecção da sua própria baliza (Teodorescu, 1984).

2.2.1 - Os objectivos do processo defensivo

São dois os objectivos fundamentais da equipa que está em processo defensivo: a defesa da baliza e a recuperação da posse da bola.

- A defesa da baliza – Imediatamente após a perda da posse de bola, uma das grandes preocupações de todos os jogadores em processo defensivo incidirá, naturalmente, na defesa da sua própria baliza, fazendo-lhe uma cobertura adequada. Para tal, a equipa que defende deve, tão depressa quanto possível, concentrar o maior número possível de jogadores entre a linha da bola e a própria baliza.
- A recuperação da posse da bola – Uma outra grande preocupação da equipa que não tem a posse da bola é tentar recuperá-la o mais rapidamente possível.

Como?

Atacando agressivamente o portador da bola e todos os atacantes que estejam em boas condições de receber a bola (atacantes mais próximos do portador da bola).

Os dados da investigação demonstram que a maioria dos golos são marcados a partir de recuperações de bola efectuadas perto da baliza adversária. Neste sentido, se quisermos aumentar as probabilidades de marcar mais golos, temos que incentivar os jogadores em fase defensiva a aumentarem o número de recuperações da bola o mais perto possível da baliza adversária (Hughes, 1990; Castelo, 1996).

Este objectivo só é alcançável se a equipa, imediatamente após a perda da bola, “subir”, em bloco, em direcção à bola para tentar recuperá-la o mais rapidamente possível e o mais perto possível do local onde foi perdida.

Imediatamente após a perda da bola, o ou os defensores que estiverem mais perto dela devem tentar recuperá-la imediatamente “atacando” agressivamente o seu portador. Simultaneamente, os restantes companheiros devem deslocar-se, em bloco, em direcção à bola para dar cobertura àqueles que estão directamente envolvidos na recuperação da bola, anulando os espaços mais prováveis de progressão à equipa adversária.

A melhor e mais positiva estratégia defensiva consiste, diz Hughes (1990), em “subir” no terreno de jogo imediatamente após a perda da bola e pressionar os atacantes, sobretudo o portador da bola, para que a recuperação da posse da bola ocorra o mais perto possível da baliza destes.

2.2.2 - As etapas do processo defensivo

As etapas da defesa representam as subdivisões - isto é, os períodos por que passa uma equipa no decurso do processo defensivo.

O processo defensivo decorre, tal como o ofensivo, em três etapas (figura 5):

- O equilíbrio defensivo
- A recuperação defensiva
- A defesa propriamente dita

1ª - O equilíbrio defensivo. As equipas organizadas mantêm grandes preocupações defensivas não apenas quando estão em processo defensivo, mas também quando estão em processo ofensivo. Sabe-se que a posse de bola pode ser perdida em qualquer etapa do processo ofensivo (figura 5). Este facto obriga a equipa que ataca, e enquanto ataca, a ter que tomar também medidas defensivas preventivas. Estas medidas consistem em colocar um ou mais jogadores na retaguarda dos jogadores mais adiantados da equipa que nesse momento se encontra em processo defensivo – isto é, dos jogadores da equipa adversária que não participam directamente no processo defensivo da sua equipa (figura 6).

Esta etapa da defesa, designada por equilíbrio defensivo, decorre quando a equipa está em processo ofensivo e constrói-se na base da igualdade ou superioridade numérica – isto é, se a equipa que defende deixar dois jogadores adiantados, a equipa que ataca deverá

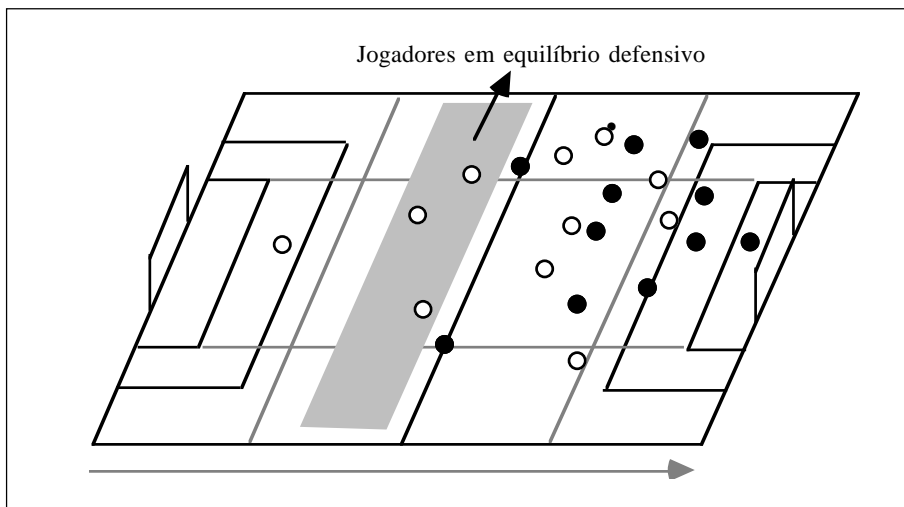


Figura 6 - O equilíbrio defensivo

deixar dois ou três jogadores recuados (entre os atacantes e a própria baliza) que deverão manter sob vigilância os adversários que, não estando directamente empenhados na recuperação da bola, estejam em boas condições para dar continuidade ao próximo processo ofensivo da sua equipa e os espaços através dos quais a equipa adversária terá mais probabilidades de desencadear as suas acções ofensivas.

Esta etapa do processo defensivo tem, segundo Teodorescu (1984), três objectivos fundamentais:

- Facilitar a reorganização do próximo ataque em caso de bloqueamento do que está a decorrer.
- Permitir a passagem organizada e sem pânico à fase de defesa após a perda de posse da bola.
- Tornar possível a organização de uma defesa temporária até que todos os companheiros se enquadrem no dispositivo defensivo da equipa.

2ª - A recuperação defensiva. Esta etapa consiste no recuo (não voluntário, mas imposto pela capacidade de progressão da equipa adversária – refira-se) dos jogadores da equipa que defende das posições em que se encontram quando a equipa perde a posse da bola até às posições de base que cada jogador ocupa no dispositivo defensivo adoptado (figura 7).

A recuperação defensiva começa, pois, logo após a impossibilidade de se recuperar a posse da bola ou de se evitar a progressão do ataque adversário e dura até à ocupação do dispositivo defensivo adoptado pela equipa.

O recuo defensivo deve processar-se em “pressing” permanente – isto é, durante o trajecto de recuo, os jogadores em acção defensiva devem ir exercendo uma forte marcação quer sobre o

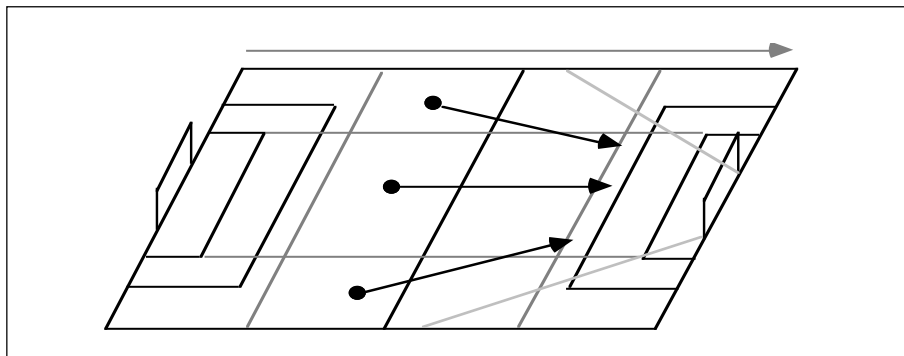


Figura 7 - As linhas de recuperação defensiva

portador da bola, quer sobre os adversários com mais possibilidades de darem seguimento ao processo ofensivo. Imediatamente após a perda da bola, um ou mais defensores (o ou os que estiverem mais perto) “atacam” o portador da bola, formando, assim, uma primeira linha defensiva. Por trás daquela linha, organiza-se imediatamente uma segunda que dará cobertura à primeira. Toda a equipa participa neste processo deslocando-se de forma homogênea e compacta em função dos deslocamentos da bola.

Desta forma haverá sempre uma grande concentração de defesas entre a linha da bola e a baliza que defendem, o que obrigará, muito provavelmente, os sucessivos portadores da bola a terem que jogar para trás ou para o lado ou a perderem a posse da bola por falta de tempo e de espaço para resolverem adequadamente as sucessivas situações momentâneas de jogo.

O sucesso desta forma de recuperação defensiva assenta em dois aspectos fundamentais:

- Na responsabilidade individual que todos os jogadores da equipa que defende têm que assumir de marcar agressivamente os sucessivos portadores da bola de forma a “roubar-lhes” a bola ou a impedi-los de jogar para a frente.
- Na entreaajuda organizada e permanente – isto é, na coordenação das acções individuais de todos os defesas (contenções, coberturas, equilíbrios, compensações e permutações), pelo que todos devem saber e estar capacitados para ocupar os lugares e a funções específicas uns dos outros.

3ª - A defesa propriamente dita. Em função da capacidade ofensiva da equipa adversária, a equipa que defende vai recuando, sempre em “pressing” permanente, até ocupar o dispositivo defensivo de base utilizado. É aqui que começa a fase de defesa propriamente dita. Esta constitui a etapa principal, porque mais evidente e demorada, do processo defensivo. Começa, portanto, quando todos os jogadores ocupam o dispositivo defensivo adoptado pela equipa e termina quando se recupera a posse da bola.

Em síntese, diríamos que o processo defensivo dura enquanto dura o jogo. Isto porque os jogadores que não intervêm directamente no processo ofensivo da sua equipa devem estar a preparar mentalmente o próximo processo defensivo, prevendo, localizando e marcando quer os espaços através dos quais a equipa adversária poderá desencadear acções ofensivas, quer os adversários que estejam em boas condições para darem continuidade ao processo ofensivo (figura 6).

Ao consumir-se a perda da bola, todos os jogadores da equipa deverão reajustar, o mais rapidamente possível, as suas atitudes e comportamentos técnico-tácticos de forma a anular espaços e jogadores adversários com e sem posse de bola ou, dito de outra forma, ao consumir-se a perda da bola, toda a equipa deverá mudar de uma atitude ofensiva para uma atitude defensiva reajustando os comportamentos técnico-tácticos individuais e colectivos de forma a dar resposta a quatro questões fundamentais (Castelo, 1996):

- Quem deve reagir? → Todos os jogadores da equipa.
- Quando se deve reagir? → No momento imediato à perda da bola.
- Onde se deve reagir? → Em qualquer zona do terreno de jogo onde os jogadores se encontrem.
- Como se deve reagir? → Ocupando lugares e posições, anulando espaços e atacantes com e sem bola.

3 · Os sistemas de jogo

Os sistemas de jogo, também chamados dispositivos tácticos, representam o modo de colocação dos jogadores no terreno de jogo.

Esta colocação de base dos jogadores no terreno (4:4:2; 4:5:1; 4:3:3; etc.) estabelece a ordem e os equilíbrios nas várias zonas do campo, servindo de ponto de partida para os deslocamentos dos jogadores e para a coordenação das suas acções individuais e colectivas (Teodorescu, 1984).

Assim, os sistemas de jogo cumprem, segundo Castelo (1994), três objectivos fundamentais:

- Asseguram a racionalização do espaço de jogo através da distribuição dos jogadores da equipa no terreno de jogo de forma mais ou menos homogénea e coerente, consubstanciando, paralelamente, a constituição de sectores (defensivo, médio e ofensivo) formados por vários jogadores.
- Asseguram a racionalização das potencialidades individuais dos jogadores através da atribuição de um conjunto de tarefas em função dos objectivos tácticos da equipa e das particularidades da equipa adversária.
- Estabelecem normas orientadoras dos comportamentos técnico-tácticos individuais e colectivos tanto em processo ofensivo como defensivo.

Desde a institucionalização do futebol em 1863, os sistemas de jogo conheceram constantes modificações.

Estas modificações traduzem evoluções quer de natureza conceptual (sobretudo de ordem técnico-táctica, mas também física e psicológica), quer de natureza regulamentar (regras do jogo). São o reflexo, segundo Castelo (1994 e 1996), das seguintes vertentes:

- Da procura constante do estabelecimento da superioridade numérica em certas zonas vitais do terreno de jogo (meio campo).
- Da procura do equilíbrio entre o ataque e a defesa (igual número de jogadores com funções fundamentalmente defensivas e ofensivas)
- Da procura da ocupação racional da totalidade do espaço de jogo de forma a criar, explorar ou vigiar zonas vitais para atacar e defender, melhorando paralelamente o conceito de largura e profundidade da equipa.
- Das modificações operadas nas leis do jogo, nomeadamente na lei do fora-de-jogo.
- Do melhoramento das capacidades técnico-táticas, físicas e psicológicas dos jogadores.

Vejam, de forma muito sintética, a evolução, segundo Castelo (1996), dos sistemas de jogo.

• **A época dos dribladores** (figura 8). Entre 1863, ano em que foi institucionalizado o futebol, e 1873, os sistemas de jogo utilizados eram caracterizados pela esmagadora superioridade do ataque sobre a defesa: 1:9 (1 defesa e 9 avançados); 1:1:8 (1 defesa, 1 médio e 8 avançados); 1:2:7 (1 defesa, 2 médios e 7 avançados).

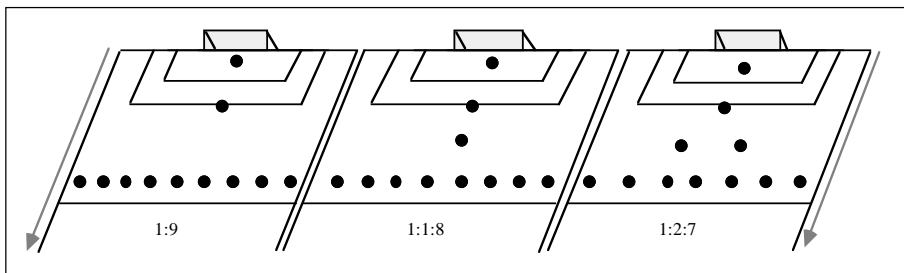


Figura 8 - Os sistemas de jogo entre 1863 e 1870

O jogo, nesta época, era alicerçado em acções individuais de drible e condução de bola. Um jogador, quando conquistava a posse da bola, realizava uma sequência de acções em progressão para a baliza adversária até conseguir criar condições para rematar ou até perder a bola. Se algum opositor recuperava a bola empreendia o mesmo tipo de acções, mas em sentido inverso. Não havia, portanto, divisão de funções nem colaboração entre os jogadores da equipa. Os

atacantes sem bola limitavam-se a acompanhar o possuidor da bola para a tentarem recuperar quando este a perdesse para poderem iniciar uma nova penetração.

• **A época dos dois defesas** (figura 9) – Por volta de 1880, o jogo de futebol começou (casualmente?) a deixar de ser um jogo de penetrações solitárias (acção dos dribladores) para se transformar num jogo de comunicação, num jogo de passes (desenvolvimento da componente táctica).

Do jogo a só (predominantemente individual) passou-se, progressivamente, para o jogo de conjunto. Até aqui, corria-se para trás e para a frente. A partir de agora, os jogadores começaram a ter necessidade de se espalharem pelo espaço de jogo, adquirindo, assim, especial importância, não só o sentido defesa/ataque, como também o sentido da largura e profundidade da equipa.

Traduzindo estas novas concepções começa a ser utilizado o sistema – 2:2:6 (2 defesas, 2 médios e 6 avançados).

• **A época do sistema clássico** (figura 9) – Comprovada, em termos ofensivos, a eficácia do jogo “de passes”, nasceu, naturalmente, a necessidade de a neutralizar.

Como?

Fazendo recuar um dos seis avançados para a posição de médio centro. Estava criado o sistema – 2:3:5 que sobreviveu durante quase 50 anos (daqui a sua designação de sistema clássico).

Este sistema garantia um maior equilíbrio entre a defesa e o ataque, já que quando os atacantes da equipa adversária tinham a posse da bola viam-se constantemente confrontados com 5 opositores (os 3 médios e os 2 defesas), ou com 7, já que havia sempre a possibilidade de 2 dos 5 avançados poderem actuar na posição interiores – isto é, mais recuados.

Neste sistema de jogo, o jogador mais importante era o médio centro que tinha as funções de defesa e atacante. Auxiliava a sua defesa quando a equipa contrária tinha a posse da bola e apoiava o seu ataque quando era a sua equipa a ter a posse da bola para procurar criar situações de superioridade numérica.

Em síntese, o sistema clássico apresentava (Castelo, 1994) as seguintes características:

- Uma distribuição mais equilibrada das missões tácticas e das despesas energéticas dos jogadores pelos três sectores da equipa.
- Os dois defesas asseguravam a cobertura da zona central da baliza.
- Os três médios representavam os pontos mais fortes do sistema de forças da equipa, exercendo funções ofensivas e defensivas.
- Os médios laterais marcavam os extremos adversários.
- Os dois interiores coordenavam o jogo ofensivo.

- Os dois extremos e o avançado centro procuravam finalizar o jogo ofensivo.

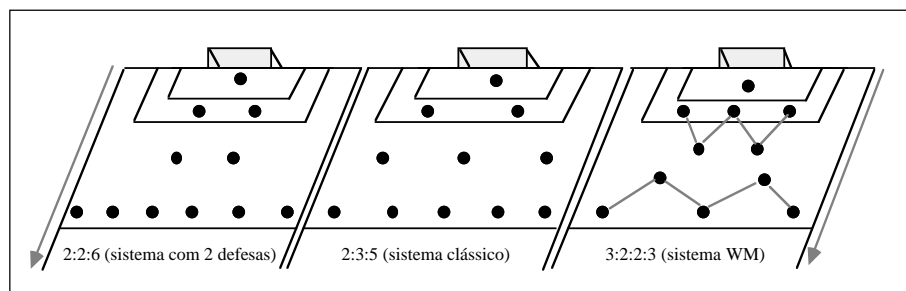


Figura 9 - Os sistemas: com 2 defesas, clássico e WM

• **A época do sistema WM** (figura 9) – Por volta de 1925, Chapman, treinador do Arsenal de Londres, converteu o médio centro num terceiro defesa (defesa central). A este defesa foi atribuída a missão de vigiar e marcar individualmente o avançado centro da equipa adversária enquanto que os seus companheiros (defesas laterais) ficaram com a missão de marcar os extremos adversários. Os 2 médios, que no sistema clássico marcavam os extremos, deslocaram-se para o meio do terreno de jogo com a função de marcar os interiores da equipa adversária. Implantou-se, assim, o sistema WM, considerado como o primeiro sistema que, em teoria, proporcionava um equilíbrio numérico entre defesas e atacantes (5 defesas e 5 atacantes).

Em linhas gerais, a estratégia fundamental deste sistema de jogo era fazer recuar sete jogadores (os 3 defesas, os 2 médios e os 2 interiores) em bloco homogéneo quando a equipa adversária atacava. Esta estratégia obrigava a equipa que atacava a ter que deslocar mais jogadores para a frente de forma a compensar o desequilíbrio numérico existente na tentativa de ultrapassar a barreira defensiva formada pelos sete defesas, deixando o seu sector defensivo desguarnecido. A equipa que defendia, logo que recuperava a posse da bola, lançava-a para a frente em direcção a um dos três avançados adiantados que, sendo rápidos (sobretudo os extremos) a conduziam directamente para a baliza adversária.

O sistema WM concretizava uma organização que repartia as tarefas tácticas dos jogadores com precisão e exprimia a superioridade do jogo colectivo sobre o jogo individual.

• **A época dos quatro defesas** (figura 10) – O campeonato do mundo de 1958, realizado na Suécia, constituiu um novo marco na evolução dos sistemas de jogo. Esta evolução resulta da reacção ao sistema WM que limitava demasiado a acção individual dos jogadores devido à aplicação demasiado rígida dos princípios de base que, por vezes, conduzia a um jogo negativo e demasiado estático.

A adopção do 4:2:4 pela equipa Brasileira revolucionou o futebol mundial, introduzindo no sistema de jogo, pela primeira vez,

4 defesas, 2 médios e 4 avançados. Para o efeito, bastou deslocar, do sistema WM, um médio para a linha defensiva e um interior para a linha média do mesmo lado.

Os dois médios ficaram com a dupla função de atacar quando a sua equipa tinha a posse da bola e defender quando perdia a posse da mesma, o que quer dizer que a equipa atacava com seis jogadores e defendia com o mesmo número de jogadores.

A vantagem deste sistema situava-se na rapidez de transformar uma forte defesa num forte ataque. Este sistema permitia igualmente um jogo ofensivo e defensivo com maior mobilidade devido à utilização dos apoios e das permutações que permitiam conservar uma ocupação racional e permanente do espaço. No entanto, só uma grande preparação física (sobretudo dos 2 médios) permitia consubstanciar a aplicação deste sistema de jogo (introdução da dominante – condição física).

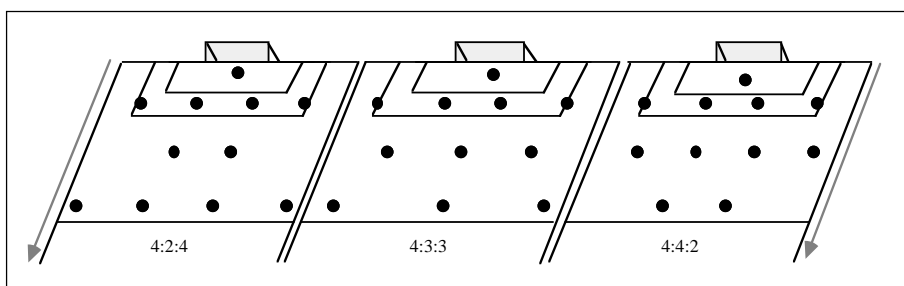


Figura 10 - Os sistemas de jogo: 4:4:2, 4:3:3, 4:4:2

• **Os sistemas de jogo actuais** (figuras 10 e 11) – A resposta à principal desvantagem do sistema 4:2:4 consistiu em fazer recuar um avançado para preencher a antiga posição do médio centro. Esta adaptação conduziu à criação do sistema 4:3:3 (figura 10). Este sistema teve a particularidade de ser o primeiro, na história dos sistemas de jogo, em que o número de jogadores com funções predominantemente defensivas ultrapassa o número de jogadores com funções predominantemente atacantes.

Posteriormente ao sistema 4:3:3, outros sistemas foram adoptados:

- O sistema 4:4:2 (figura 10). Este sistema começou a ser utilizado na década de 70 devido à necessidade de reforçar a linha média e continua a ser muito utilizado por consubstanciar uma ocupação racional e equilibrada do espaço de jogo e as missões tácticas estabelecidas para os jogadores dos diferentes sectores serem de fácil compreensão.
- O sistema 5:4:1 (figura 11). Este sistema tem como característica mais marcante o reforço do sector defensivo com mais um jogador que tanto se pode posicionar atrás da linha

defensiva para fazer a cobertura dos espaços situados nas “costas” dos seus companheiros (libero), como à frente da linha defensiva para reforçar a marcação da zona central da baliza (trinco).

- O sistema 4:5:1 (figura 11). Este sistema evidencia o reforço do sector do meio campo com a colocação de um quinto jogador quer na zona central do meio campo para equilibrar constantemente o método de jogo da equipa fazendo as compensações dos seus companheiros, quer por trás do ponta de lança para explorar os espaços criados por este jogador.
- O sistema 3:5:2 (figura 11). Este é outro dos sistemas de jogo que tem vindo a ser utilizado por muitas equipas na actualidade. Em linhas gerais, a missões tácticas dos jogadores, neste sistema, são as seguintes: dois dos defesas marcam individual e agressivamente o ou os pontas de lança adversários; o terceiro defesa “joga” nas “costas” ou à frente dos dois companheiros do sector defensivo, assumindo, em função das situações de jogo, as funções quer de libero quer de trinco; o médio centro tem por função principal equilibrar o método de jogo da equipa compensando os deslocamentos dos restantes médios; os médios “alas” têm a dupla função de atacar e defender pelos respectivos corredores; os dois médios “interiores” têm a seu cargo a organização do jogo ofensivo da equipa colaborando de forma privilegiada quer com os pontas de lança, quer com os médios “alas”; Os dois pontas de lança têm, neste sistema, muita liberdade podendo jogar tanto no corredor central como nos corredores laterais.

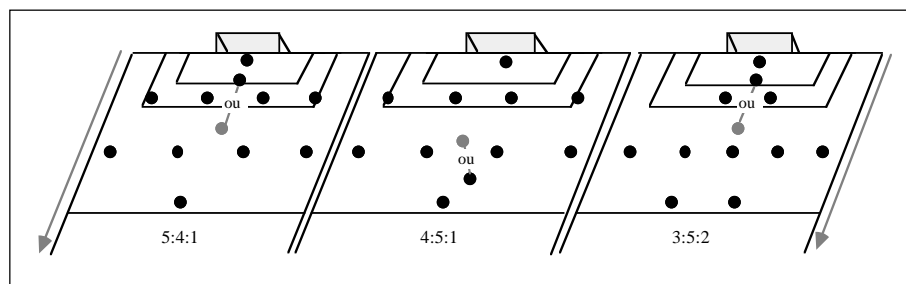


Figura 11 - Sistemas de jogo: 5:4:1, 4:5:1 e 3:5:2

Todos os sistemas de jogo actuais evidenciam uma característica comum: o número de defesas ultrapassa o número de avançados, facto que traduz uma excessiva preocupação defensiva.

Na base da criação de todos estes sistemas de jogo está uma ideia comum à generalidade dos treinadores (Hughes, 1990) – quase todos concordam que são necessários, no mínimo: 4 defesas, 2 médios

e 2 avançados. Isto significa total concordância relativamente a 8 jogadores. Restam 2 cuja possibilidade de jogarem num ou noutro sector determina a estrutura do sistema de jogo utilizado.

Vimos que o sistema de jogo constitui o referencial de base que visa:

- Assegurar a racionalização do espaço de jogo através da distribuição dos 11 jogadores da equipa no terreno de jogo de forma mais ou menos homogénea e coerente, consubstanciando, paralelamente, a constituição dos três sectores (defensivo, médio e ofensivo) em que normalmente se desdobra a equipa.
- Assegurar a racionalização das potencialidades individuais dos jogadores através da atribuição de um conjunto de tarefas e missões tácticas em função dos objectivos tácticos da equipa e das particularidades da equipa adversária.
- Estabelecer normas orientadoras dos comportamentos técnico-tácticos individuais e colectivos dos jogadores tanto em processo ofensivo como defensivo.

Não há que atribuir, portanto, mais importância aos sistemas de jogo do que a que de facto têm. Por si só não constituem a chave do sucesso. Aliás, podemos encontrar duas equipas que embora utilizando o mesmo sistema de jogo (4:3:3, por exemplo) joguem de forma completamente diferente. Basta que um dos treinadores instrua os seus defesas a subirem no terreno de jogo quando a ocasião se proporcionar e dois dos avançados a jogarem nos corredores laterais e o outro instrua os seus defesas a preocuparem-se essencialmente com as marcações aos seus adversários directos e os avançados a jogarem preferencialmente no corredor central do terreno de jogo.

Quando uma equipa perde, a causa mais provável não deve ser procurada na utilização deste ou daquele sistema de jogo (Hughes, 1990), mas antes noutros factores do trabalho efectivo da equipa.

Mesmo assim, indicariámos, como principais características, de um “bom” sistema de jogo, as seguintes (Bielinski):

- Ser simples para ser facilmente compreendido e interpretado por todos os jogadores.
- Ser equilibrado na relação de forças defesa/ataque uma vez que o objectivo do futebol consiste em marcar golos na baliza adversária sem os sofrer na própria.
- Facilitar a passagem defesa → ataque → defesa → ... de forma fluida e sem ocasionar a criação de espaços vazios entre os sectores defensivo e ofensivo.
- Permitir a ocupação racional e adequada do espaço de jogo de forma a maximizar as potencialidades de todos os jogadores.
- Formar um conjunto coerente onde cada jogador possui tarefas que deve executar em proveito de toda a equipa.

Paralelamente à evolução dos sistemas de jogo desenvolveu-se um conjunto de conceitos e perspectivas que imprimiu um carácter evolutivo ao jogo no sentido do equilíbrio entre as fases ofensiva e defensiva e entre os factores colectivos e individuais. Neste contexto, têm ganho crescente importância os seguintes aspectos (Castelo, 1994):

- A missão tática dos jogadores dentro do sistema de jogo da equipa passou a ser mais importante do que o seu posicionamento.
- O carácter universalista dos jogadores. Determinante é a noção de posse ou não posse da bola. Tendo como referência esta noção, todos os jogadores são potenciais atacantes quando a sua equipa tem a posse da bola e todos os jogadores são potenciais defesas quando a sua equipa não tem a posse da bola. Repare-se que é esta ambivalência dos jogadores e a marcação cerrada aos avançados que determina que os protagonistas fundamentais na concretização do processo ofensivo sejam, com muita frequência, jogadores pertencentes ao sector médio e defensivo.
- A exigência de um elevado espírito de entreajuda, de comunicação, de compreensão e domínio de todas as acções técnico-táticas do jogo por parte de todos os jogadores de forma a poderem encontrar-se soluções eficazes para as múltiplas e diversificadas situações de jogo a partir de um conhecimento e de um “saber fazer” colectivo.
- A exigência de índices elevados de capacidades físicas (o número e a intensidade dos esforços exigidos aos jogadores são muito elevados e cada vez maiores) e psicológicas (o aumento de pressão exercida sobre os jogadores afecta o seu raciocínio tático e o modo com “sentem” as situações à sua volta).

4 · Os métodos de jogo

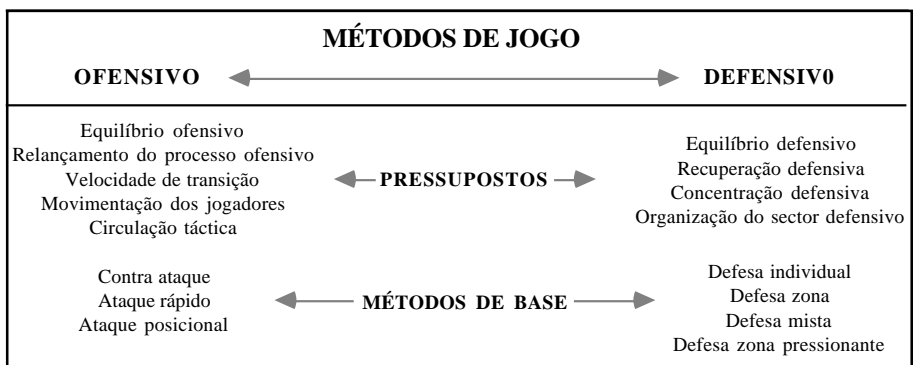


Figura 12 - Síntese dos métodos de jogo

Os métodos de jogo estabelecem a forma de organização geral das acções técnico-tácticas individuais e colectivas dos jogadores tanto no ataque como na defesa, dentro do sistema de jogo utilizado pela equipa – isto é, estabelecem:

- Os princípios gerais orientadores da organização da equipa quer quando ataca quer quando defende.
- O ritmo de jogo – isto é, a sequência e a velocidade de

execução dos comportamentos técnico-tácticos dos jogadores tanto no ataque como na defesa.

4.1 - Os métodos de jogo ofensivo

Os métodos de jogo ofensivo definem a forma de organização geral das acções dos jogadores de uma equipa quando tem a posse da bola, tendo em vista a perseguição dos objectivos do ataque e que são, recordemo-los, a finalização/progressão e a manutenção da posse da bola.

A eficácia de qualquer método de jogo ofensivo assenta, segundo Castelo (1996), em cinco aspectos fundamentais – o equilíbrio ofensivo, o relançamento do processo ofensivo, a velocidade de transição, a movimentação dos atacantes em largura e profundidade e a circulação táctica.

• **O equilíbrio ofensivo.** A recuperação da bola pode ocorrer em qualquer momento. Por isso, a equipa que defende, para além de estar muito preocupada com a recuperação da bola e a defesa da própria baliza, deve estar igualmente preocupada com a programação (preparação mental) do próximo ataque. A recuperação da bola e a defesa da baliza, objectivos fundamentais da defesa, requerem, naturalmente, o envolvimento directo da maior parte dos jogadores da equipa, pelo que a preparação mental do ataque seguinte deve ficar fundamentalmente a cargo daqueles jogadores (um, dois ou três) que não recuam para trás da linha da bola e que, por isso, não participam directamente na perseguição dos objectivos da defesa (figura 13).

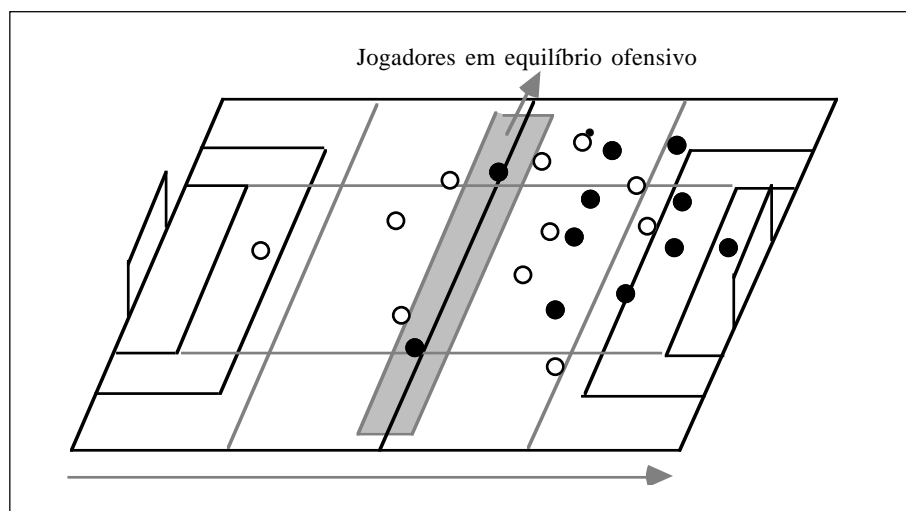


Figura 13 - O equilíbrio ofensivo (preparar o ataque, obrigar alguns adversários a defender a própria baliza, obrigar a equipa adversária a atacar em inferioridade numérica)

Cabe a estes jogadores:

- Preparar o próximo ataque da sua equipa, ocupando espaços de jogo que possam ser fácil e rapidamente utilizados após a recuperação da bola.
- Obrigar alguns atacantes a preocuparem-se mais com a defesa da própria baliza do que com a construção do processo ofensivo da sua equipa.
- Obrigar a equipa adversária a atacar em inferioridade numérica uma vez que o equilíbrio defensivo se costuma construir na base de superioridade numérica.

A função daqueles jogadores é, pois, de grande utilidade quer defensiva quer ofensivamente, pelo que todos os métodos de jogo ofensivo devem prever a sua participação.

• **O relançamento do processo ofensivo.** O relançamento do processo ofensivo é um dos aspectos críticos de qualquer método atacante porque é da sua eficácia que depende o sucesso final de grande parte dos processos ofensivos.

Aproveitar o momentâneo desequilíbrio em que se encontra uma equipa que acabou de perder a bola, reagir rapidamente através de deslocamentos em largura e profundidade (todos os jogadores da equipa), evitar a perda imediata da posse da bola e “ler” correcta e rapidamente as situações de jogo são quatro dos aspectos determinantes da eficácia do relançamento dos processos ofensivos.

• **A velocidade de transição.** Outro dos aspectos críticos de qualquer método de jogo ofensivo é a velocidade de transição:

- Velocidade de transição das atitudes e comportamentos subjacentes ao processo defensivo para as atitudes e comportamentos subjacentes ao processo ofensivo. Ao consumir-se a recuperação da bola todos os jogadores da equipa deverão mudar de atitude e de comportamentos – isto é, passar de atitudes e comportamentos defensivos para atitudes e comportamentos ofensivos.
- Velocidade de transição da bola da zona onde foi recuperada para a zona de finalização que depende, como já se disse, do nível de organização da defesa adversária.

• **Os deslocamentos ofensivos em largura e profundidade.** O sucesso de qualquer método de jogo ofensivo passa, também, pela constante movimentação dos jogadores sem bola. Os deslocamentos destes jogadores devem ser efectuados uns em largura e outros em profundidade, tendo em vista a perseguição simultânea de três objectivos (figura 14):

- Criar um maior espaço de jogo para que os atacantes possam dispor de mais tempo para pensarem e executarem as acções técnico-tácticas e para obrigar os defesas a terem muitas vezes que optar entre marcar um adversário ou um espaço vital.

- Proporcionar aos portadores da bola o maior número possível de alternativas de solução das situações de jogo.
- Dificultar, em suma, o trabalho defensivo, nomeadamente no que diz respeito ao acompanhamento dos atacantes sem bola e à realização de acções de cobertura aos defesas em contenção.

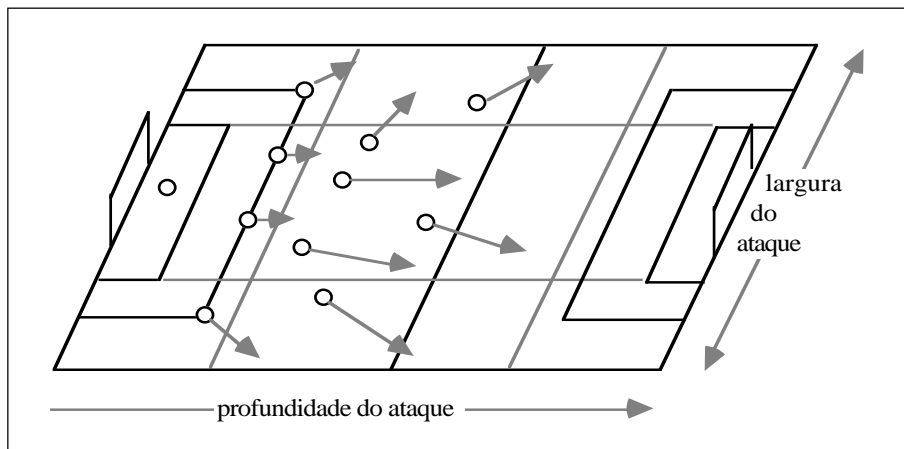


Figura 14 - Os deslocamentos em largura e profundidade dos jogadores em processo ofensivo

• **A circulação táctica.** A circulação táctica diz respeito quer à circulação dos jogadores e da bola pelo espaço de jogo, quer ao ritmo de jogo (número e cadência das acções técnico-tácticas).

São aspectos determinantes de uma boa circulação táctica:

- A agressividade, expressa na movimentação permanente dos atacantes e na circulação da bola orientada para a baliza adversária.
- Pôr em situação de finalizar a maioria dos jogadores que participam directamente na parte final da construção do processo ofensivo.
- A reversibilidade. A circulação da bola e dos jogadores deve poder processar-se tanto pelo corredor direito como pelo esquerdo, mudando o sentido com fluidez, sem paragens, sem quebras de ritmo e sem ter que se voltar ao dispositivo inicial.
- Assegurar a organização rápida da defesa em caso de insucesso do equilíbrio defensivo.

De acordo com a generalidade dos autores, existem três métodos fundamentais da organização do ataque:

- O contra-ataque.
- O ataque rápido.

- O ataque posicional.

1) O contra-ataque (figura 15) – O contra-ataque é um método de jogo que apresenta com principais características:

- Uma rapidíssima transição da bola da zona do campo onde se efectua a sua recuperação para a zona de finalização, sendo, portanto, muito breve a duração da fase de construção do processo ofensivo (inferior a 12 segundos).
- Uma grande velocidade de circulação da bola e dos jogadores.
- Uma grande simplicidade, traduzida na intervenção directa sobre a bola de um número muito reduzido de jogadores (4 no máximo) e na execução das acções técnico-tácticas fundamentalmente pelo lado do risco.
- Os comportamentos técnico-tácticos utilizados (raramente mais que cinco) são normalmente executados em condições favoráveis em termos de tempo e de espaço porque a grande velocidade de progressão dos atacantes raramente dá tempo à equipa adversária para fazer a recuperação defensiva e porque as equipas que utilizam o contra-ataque como forma dominante de organização ofensiva defendem muito próximo da própria baliza para obrigar a equipa adversária, quando em processo ofensivo, a “subir” no terreno de jogo, criando, em consequência, grandes espaços entre a última linha defensiva e a baliza, espaços que são posteriormente utilizados para a aplicação eficaz do contra-ataque.

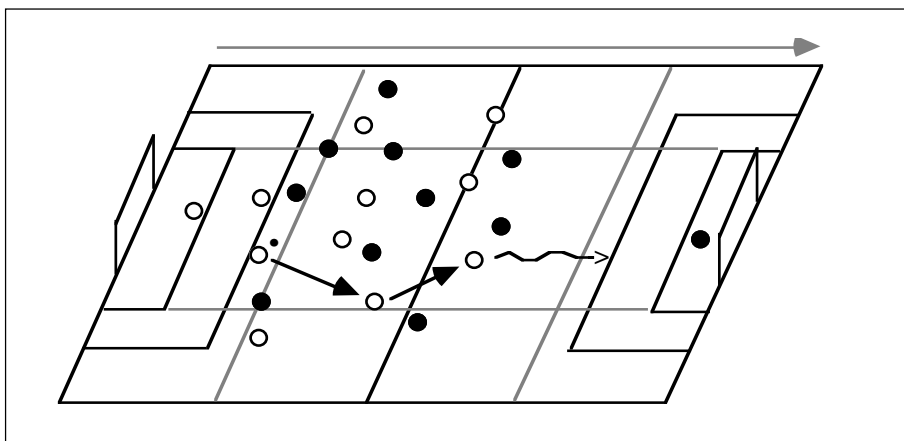


Figura 15 - Contra-ataque (pouco tempo de ataque, poucas acções técnico-tácticas, poucos jogadores a intervir sobre a bola, grande velocidade de circulação da bola, baixa organização da defesa adversária)

- Aspectos favoráveis:
 - Gera grande instabilidade na organização defensiva da equipa adversária devido quer à rápida transição da bola da zona onde é recuperada para a zona de finalização, quer à constante alteração do ângulo de ataque, possível graças à existência de grandes espaços livres.
 - Gera, na equipa adversária, índices elevados de insegurança. Insegurança que pode levar um só atacante a “prender” dois ou mais defesas que, conseqüentemente, não poderão integrar-se no processo ofensivo da sua própria equipa.
 - Provoca um grande desgaste físico e psicológico aos jogadores adversários que têm por missão marcar os principais responsáveis pelo relançamento e suporte do contra-ataque.
 - Cria aos jogadores adversários grandes problemas de marcação devido ao facto da maior parte dos deslocamentos dos jogadores em contra-ataque serem efectuados de trás para a frente da linha da bola.
 - Dificulta à equipa adversária a utilização do contra-ataque ou do ataque rápido porque, quando esta recupera a posse da bola, há um grande número de jogadores adversários atrás da linha da bola, mantendo um eficaz equilíbrio defensivo.
 - Permite aos jogadores iniciativa, improvisação e criatividade.
- Aspectos desfavoráveis:
 - Há grandes probabilidades dos atacantes perderem rapidamente a posse da bola devido à alta velocidade em que têm de ser decididas e executadas as acções técnico-tácticas.
 - É um método demasiado individual porque em quase todas as situações de jogo os atacantes encontram-se em igualdade ou inferioridade numérica pelo que são obrigados a tentarem resolver as situações sozinhos. Daqui a exigência dos jogadores serem rápidos e muito eficientes na resolução de situações 1x1 e 1x2.
 - Provoca um rápido desgaste físico nos jogadores que têm como tarefa principal a condução do contra-ataque.
 - A organização defensiva, baseada na concentração de jogadores muito perto da própria baliza típica das equipas que jogam em contra-ataque, pode provocar quer um grande e permanente perigo devido à pouca distância a que a bola se encontra da própria baliza durante a maior parte do tempo de jogo, quer ao estiramento da equipa em profundidade.

2) O ataque rápido (figura 16) – As características do ataque rápido são sensivelmente as mesmas do contra-ataque. A diferença mais marcante reside no facto do contra-ataque procurar

criar as condições de finalização antes da defesa contrária se organizar efectivamente, enquanto que o ataque rápido procura criar as situações de finalização já com a equipa adversária organizada efectivamente no seu método defensivo.

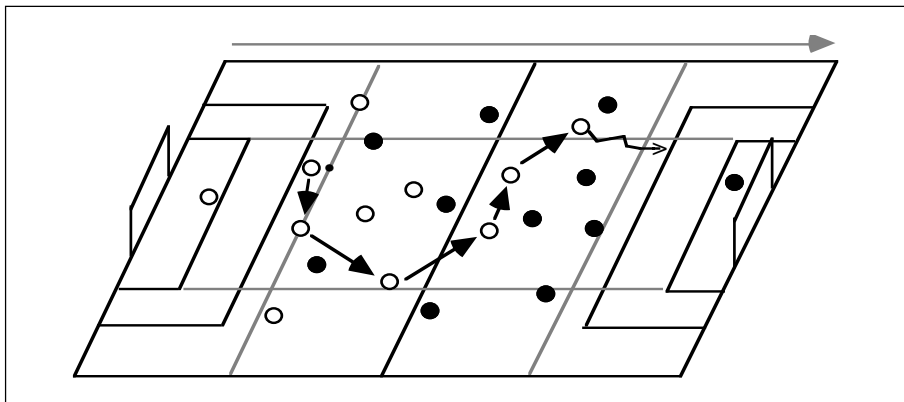


Figura 16 - Ataque rápido (pouco tempo de ataque, poucas acções técnico-tácticas, poucos jogadores a intervir sobre a bola, elevada organização da defesa adversária)

Tendo características muito semelhantes às do contra-ataque, o ataque rápido possui, praticamente, as mesmas vantagens e os mesmos inconvenientes.

3) O ataque posicional (figura 17) – O ataque posicional apresenta como características fundamentais as seguintes:

- Elevada elaboração da fase de construção do processo ofensivo. A maior ou menor velocidade de transição da zona de recuperação da bola para as zonas de finalização depende dos níveis de organização em que se encontra defensivamente a equipa adversária.
- Ataque em bloco homogéneo e compacto devido a permanentes acções de apoio e cobertura ofensivas aos jogadores que intervêm directamente sobre a bola.
- Participação de muitos jogadores e execução de muitas acções técnico-tácticas para concretizar os objectivos do ataque.
- Os comportamentos técnico tácticos dos jogadores são realizados pelo lado da segurança fundamentalmente na fase de construção do processo ofensivo. Acções a mais são, neste método de ataque, sempre preferíveis a acções que possam provocar a perda extemporânea da posse da bola.
- Criação constante de condições favoráveis em termos de tempo, espaço e número nos sucessivos centros de jogo ofensivos.

- Constante equilíbrio da organização do método ofensivo devido à utilização sistemática de acções de cobertura ofensiva, de compensações e permutações.

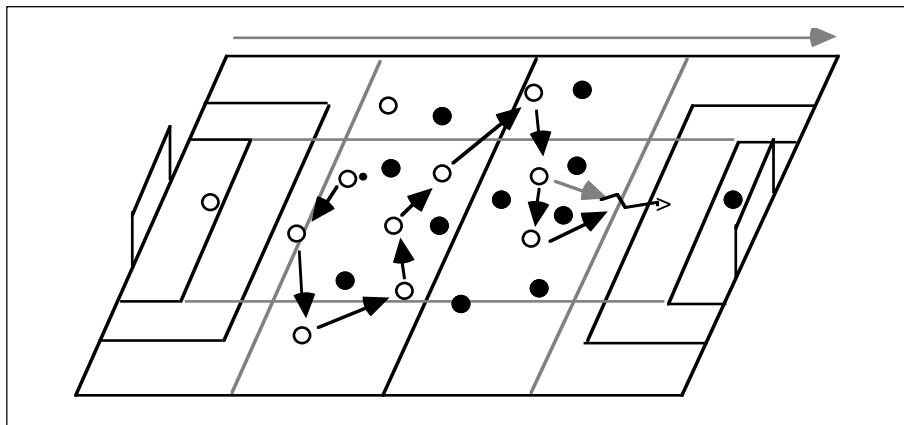


Figura 17 - Ataque posicional (muito tempo de ataque, muitas acções técnico-táticas, muitos jogadores a intervir sobre a bola, elevada organização da defesa adversária)

- Aspectos favoráveis:
 - Menor probabilidade de se perder a posse da bola de uma forma extemporânea por se privilegiarem as soluções técnico-táticas mais pelo lado do seguro (maior percentagem de tempo de posse de bola).
 - As falhas individuais podem ser prontamente corrigidas pelos companheiros devido à contínua realização de acções de cobertura ofensiva, estabelecendo-se assim um elevado espírito de solidariedade entre os jogadores.
 - Existe uma melhor repartição do esforços pelos diferentes jogadores da equipa, não se verificando sobrecarga de uns em benefício de outros.
 - O elevado tempo que este método de ataque normalmente dura pode levar os adversários a entrarem em crise de raciocínio tático e, conseqüentemente, a cometerem imprudências e erros.
 - Possibilita a aplicação de métodos defensivos pressionantes, caracterizados pela preocupação de recuperar a posse da bola próximo das zonas onde foi perdida, o que diminui a profundidade do ataque adversário.
- Aspectos desfavoráveis:
 - O tempo que demora a fase de construção do processo ofensivo permite à equipa adversária estabelecer uma organização defensiva consistente e homogénea.

- Requer, por parte dos jogadores atacantes, uma constante e adequada leitura das sucessivas situações de jogo (requer, portanto, muitos conhecimentos táticos).
- Requer a execução constante de acções que visam o reequilíbrio da organização da equipa (compensações/permutações).
- Podem encontrar-se grandes dificuldades para fazer progredir a bola devido ao facto de, por um lado, se privilegiar a segurança e, por outro, o processo ofensivo se desenrolar com frequência em espaços onde a concentração de jogadores é muito grande. Ambas as circunstâncias fazem com que muitas acções técnico-táticas tenham de ser direccionadas para o lado ou para trás.

Subjacentes aos três métodos de ataque descritos estão duas concepções de ataque perfeitamente distintas:

- Subjacente ao contra-ataque e ao ataque rápido está uma filosofia de jogo directo que é caracterizada pela orientação sistemática dos comportamentos técnico-táticos em direcção à baliza contrária e pela transposição rápida do centro do jogo para as zonas predominantes de finalização.

Esta concepção de jogo exprime uma atitude positiva – isto é, “jogar para ganhar”. É condicionada pela intenção de marcar golos e não pelo medo de perder a posse da bola.

Dados recolhidos através da observação de jogos de nível internacional (Hughes, 1990; Castelo, 1994) permitem constatar que 7 em cada 8 golos (87%) resultam de processos ofensivos muito breves (com 5 ou menos passes). Esta constatação leva-nos a uma conclusão muito simples e muito lógica: “no futebol existe uma fórmula ganhadora assente no jogo directo. Se queremos ganhar os jogos devemos jogar, sempre que possível, em direcção à baliza adversária tentando construir as situações de finalização com o máximo de 5 passes (Hughes, 1990).

– Subjacente ao ataque posicional está uma concepção de jogo indirecto, “apoiado”, de posse da bola, caracterizada pela preponderância da fase de construção do processo ofensivo através de uma laboriosa e metódica progressão da bola em direcção à baliza adversária.

Muitas equipas de nível internacional utilizam, como estratégia ofensiva predominante, o ataque indirecto, o ataque posicional. Os seus jogadores, laboriosa, segura e pacientemente, procuram conduzir o centro do jogo para a zona de finalização para, uma vez aí, tentarem construir as situações de finalização.

Esta concepção de jogo, quando aplicada de forma sistemática e exclusiva, pode exprimir uma atitude negativa e que é a seguinte: “jogar para não perder – enquanto tivermos a posse da bola, a equipa adversária não pode fazer golo” (Hughes, 1990).

Os três métodos apresentados constituem as formas básicas

de organização do ataque. Contudo, na prática, constata-se que um grande número de processos ofensivos apresentam características de dois ou mais métodos. É o caso, por exemplo, de uma equipa que, após a recuperação da bola na sua zona defensiva passa, de forma muito simples e muito rápida, para a zona de finalização (contra-ataque) para, uma vez aí e devido à capacidade de organização defensiva evidenciada pela equipa adversária, ter que temporizar e reorganizar as suas acções ofensivas de forma mais elaborada, mais lenta e mais segura (características do ataque posicional). Mas o contrário também pode ser observado. A equipa, após a recuperação da bola, começa por executar, com lentidão e segurança, um conjunto de acções individuais e colectivas para, de repente, aumentar o ritmo e a velocidade de execução dos comportamentos técnico-tácticos procurando atingir as zonas predominantes de finalização o mais rapidamente possível (ataque rápido ou contra-ataque).

Neste contexto, além dos métodos ofensivos de base, podemos considerar a existência de métodos de ataque compostos. Os mais frequentes são:

- Contra-ataque passando a ataque posicional.
- Ataque rápido passando a ataque posicional.
- Ataque posicional passando a ataque rápido.

Normalmente, cada equipa, em função dos níveis de preparação técnico-táctica, física e psicológica dos seus jogadores, utiliza um dos métodos ofensivos de base de forma predominante (contra-ataque, ataque rápido ou ataque posicional). Isto não significa que, com o decorrer do jogo e consoante as circunstâncias do momento (situações de jogo e objectivos tácticos momentâneos), a equipa não procure ganhar vantagens e eficiência através da aplicação de outros métodos. Aliás, é isto que fazem as equipas de nível elevado. No decurso do mesmo jogo, utilizam, com eficiência e de forma diversificada, os três métodos analisados em função do nível de organização da defesa adversária e dos objectivos tácticos da equipa.

4.2 - Os métodos de jogo defensivo

Os métodos de jogo defensivo estabelecem a forma de organização geral das acções dos jogadores na defesa tendo em vista assegurar a realização dos objectivos do processo defensivo e que são a defesa da baliza e a recuperação da posse da bola.

A concepção de qualquer método de jogo defensivo assenta, segundo Castelo (1996), em cinco pressupostos fundamentais: o equilíbrio defensivo, a recuperação defensiva, a concentração defensiva e a organização do sector defensivo.

• **O equilíbrio defensivo** – A perda da bola pode ocorrer em qualquer momento. Por isso, a equipa que ataca, para além de estar preocupada com a construção do processo ofensivo, deve estar igualmente preocupada com a defesa da própria baliza. A finalização

e a condução da bola para a zona de finalização, objectivos fundamentais do ataque, requerem o envolvimento directo da maior parte dos jogadores da equipa. As precauções defensivas devem ficar fundamentalmente a cargo de apenas alguns jogadores (um, dois ou três) que se colocam e agem na retaguarda dos companheiros e dos jogadores da equipa adversária que ficaram adiantados no terreno de jogo (figura 6).

Como já foi dito, cabe a este grupo de jogadores assegurar:

- A continuidade ao processo ofensivo – isto é, a reorganização do ataque em caso de insucesso momentâneo.
- A transição organizada e sem pânico da fase de ataque à fase de defesa.
- A organização de uma defesa provisória até que os restantes companheiros se enquadrem no dispositivo defensivo utilizado pela equipa.

• **A recuperação defensiva** – O cumprimento dos objectivos da defesa (recuperação da bola e protecção da baliza) requer o deslocamento da maior parte dos jogadores da equipa que defende para o espaço situado entre a linha da bola e a própria baliza. Esta movimentação dos defesas (recuperação defensiva) começa no momento imediato à perda da bola e dura até à ocupação do dispositivo defensivo utilizado pela equipa. Durante o trajecto de recuo, os jogadores devem ter como referências essenciais três aspectos (Castelo, 1996):

- As linhas de recuperação. Interessa recuperar o mais depressa possível tomando o caminho mais curto, mas sem nunca perder o contacto visual com a bola (figura 7).
- As formas da recuperação. Existem duas formas básicas de recuperação: a recuperação intensiva em que os defensores se deslocam o mais rapidamente possível para junto da sua baliza; e a recuperação em “pressing” em que os defensores durante o trajecto de recuo vão exercendo uma forte pressão sobre o portador da bola, os atacantes com fortes probabilidades de poderem receber a bola e os espaços mais favoráveis à circular da bola.
- Até onde recuar. Há sempre um ponto em que o recuo defensivo termina. Esse ponto depende da forma de recuperação preferencialmente utilizada pela equipa, do dispositivo defensivo utilizado pela equipa, da capacidade da equipa que defende em pressionar mais ou menos distante da própria baliza e da capacidade de progressão da equipa adversária.

• **Concentração defensiva** – Um dos principais factores de sucesso de qualquer método defensivo assenta, segundo Hughes (1990), na capacidade dos defensores jogarem de forma compacta - isto é, em bloco. A persecução deste objectivo implica que (figura 25):

- Os jogadores avançados recuperem exercendo pressão

- Os jogadores da última linha defensiva exercem, também eles, pressão deslocando-se em direcção ao portador da bola, reduzindo, assim, o espaço de jogo à equipa adversária e mantendo unidos os sectores da própria equipa.

Mas se a equipa adversária consegue relançar rapidamente o ataque, pode não haver tempo para organizar uma defesa compacta formada pela maior parte dos jogadores da equipa. Nestes casos, recomenda-se aos defensores posicionados entre o portador da bola e a baliza que recuem para a zona frontal à baliza de forma a improvisarem, aí, uma defesa rudimentar que procure tapar os ângulos mais favoráveis de remate e contrarie a concretização de deslocamentos de rotura dos atacantes para as zonas vitais de finalização (figura 18).

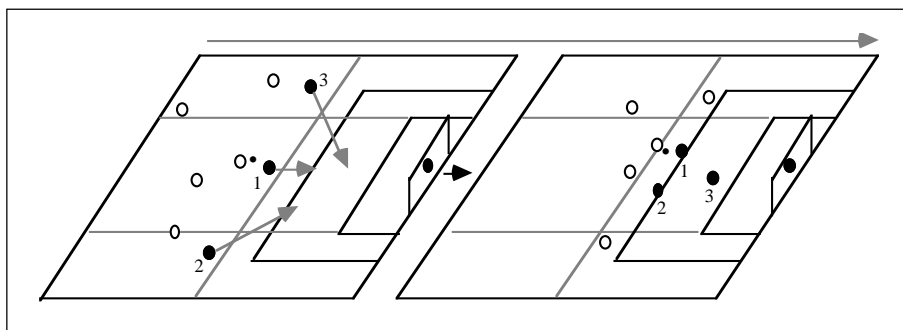


Figura 18 - Recuo e concentração dos defesas na zona central da baliza (Castelo, 1996)

• **A organização do sector defensivo** – Há três formas fundamentais de organizar o sector defensivo – em linha, com libero e com trinco.

- A defesa em linha (figura 19). Neste tipo de organização do sector defensivo, os jogadores da última linha defensiva posicionam-se formando uma linha paralela à linha da baliza.

Como esta disposição pretendem-se alcançar os seguintes objectivos:

- Provocar situações de fora de jogo à equipa adversária (tirar, portanto, proveito da lei do fora-de-jogo).
- Reduzir o espaço de jogo entre os vários sectores da equipa (jogar de forma compacta).
- Defender a própria baliza em zonas mais distantes.
- Recuperar a posse de bola mais perto da baliza adversária.
- Restringir espaço de jogo à equipa adversária.

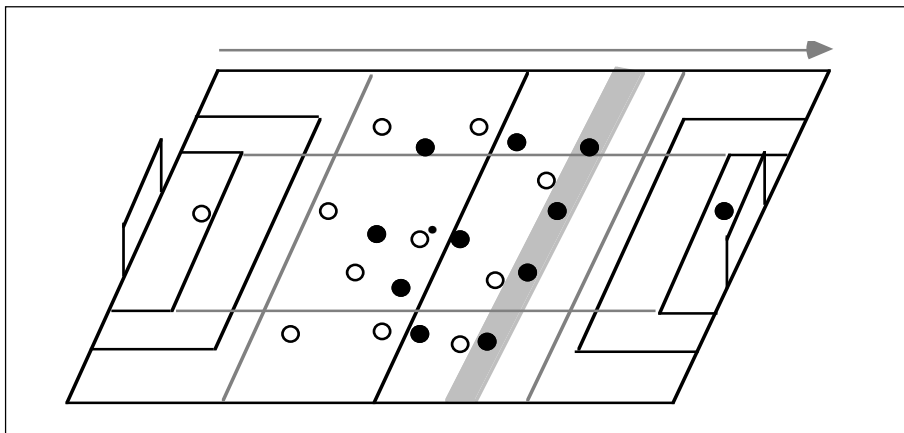


Figura 19 - A defesa em linha (tirar vantagem da lei do fora-de-jogo)

Como inconvenientes desta disposição da última linha defensiva destacamos dois:

- A dificuldade ou impossibilidade dos jogadores da última linha defensiva realizarem ações de cobertura defensiva.
- A falta de entendimento entre os jogadores da última linha defensiva pode provocar situações muito difíceis de resolver.
- A defesa com libero (figura 20). Esta forma de organização do sector defensivo pressupõe a colocação de um jogador – o libero – atrás da última linha defensiva (entre esta e o guarda redes).

A função principal do libero é fazer a cobertura dos espaços situados nas costas dos companheiros, conferindo, assim:

- Maior segurança à defesa.
- Mais espaço para a equipa “sair a jogar” após a recuperação da posse de bola.

Como desvantagens desta disposição defensiva apontam-se-lhe as seguintes:

- Aumenta o espaço de jogo à equipa adversária.
- Eventuais falhas dos defesas posicionados à frente do libero, poderão originar situações de 2x1 extremamente perigosas por ocorrerem muito próximas da baliza que se defende.

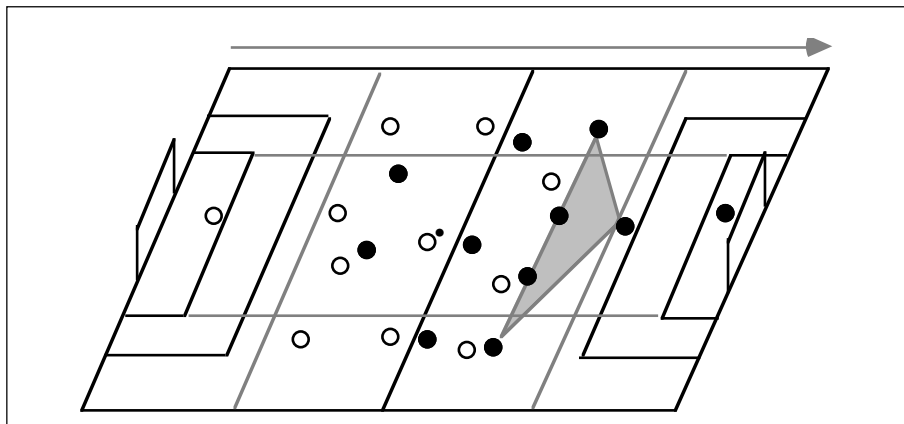


Figura 20 - A defesa com libero (articulação da defesa em profundidade)

- A defesa com trinco (figura 21). Este tipo de disposição defensiva pressupõe a colocação de um jogador (por vezes dois) à frente da última linha defensiva – o trinco.

O trinco tem como funções principais:

- Reforçar a marcação e a vigilância da zona central da baliza.
- Equilibrar o método defensivo ocupando e vigiando espaços de jogo que foram deixados livres pelos seus companheiros da defesa que se integraram, momentaneamente, no processo ofensivo da equipa.

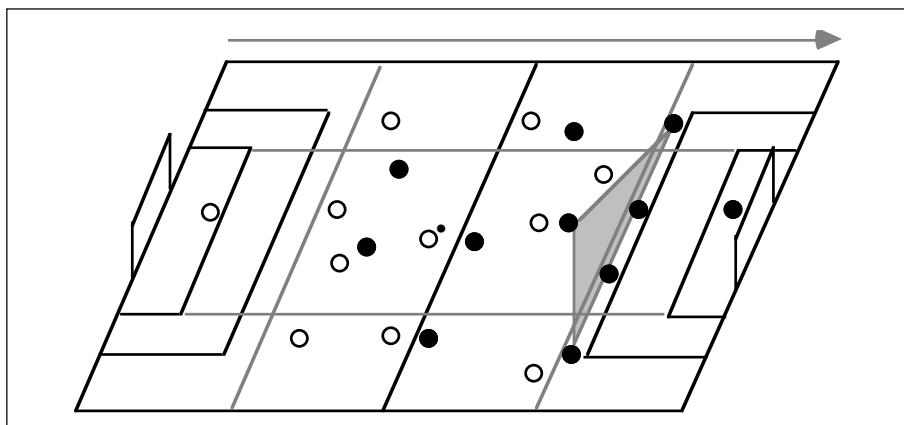


Figura 21 - A defesa com trinco (reforçar a vigilância do corredor central à frente da última linha defensiva)

De acordo com a generalidade dos autores, existem quatro métodos fundamentais de organização do processo defensivo:

- A defesa individual
- A defesa zona
- A defesa mista
- A defesa zona pressionante

1) A defesa individual

A defesa individual assenta na aplicação de dois princípios fundamentais (figura 22):

- A “lei” do um contra um (1x1). Cada defesa marca um atacante procurando impedi-lo de receber a bola sejam quais forem as circunstâncias e evidenciando uma maior agressividade à medida que o adversário directo se aproxima da baliza.
- O princípio da responsabilidade individual ao mais alto nível. Neste método de defesa não pode haver falhas individuais. A falha de um só defesa pode ocasionar uma situação muito difícil de resolver.
 - Aspectos favoráveis:
 - Anulação de um jogador de grande capacidade técnico-táctica por um jogador de menores recursos.
 - Funções tácticas facilmente compreendidas por parte dos jogadores uma vez que cada defesa pode concentrar a sua atenção e esforço num só adversário.
 - Provoca um grande desgaste físico e psicológico nos jogadores adversários.
 - Reduz a capacidade de iniciativa aos jogadores da equipa adversária.
 - Consegue-se obter e manter sempre um certo equilíbrio numérico em qualquer situação de jogo.
 - Aspectos desfavoráveis:
 - A falha individual de um só defesa pode ocasionar uma situação muito difícil de resolver e comprometer toda a eficácia do método.
 - Provoca um grande desgaste físico porque os defesas têm de reagir e acompanhar constantemente todas as movimentações dos adversários directos.
 - Permite a criação fácil de espaços livres em zonas vitais do terreno de jogo.
 - Dificulta o relançamento do processo ofensivo da própria equipa porque a colocação dos seus jogadores no terreno de jogo depende da colocação dos adversários directos.
 - Diminui a iniciativa dos jogadores tanto em termos defensivos como ofensivos.
 - Torna menos coesa e mais permeável a organização defensiva devido à impossibilidade de cumprir um dos três princípios da defesa → a cobertura defensiva.

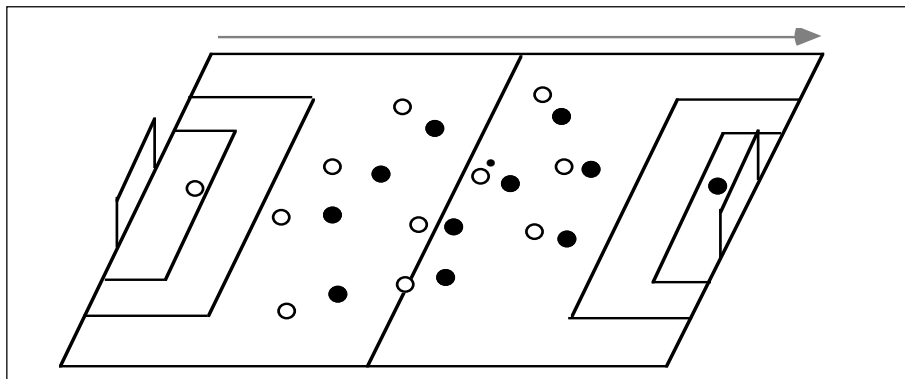


Figura 22 - Defesa individual (1x1)

2) A defesa zona

Neste método de defesa (figura 23), cada jogador é responsável por uma certa zona do campo e intervém sempre que aí penetre o portador da bola ou qualquer outro adversário sem bola. A responsabilidade dos defesas é, assim, determinada em função da zona e não dos adversários.

A partir das respectivas zonas de acção e em função da posição e movimentação do portador da bola, os defesas vão-se organizando em várias linhas defensivas. Forma-se uma primeira linha entre o portador da bola e a baliza constituída pelo defesa responsável pela cobertura da zona onde decorre a situação de jogo. Por trás desta primeira linha defensiva organiza-se uma outra constituída pelos defensores das zonas próximas que assegura a cobertura permanente à primeira. E assim sucessivamente.

Este método defensivo baseia-se, assim e fundamentalmente, em acções colectivas de entreaajuda permanente (contenções/ coberturas defensivas) aos defesas em contenção.

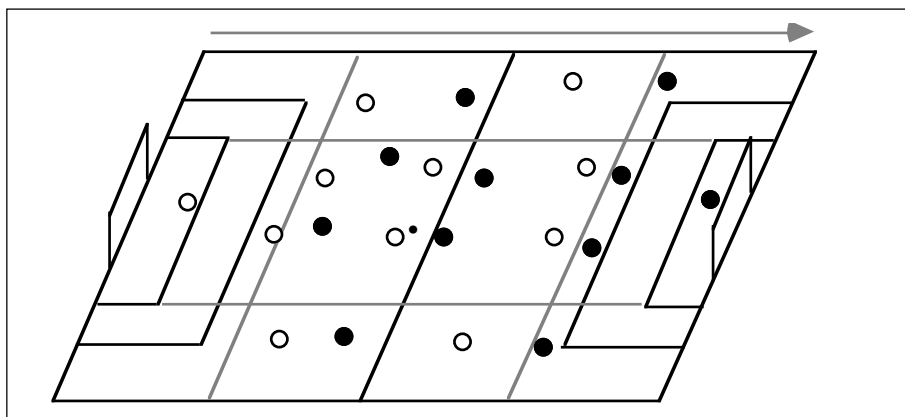


Figura 23 - Defesa zona

- Aspectos favoráveis:

- O raio de acção da defesa é limitado a um espaço que lhe é normalmente familiar uma vez que não se abandona a zona habitual de marcação para acompanhar os atacantes.
- É um método menos exigente do ponto de vista físico do que o individual, pelo que os jogadores estarão, em princípio, em melhores condições para responderem às situações de jogo que se lhes deparam, sobretudo na fase de transição para o ataque.
- As linhas defensivas que se vão organizando em torno do atacante com bola impedem sucessivamente a progressão do processo ofensivo da equipa adversária, obrigando-a a jogar, com frequência, para o lado e para trás.
- Dificulta a criação de espaços livres especialmente nas zonas vitais do terreno de jogo.
- As falhas individuais podem ser prontamente corrigidas pelos companheiros devido à contínua existência de acções de cobertura defensiva.
- Permite um bom aproveitamento das capacidades técnico-tácticas e físicas dos jogadores.

- Aspectos desfavoráveis:

- Permite aos atacantes adversários bastante iniciativa e liberdade.
- Permite a criação de situações de superioridade numérica ofensiva com relativa facilidade uma vez que é sempre possível verificar-se a entrada de dois ou mais atacantes numa zona cuja responsabilidade de marcação cabe a um só defesa.
- Pode originar algumas hesitações e inibições entre os defesas devido à dificuldade que sempre existe em definir com exactidão os limites das respectivas zonas de marcação.
- Pode provocar insegurança nos defesas, sobretudo quando não existe uma perfeita sincronização colectiva.

3) A defesa mista

A defesa mista expressa-se pela síntese dos métodos zona e individual (figura 24). Cada jogador é responsável por uma certa zona do campo marcando individualmente os adversários que nela penetrem. No entanto, a sua intervenção não se confina apenas à sua zona. Uma vez iniciada a marcação ao portador da bola, este deve ser acompanhado para onde quer que se desloque, só o deixando quando o atacante se desfizer da bola ou um outro defesa assumir as funções de contenção.

Os restantes defesas, a partir das respectivas zonas de acção, agem em função da acção do companheiro em contenção fazendo-lhe cobertura e de atacantes sem bola que possam dar continuidade ao processo ofensivo adversário fazendo-lhes marcação.

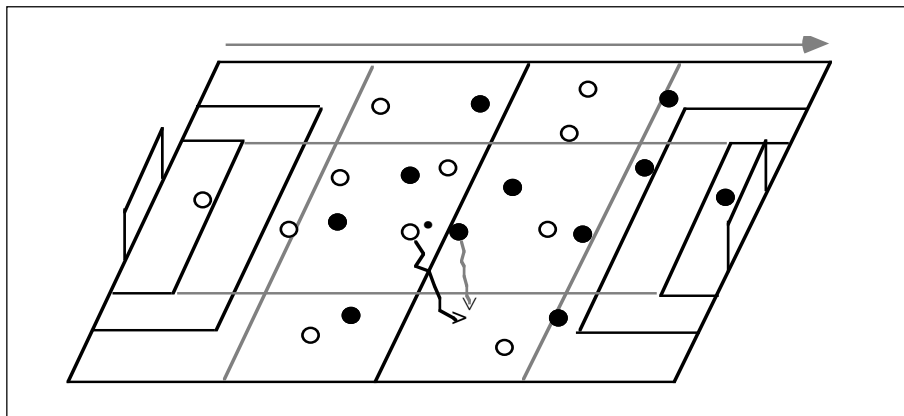


Figura 24 - A defesa mista

- Aspectos favoráveis:

- Oferece bastante segurança defensiva.
- Não permite que os atacantes criem com facilidade situações de superioridade numérica.
- É um método menos exigente do ponto de vista físico do que o individual, pelo que os jogadores estarão, em princípio, em melhores condições para responderem às situações de jogo que se lhes deparam.
- Dificulta a criação de espaços livres especialmente nas zonas vitais do terreno de jogo.
- As falhas individuais podem ser prontamente corrigidas pelos companheiros devido à contínua existência de acções de cobertura defensiva.
- Dá liberdade aos defesas para saírem das suas zonas de marcação para outras a fim de marcarem atacantes em situações vitais.

- Aspectos desfavoráveis:

- Requer, por parte dos defesas, uma leitura permanente das situações de jogo para poderem prever e antecipar-se às acções dos atacantes.
- Requer um grande espírito de solidariedade e muita responsabilidade individual.
- Pode obrigar os defesas a jogar em zonas onde estão menos habituados a jogar.

4) A defesa zona pressionante

A defesa zona pressionante é caracterizados pelos seguintes aspectos (figura 25):

- Marcação rigorosa e agressiva ao portador da bola onde quer que se encontre.
- Cada jogador evolui na sua zona de marcação, mas deverá deslocar-se para outras zonas concentrando-se nos espaços de jogo próximos da bola, executando aí acções de cobertura e marcando agressivamente espaços e jogadores adversários que possam dar continuidade ao processo ofensivo adversário.
- Grande concentração de defesas em torno da bola e, conseqüentemente, fraca vigilância sobre os espaços e os atacantes posicionados longe da bola.
- Toda a organização defensiva se desloca de forma homogênea e concentrada em função do deslocamento da bola.

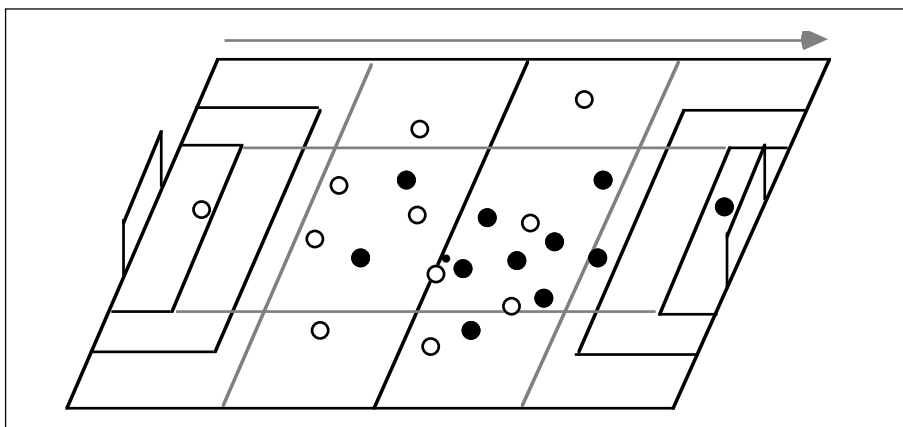


Figura 25 - A defesa zona pressionante (concentração dos defesas nos espaços próximos do portador da bola)

De outra forma, diríamos:

- Imediatamente após a perda da bola, um defensor (o que estiver mais perto) “ataca” o portador da bola (entra em contenção) com a intenção de recuperar a posse da bola ou impedir a progressão do processo ofensivo adversário.
- Os defensores das zonas próximas deslocam-se rapidamente para trás do defesa em contenção para lhe darem cobertura.
- Os jogadores das zonas mais distantes deslocam-se em direção ao centro do jogo.
- A maior parte dos jogadores da equipa participa neste processo, deslocando-se de forma homogênea e compacta em função dos deslocamentos da bola.

Desta forma, haverá sempre uma grande concentração de defesas entre a linha da bola e a baliza que se defende, o que obrigará,

muito provavelmente, os sucessivos portadores da bola a terem que jogar para trás ou para o lado ou a perderem a posse.

- Aspectos favoráveis:

- Diminui o espaço de jogo ao ataque adversário, criando condições mais favoráveis para a recuperação da bola longe da própria baliza.
- Permite a criação de superioridade numérica defensiva nas sucessivas situações de jogo.
- As falhas individuais podem ser prontamente corrigidas pelos companheiros devido à contínua existência de acções de cobertura defensiva.
- Diminui a iniciativa aos jogadores adversários devido à grande concentração de defesas no centro do jogo.
- Dá possibilidade à defesa de poder jogar em bloco homogéneo e compacto.
- Dificulta aos atacantes a criação de espaços livres sobretudo nas zonas à volta da bola e nas zonas vitais do terreno de jogo.
- Permite o estabelecimento de acções de cobertura permanente aos companheiros em contenção.
- Permite o corte de grande parte das linhas de progressão em direcção à baliza, obrigando os adversários a jogar para o lado ou para trás.
- Confere grande iniciativa e criatividade aos jogadores em processo defensivo.

- Aspectos desfavoráveis:

- Podem surgir algumas dificuldades em estabilizar a organização defensiva se a equipa adversária fizer circular a bola rapidamente de um para outro corredor do jogo.
- Requer “leituras” rápidas e sistemáticas das situações de jogo – isto é, requer uma boa cultura táctica por parte de todos os jogadores.
- Requer a execução constante de acções de compensação/permutação, podendo, em certas situações, não haver o tempo necessário para as fazer.
- Devido ao recuo defensivo ser efectuado em função da progressão da bola, podem criar-se grandes espaços entre o último defesa e o guarda-redes que podem ser convenientemente explorados pelos atacantes através de acções de penetração.
- Podem surgir dificuldades acrescidas em fazer-se uma rápida transição da defesa para o ataque logo após a recuperação da bola, devido à grande concentração de jogadores em torno da bola.

5 · Os princípios do jogo

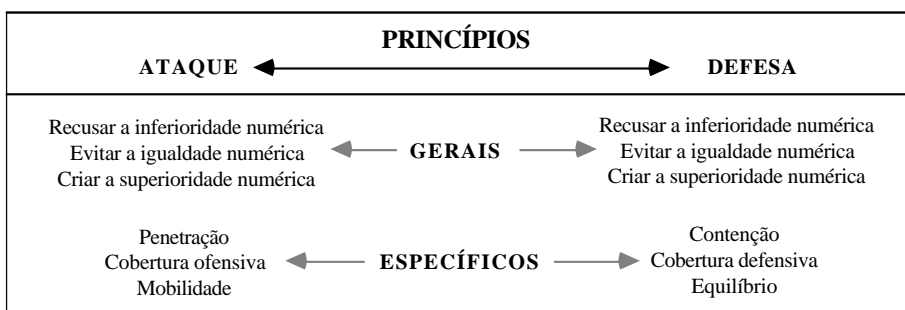


Figura 26 - Síntese dos principais princípios do jogo

“Para jogar correctamente, diz Teissie (1970), é necessário compreender. Para compreender é necessário saber. Para compreender e saber é necessário definir princípios de jogo”

Os princípios de jogo são as condições a respeitar durante o jogo para que os comportamentos técnico-tácticos dos jogadores resultem eficazes (Grehaigne, 1992) ou, segundo Castelo (1994), são as normas básicas que orientam as atitudes e os comportamentos técnico-tácticos individuais e colectivos dos jogadores durante o jogo.

Constituindo as linhas orientadoras dos comportamentos

técnico-tácticos dos jogadores, os princípios de jogo permitem uma melhor selecção e articulação dos comportamentos técnico-tácticos dos jogadores dentro da organização de base das equipas (sistemas e métodos de jogo utilizados).

De acordo com a generalidade dos autores, os princípios do jogo de futebol podem ser agrupados em duas grandes categorias:

- Princípios gerais – são as normas gerais que orientam as atitudes e os comportamentos técnico-tácticos dos jogadores tanto em processo ofensivo como em processo defensivo.

- Princípios específicos – são as normas que orientam as atitudes e comportamentos técnico-tácticos específicos dos jogadores em função:

- Da variabilidade das situações momentâneas de jogo (fora do centro do jogo ou dentro do centro do jogo).
- Da missão táctica dos jogadores dentro do sistema de jogo utilizado.

5.1 - Os princípios gerais do jogo

Os princípios gerais do jogo de futebol visam fundamentalmente, segundo Castelo (1994), assegurar as linhas básicas que orientam e coordenam as atitudes e os comportamentos técnico-tácticos dos jogadores durante o jogo.

Podem resumir-se aos quatro seguintes:

- Atenção concentrada sobre todo o envolvimento: posição da bola, posição das balizas, posição e comportamentos dos companheiros e dos adversários. A concentração permanente nos pormenores do envolvimento é a condição fundamental para a correcta leitura e valorização das situações de jogo.
- Respeitar continuamente os princípios estabelecidos pela equipa, de forma a poder haver uma linguagem comum que permita o entendimento entre todos os jogadores com vista à resolução eficaz das situações de jogo (disciplina táctica).
- Procurar em cada situação momentânea de jogo:
 - Recusar sempre a inferioridade numérica.
 - Evitar a igualdade numérica.
 - Criar a superioridade numérica.

O respeito deste princípio é uma das condições fundamentais de sucesso porque sempre que uma equipa consegue criar superioridade numérica numa dada situação de jogo têm todas as probabilidades de a poder resolver a seu favor. E a equipa que mais situações de jogo ganhar, mais probabilidades tem de ganhar o jogo.

- Evidenciar, em todas as situações, determinação, coragem, espírito de sacrifício e de entreaajuda.

5.2 - Os princípios específicos do jogo em função da participação dos jogadores no jogo

5.2.1 - Princípios específicos fora do centro do jogo

Os jogadores que não estão directamente envolvidos no centro do jogo (ofensivo ou defensivo) deverão orientar os seus comportamentos técnico-tácticos por três princípios fundamentais (figura 37):

- Procurar insistentemente romper a organização da equipa adversária. O respeito por este princípio implica que todos os jogadores devem tentar colocar à equipa adversária problemas cada vez mais difíceis de resolver.

Como?

– Em processo ofensivo, efectuando deslocamentos rápidos e imprevisíveis, em largura e profundidade, de modo a aumentar as distâncias entre os adversários na tentativa de criar, ocupar e utilizar espaços livres por onde a bola possa ser conduzida de forma rápida e segura.

– Em processo defensivo, efectuando deslocamentos que, por um lado, cortem as linhas de comunicação entre os adversários (entre os que estão no centro do jogo e entre estes e os restantes), e, por outro, obriguem os adversários a preocuparem-se também com a defesa da sua própria baliza e não apenas com o ataque à baliza adversária.

– Em processo tanto ofensivo como defensivo, procurar insistentemente criar superioridade numérica em espaços e momentos apropriados.

- Manter permanentemente a estabilidade da organização da própria equipa. O respeito deste princípio impõe a ocupação racional do terreno de jogo em função da colocação dos adversários que possam desempenhar um papel mais preponderante no desenvolvimento do processo ofensivo ou defensivo da sua equipa, dos espaços de progressão ou protecção vitais e dos objectivos tácticos da equipa, evitando-se, a todo o custo, o estiramento da equipa. É fundamental jogar sempre em bloco homogéneo – tanto quando se defende como quando se ataca.

- Estar permanentemente preparado para intervir no centro do jogo, o que poderá suceder quer pelo deslocamento do jogador em direcção ao centro do jogo, quer pelo deslocamento do centro do jogo em direcção ao jogador.

Sejam quais forem as circunstâncias que determinem a intervenção de um dado jogador no centro do jogo, o que é importante

é que este mal entre no centro do jogo transmita aos seus companheiros confiança e segurança, cumpra insistentemente os princípios específicos do processo ofensivo (penetração, cobertura ofensiva e mobilidade) ou do processo defensivo (contenção, cobertura defensiva e equilíbrio) e procure criar vantagens quer em termos de superioridade numérica quer em termos espaciais e temporais.

5.2.2 - Princípios específicos no centro do jogo

No jogo de futebol coexistem, em relação dialéctica, duas fases fundamentais perfeitamente distintas - a fase ofensiva e a fase defensiva - que reflectem, como já foi referido, objectivos, princípios e comportamentos técnico-tácticos diferentes.

Os princípios do jogo são as normas que orientam os jogadores na procura das soluções mais eficazes nas diferentes situações de ataque e de defesa.

A cada princípio do ataque corresponde um princípio da defesa e vice-versa.

Vejam, resumidamente, a lógica que, segundo Garganta e Pinto (1994), preside à construção destes princípios (figura 27).

- Quando um jogador se encontra de posse da bola deve ter, como preocupações fundamentais, finalizar se tiver condições ou fazer progredir o centro do jogo em direcção à baliza adversária. Se o atacante procurar cumprir um daqueles objectivos respeita o primeiro princípio do ataque: o princípio da penetração.

- Em resposta, a equipa que defende deve procurar fechar, de imediato, as linhas de remate ou de progressão para a baliza, colocando um jogador entre o portador da bola e a baliza. Cria-se, assim, uma situação de 1x1 e cumpre-se o primeiro princípio da defesa: o princípio da contenção.

- As situações de 1x1 são, por norma, desfavoráveis à equipa que defende pelo que esta deve procurar transformar, o mais rapidamente possível, aquelas situações em situações de 1x2 através do deslocamento de um segundo defensor para as costas do primeiro, dando, assim, cumprimento ao segundo princípio da defesa: o princípio da cobertura defensiva.

- A equipa que ataca, ao ficar em inferioridade numérica, deve procurar restabelecer o equilíbrio fazendo deslocar um segundo atacante para as costas do primeiro, transformando, em consequência, uma situação de 1x2 numa situação de 2x2. Desta forma, a equipa que ataca cumpre o segundo princípio do ataque: o princípio da cobertura ofensiva.

- As situações de 2x2 são mais confusas e de mais difícil resolução para o ataque do que as situações de 1x1, pelo que interessa à equipa que ataca procurar transformar as situações de 2x2 em situações de 1x1. Este objectivo pode ser alcançado através do deslocamento (desmarcação) do atacante em cobertura para a frente

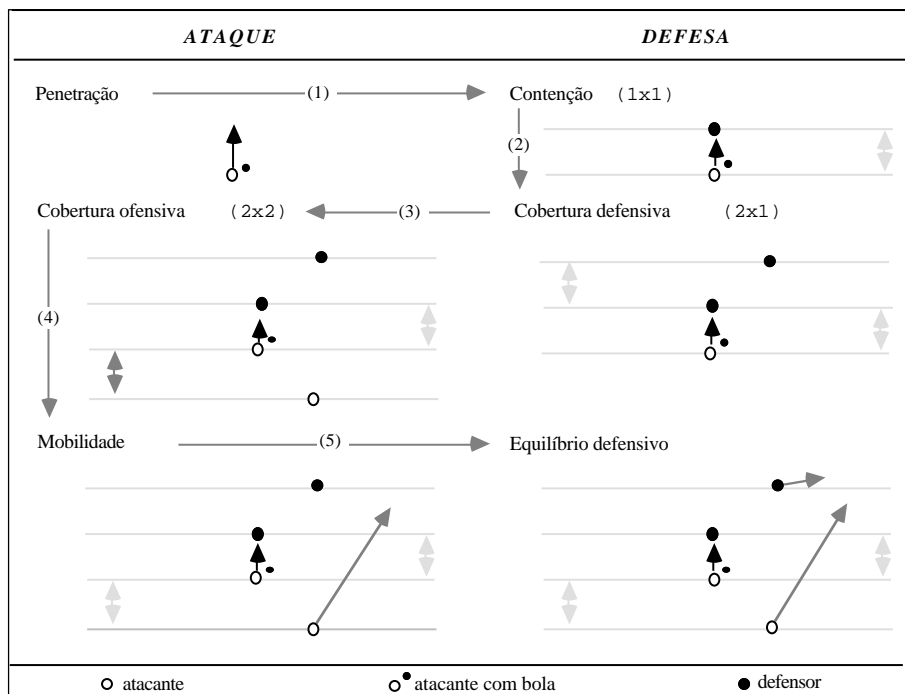


Figura 27 - Princípios específicos do jogo (Garganta e Pinto, 1994)

da linha da bola. Procedendo assim respeita-se o terceiro princípio do ataque: o princípio da mobilidade.

- Se o defensor em cobertura acompanhar o atacante em mobilidade, está reconstituída uma situação de 1x1. Se o não acompanhar está criada uma linha de passe que, se for utilizada, pode criar uma situação de 1x0 completamente desfavorável à defesa.

Entre as duas alternativas, deve a equipa que defende procurar evitar a mais desfavorável, pelo que o defensor em cobertura deve optar por acompanhar o atacante em desmarcação para impedir a criação de uma situação de 1x0. Se assim proceder, a defesa respeita o princípio do equilíbrio defensivo.

Explicada a sequência e a racionalidade dos princípios específicos do ataque e da defesa, vamos, seguidamente, apresentar algumas respostas para quatro das múltiplas questões que sobre cada um deles poderão ser levantadas: conceito, objetivos, normas de orientação e ações técnico-táticas de suporte.

5.2.2.1 - Princípios específicos do ataque

O objetivo fundamental de uma equipa em processo ofensivo é o de fazer progredir a bola em direção à baliza adversária o mais segura e rapidamente possível para tentar criar situações de

finalização e marcar golos. A concretização deste objectivo implica que os jogadores que estão no centro do jogo ofensivo orientem, sistematicamente, os seus comportamentos técnico-tácticos por três princípios fundamentais que são os princípios da (figura 28):

- Penetração
- Cobertura ofensiva
- Mobilidade

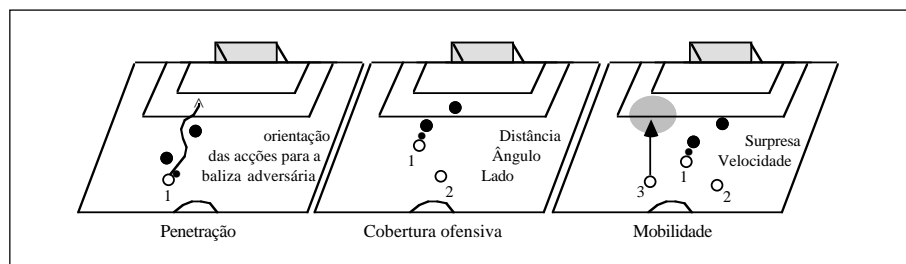


Figura 28 - Os princípios específicos do jogo ofensivo (Castelo, 1996)

1) Princípio da penetração

O objectivo táctico fundamental da equipa que está em processo ofensivo é, repetimos, o de chegar à zona de finalização o mais rapidamente possível para, uma vez aí, tentar criar situações de finalização.

A persecução deste objectivo requer do jogador que tem a posse da bola duas preocupações fundamentais:

- Rematar, se tiver possibilidade.
- Fazer progredir a bola em direcção à baliza adversária, se não tiver condições para tentar a finalização.

É isto o que preconiza o princípio da penetração: o portador da bola deve procurar rematar ou fazer progredir o centro do jogo em direcção à baliza adversária o mais rapidamente possível.

Respeitar este princípio implica, por parte dos sucessivos portadores da bola, o desenvolvimento e realização de um conjunto alargado de atitudes e comportamentos técnico-tácticos, de entre os quais destacamos:

- Tomar a iniciativa. O portador da bola deve tomar e manter a iniciativa e a surpresa do jogo, procurando:
 - Desequilibrar, através de simulações, a defesa em contenção e, em função da reacção deste, alterar, por exemplo, a direcção do ataque e/ou aumentar a velocidade do jogo.
 - Orientar as acções técnico-tácticas em direcção aos espaços vitais do terreno de jogo, especialmente em direcção à zona de finalização (evitar, portanto, deixar-se conduzir para zonas não vitais ou para situações de inferioridade numérica).

- Variar o ângulo ou a direcção do ataque para procurar desequilibrar a organização defensiva adversária.
- Temporizar o processo ofensivo. O atacante de posse da bola deverá, em muitas situações de jogo, saber esperar utilizando comportamentos técnico-tácticos de protecção/conservação da bola (condução, drible, simulação) pelo momento mais oportuno para desenvolver ou culminar o processo ofensivo (por exemplo, retardar o desenvolvimento do processo ofensivo para dar o tempo necessário para que os seus companheiros se desloquem e posicionem em espaços vitais de jogo ou saiam de posições irregulares do ponto de vista das leis do jogo).
- Acelerar o processo ofensivo. O atacante de posse da bola deverá tentar acelerar o desenvolvimento do processo ofensivo, sobretudo, nas quatro situações seguintes:
 - Logo após a recuperação da bola para procurar aproveitar o momentâneo desequilíbrio da equipa adversária. O aproveitamento rápido daquele desequilíbrio é, muitas vezes, a chave para um ataque com sucesso.
 - Sempre que se observem situações de rotura na organização defensiva adversária.
 - Nas zonas predominantes de finalização. Nestas zonas, para se conseguirem criar situações de finalização, é necessário muita velocidade, espontaneidade, determinação e criatividade.
 - Na reposição da bola em jogo após uma interrupção do jogo. Nas paragens momentâneas do jogo, verifica-se, normalmente, uma quebra na concentração dos jogadores. Uma reposição rápida da bola em jogo beneficia, quase sempre, o ataque.
- Dissimular as verdadeiras intenções tácticas. O atacante de posse da bola deverá esconder as suas verdadeiras intenções tácticas, produzindo um conjunto de “falsos” sinais que induzam os defesas a assumir comportamentos inadequados.
- Ler correctamente a situação de jogo. O atacante de posse da bola deverá fazer uma leitura correcta da situação de jogo de forma a poder seleccionar os comportamentos técnico-tácticos mais adequados à resolução da situação de jogo.
- Orientar, sempre que possível, os comportamentos técnico-tácticos em direcção à baliza adversária. Se, no momento da recepção da bola, o atacante estiver, como muitas vezes acontece, de costas para a baliza adversária, deverá tentar rodar rapidamente. No caso de não ser possível a rotação imediata devido a uma grande pressão exercida pela defesa em contenção, deverá optar por uma das seguintes soluções:
 - Passar a bola para trás ou para o lado para um companheiro que possa dar, de imediato, continuidade ao ataque na direcção da baliza contrária.
 - Tentar manter a posse de bola (temporizar) até que se

estabeleçam as condições favoráveis para o desenvolvimento do ataque.

As acções técnico-tácticas fundamentais de suporte à aplicação do princípio da penetração são as seguintes:

- O remate
- O passe
- O drible
- A condução da bola

O passe é a forma mais rápida de progressão da equipa no terreno de jogo. A intenção fundamental dos jogadores de posse da bola, quando decidem objectivar o princípio da penetração através do passe, deve ser a de procurarem ganhar o máximo de espaço em termos de profundidade de forma a transporem o centro do jogo o mais rapidamente possível para a zona predominante de finalização. Nesta perspectiva, o jogador de posse da bola deverá efectuar, preferencialmente, passes em direcção à baliza adversária.

Relativamente a este aspecto, Hughes (1990) estabelece a seguinte ordem de prioridades (figura 29):

- Passar a bola para o espaço nas “costas” da última linha defensiva. Este é o passe que causa maiores problemas à defesa contrária devido a duas ordens de razões. Por um lado, os defesas são obrigados a mudar a orientação dos apoios e a deslocar-se na direcção da sua própria baliza, revelando-se, por vezes, estas acções demoradas, pouco eficazes e perigosas para a própria baliza. Por outro, a última linha defensiva, ao subir no terreno de jogo para apoiar o seu próprio ataque, torna-se bastante vulnerável a este tipo de passe logo após a perda de posse da bola por os defesas estarem eventualmente desconcentrados devido à perda recente da bola ou por não se encontrarem nas suas posições defensivas de base ou, ainda, por terem de marcar e vigiar um largo espaço de terreno de jogo.

- Passar a bola para o companheiro que, estando em condições de a receber, esteja mais perto da baliza adversária.

- Passar em diagonal mudando o ângulo de ataque. Esta mudança de ângulo visa tirar partido do facto de, normalmente, existir uma menor atenção, vigilância e marcação sobre os espaços contrários ao centro do jogo.

- Passar a bola para trás (último recurso) para o jogador em cobertura ofensiva, jogador que deverá ter o espaço, o tempo e o campo de visão necessários para poder jogar a bola em direcção à baliza adversária.

Em síntese, diríamos que as atitudes e os comportamentos técnico-tácticos do atacante em penetração (jogador de posse da bola) podem ser sequencializados do seguinte modo:

- Rematar se se encontrar na zona de finalização e não existir nenhuma defesa na possível trajectória da bola.
- Passar a um companheiro bem colocado se não puder rematar.

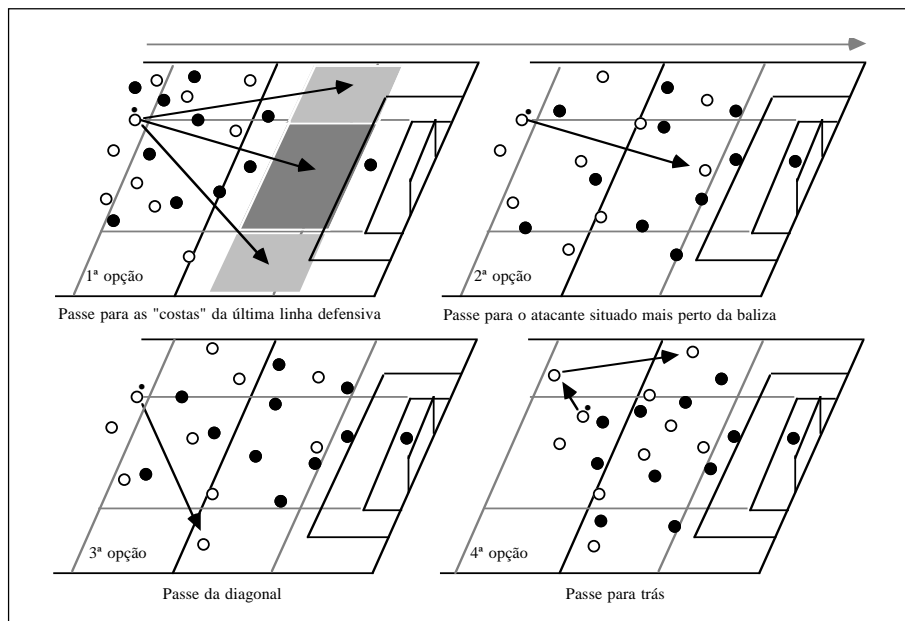


Figura 29 - Ordem de prioridades para a selecção dos passes (Hughes, 1990)

– Tentar ultrapassar o adversário directo movendo-se na sua direcção, em perfeito equilíbrio e com a bola bem dominada, arriscando o drible se não puder rematar e não existir nenhum companheiro bem colocado para receber a bola.

– Tentar orientar todos os seus comportamentos em direcção à baliza adversária com a intenção de deslocar rapidamente o centro do jogo para espaços sempre mais ofensivos.

– Tentar impedir que os adversários directos desviem a progressão sua ou da bola para zonas menos ofensivas.

2) Princípio da cobertura ofensiva

A velocidade de jogo não passa somente pela velocidade de execução das acções técnico-tácticas, mas também (ou principalmente) pela velocidade de percepção (“leitura”) e resolução mental das situações de jogo (Castelo, 1996).

No decorrer do processo ofensivo várias são as situações em que os jogadores recebem a bola em apertadas e confusas circunstâncias (muitos adversários à sua frente em grande movimentação). Nestas circunstâncias, o portador da bola poderá ter muita dificuldade em efectuar julgamentos rápidos, precisos e correctos das situações de jogo, sobretudo se os seus companheiros não lhe proporcionarem várias e claras opções de jogo, através de desmarcações para a frente e para trás da linha da bola.

Assim, no decurso do processo ofensivo, sempre que um

jogador recebe a bola deve receber igualmente e de forma imediata, por parte dos seus companheiros mais próximos, acções de apoio (à frente da linha da bola) e de cobertura (atrás da linha da bola), de modo a proporcionar-lhe várias opções de solução da situação momentânea de jogo (figura 30).

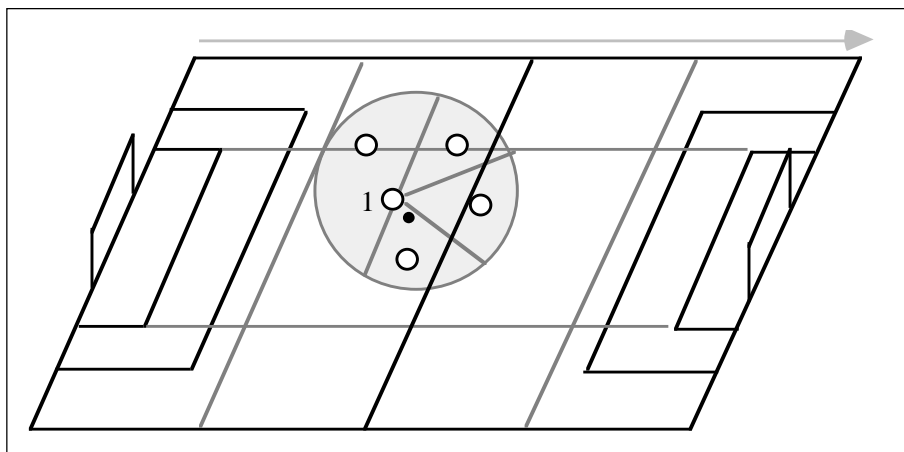


Figura 30 - Acções de cobertura e apoio ao portador da bola

Com as acções de cobertura - isto é, com a colocação de um atacante atrás da linha do portador da bola, pretendem-se alcançar três objectivos:

- Diminuir a pressão dos defesas sobre o portador da bola, facilitando-lhe, consequentemente, a resolução mental e motora da situação de jogo.

- Oferecer ao portador da bola mais uma opção, quase sempre segura, de solução da situação de jogo (passe para trás para o jogador em cobertura).

- Inculcar confiança ao portador da bola para que assuma maior iniciativa e risco porque sabe que se perder a bola, em consequência de uma má opção ou execução, há sempre um companheiro atrás de si em condições de remediar prontamente a situação.

A realização de acções de cobertura ofensiva eficazes requer de quem as executa resposta pronta a três questões fundamentais.

- A primeira diz respeito à distância de cobertura - isto é, à distância a que o jogador em cobertura se deve colocar do portador da bola.

Esta distância é variável, devendo ser sempre calculada de forma a que permita ao jogador em cobertura ter o tempo e o espaço suficientes para poder receber e jogar a bola para a frente com toda a segurança. Segundo Castelo (1994), a distância em questão é variável em função dos seguintes factores:

– Da zona do campo onde se verifica a situação de jogo (figura 31). Se a situação se verificar no 1º terço do campo (zona defensiva), o jogador em cobertura deverá optar por uma distância maior para que a acção de cobertura seja completamente segura. Em contrapartida, se a situação decorrer no sector atacante, o jogador em cobertura deverá aproximar-se mais do portador da bola por ser esta uma zona fortemente povoado por defesas, o que obriga os atacantes a terem que resolver as situações de jogo em espaços muito reduzidos e com o máximo de velocidade.

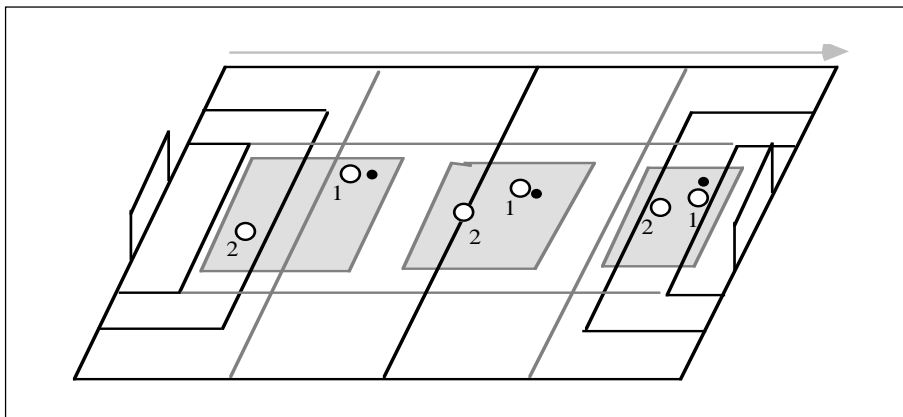


Figura 31 - A distância da cobertura ofensiva em função do espaço de jogo onde decorre a situação de jogo

– Da distância estabelecida pelo jogador em cobertura defensiva (2º defesa) em relação ao seu companheiro em contenção (1º defesa). Quando o 2º defesa se aproxima do 1º para aumentar a pressão sobre o portador da bola, o jogador em cobertura ofensiva poderá assumir um dos três comportamentos ilustrados na figura 32:

- Reduzir a distância em relação ao portador da bola de forma a não permitir que se estabeleça uma situação de superioridade numérica.
- Aumentar a sua distância em relação ao companheiro de posse da bola de forma a beneficiar de mais tempo e de mais espaço para receber e passar ou conduzir a bola em direcção à baliza adversária.
- Procurar explorar um espaço à frente ou ao lado da linha da bola (cumprindo, assim, o princípio da mobilidade) com o intuito de ultrapassar de imediato os dois opositores ou provocar o desequilíbrio do centro do jogo defensivo a partir do arrastamento do 2º defesa, reduzindo a complexidade da situação de 2x2 para 1x1).

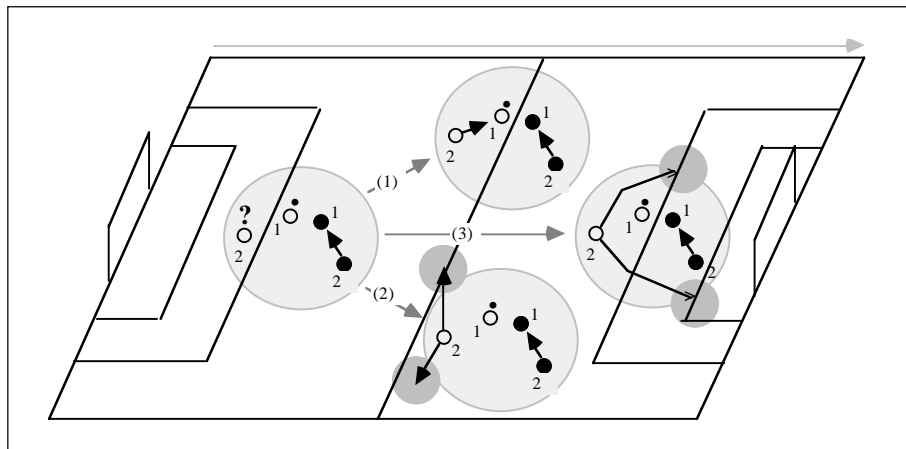


Figura 32 - A movimentação do atacante em cobertura em função da movimentação do 2º defesa

- A segunda questão diz respeito ao ângulo de cobertura - isto é, ao ângulo estabelecido entre o jogador em cobertura e o possuidor da bola (figura 33).

Não existindo nenhum ângulo que esteja permanentemente correcto, indicaríamos, como referência, um ângulo de aproximadamente 45 graus, por ser o ângulo que mais facilmente poderá possibilitar:

- Uma adequada base de recepção da bola - isto é, uma recepção orientada para a baliza adversária.
- Uma boa visão do espaço e da situação de jogo para a frente.
- Uma mudança rápida do ângulo do ataque.

- A terceira e última questão diz respeito ao lado da cobertura: de que lado se deve posicionar o atacante em cobertura em relação ao companheiro de posse da bola (figura 33)?

A escolha do lado da cobertura deverá ser feita em função:

- Da direcção de deslocamento do portador da bola. Se este se estiver a deslocar em direcção às linhas laterais, o jogador em cobertura deverá posicionar-se do lado de dentro - isto é, do lado que converge para o centro do terreno de jogo para mais facilmente poder variar o ângulo de ataque caso a bola lhe seja passada.

- Da possibilidade de arrastamento do defesa em cobertura defensiva para uma posição pouco eficaz de forma a proporcionar um melhor espaço de progressão ao portador da bola ou a exploração de um espaço vital de jogo a um 3º atacante.

- Da possibilidade do possuidor da bola poder perdê-la. Neste caso, o jogador em cobertura ofensiva procurará posicionar-se

do lado donde possa intervir com maior eficiência se aquela situação ocorrer (normalmente do lado que converge para eixo central do terreno de jogo).

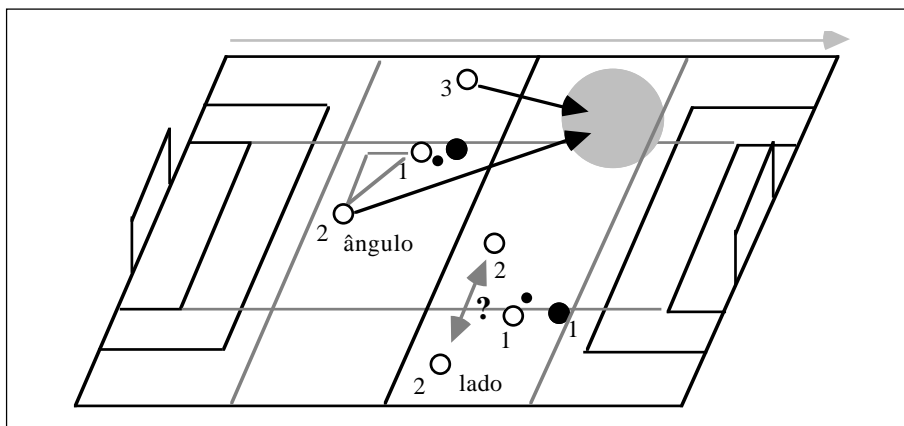


Figura 33 - O ângulo e o lado da cobertura ofensiva

O princípio da cobertura ofensiva advoga, em síntese, que o portador da bola deve ter sempre atrás de si um companheiro para:

- Dar continuidade ao processo ofensivo caso lhe seja passada a bola.
- Diminuir a pressão do ou dos adversários sobre o portador da bola.
- Equilibrar defensivamente o centro do jogo - isto é, para ser o 1º defesa a intervir no caso de se verificar a perda da bola.
- Transmitir ao companheiro de posse da bola maior confiança e segurança para que este use iniciativa e audácia na resolução da situação de jogo.
- Conferir, em suma, segurança ao ataque.

As acções técnico-tácticas fundamentais de suporte à aplicação deste princípio são as seguintes:

- O passe
- A recepção
- As desmarcações
- As combinações

3) Princípio da mobilidade

Segundo Cunha (1987), a contínua criação de instabilidade na equipa que defende é a chave para a progressão no terreno de jogo. A marcação realizada por cada defensor só terá sucesso completo se os atacantes assumirem uma posição estática. Por isso, em todos os momentos e em todos os locais do terreno de jogo, os atacantes devem estar permanentemente activos de modo a colocarem a cada instante problemas acrescidos à defesa contrária.

A compreensão e a assimilação do jogo sem bola é tão importante como é o perfeito domínio das acções técnico-tácticas. Os jogadores que não estão directamente envolvidos nas situações de jogo devem consciencializar e valorizar constantemente a sua contribuição para o desenvolvimento da acção ofensiva. Tanto mais que o objectivo do jogo sem bola não consiste tão só em intervir no jogo para se apoderar da bola, mas também em arrastar um ou vários adversários deixando livres de marcação espaços e companheiros.

De acordo com esta perspectiva, os jogadores em processo ofensivo, uma vez assegurada a cobertura ao portador da bola, devem deslocar-se para a frente da linha da bola para procurarem romper a organização defensiva adversária e criar os espaços necessários à progressão da bola, dando assim cumprimento ao princípio da mobilidade (figuras 27 e 28).

Como a movimentação referida pretendem-se alcançar três objectivos fundamentais:

- Criar, ocupar e utilizar espaços livres à frente da linha da bola de modo a possibilitar aos portadores da bola várias opções de solução das situações de jogo.
- Desequilibrar o centro do jogo defensivo quer pela criação de situações de superioridade numérica, quer por arrastamento dos defesas para zonas menos favoráveis do ponto de vista defensivo, criando, assim, espaços para outros companheiros poderem beneficiar de corredores livres.
- Simplificar as por vezes complexas e confusas situações de jogo, transformando, por arrastamento do defesa em cobertura, situações de, por exemplo, 2x2 em situações de 1x1, mais favoráveis para a equipa que ataca.

O sucesso dos jogadores em mobilidade depende, essencialmente, da imprevisibilidade, para os defesas, dos deslocamentos efectuados por aqueles jogadores. Estes deslocamentos deverão reflectir algumas ou a totalidade das seguintes características:

- Serem precedidos de simulações e efectuados com mudanças rápidas de velocidade e direcção.
- Serem efectuados de tal forma que os adversários directos deixem de ver simultaneamente os atacantes em desmarcação e à bola.
- Serem efectuados de forma a nunca se perder de vista a bola.
- Proporcionarem ao portador da bola uma de duas opções: um passe para o jogador em deslocamento ou um passe para o espaço deixado livre onde aparece um outro atacante para receber a bola.

Aos jogadores em mobilidade exige-se uma clara e ampla visão do jogo, exige-se a percepção clara e rápida das movimentações dos seus companheiros e adversários para poderem rapidamente

tomar as decisões mais adequadas às sucessivas situações momentâneas de jogo. Decisões que poderão conduzir à necessidade de terem que assumir outras funções, nomeadamente:

- Entrarem em cobertura ofensiva sempre que o seu companheiro nessas funções tome uma iniciativa que não lhe permita continuar em apoio ao companheiro de posse da bola.
- Cumprirem os comportamentos técnico-táticos inerentes ao princípio da penetração se a bola lhes for passada.
- Assumirem os comportamentos técnico-táticos inerentes ao jogador em cobertura defensiva ou em contenção imediatamente após a perda da bola.
- Deslocarem-se para fora do centro do jogo ofensivo para procurarem romper a organização defensiva da equipa adversária, para tentarem criar condições mais favoráveis à resolução da situação momentânea de jogo (procurar transformar, por exemplo, uma situação de 2x2 numa situação de 1x1) ou para se constituírem como alvos que se deslocam em profundidade e largura de forma a permitirem a progressão ou modificação da direcção do ataque da sua equipa.

As acções técnico-táticas fundamentais de suporte à aplicação do princípio da mobilidade são:

- As desmarcações
- As combinações táticas

5.2.2.2 - Princípios específicos da defesa

Quando uma equipa perde a posse da bola passa a ter como objectivos fulcrais: a defesa da baliza e a recuperação da bola.

A persecução destes objectivos requer, entre outras coisas, a mudança rápida de uma atitude ofensiva para uma atitude defensiva, mudança que deve ser consubstanciada por:

- Rápidas movimentações para pressionar o possuidor da bola, para marcar espaços vitais em termos defensivos e para marcar atacantes com probabilidades de darem continuidade ao processo ofensivo adversário.
- Concentração rápida de jogadores nas zonas vitais do terreno de jogo, especialmente na zona predominante de finalização da equipa adversária.

Assim, quando uma equipa perde a posse da bola, deve reagir de imediato àquela situação assumindo comportamentos técnico-táticos individuais e colectivos em função da bola, dos adversários, dos companheiros e da própria baliza. Tais comportamentos devem assegurar a marcação de espaços e de adversários de forma a que estes não possam penetrar em zonas vitais do ponto de vista defensivo.

Para a realização destes objectivos, todos os jogadores em processo defensivo devem orientar as suas atitudes e comportamentos por três princípios fundamentais (figuras 27 e 37):

- Princípio da contenção.
- Princípio da cobertura defensiva.
- Princípio do equilíbrio defensivo.

1) Princípio da contenção

O princípio da contenção advoga que o atacante de posse da bola deve ser rigorosa e individualmente marcado, seja ele quem for e por onde quer que se movimente, pelo defensor que estiver mais próximo (figuras 27 e 37).

Com a marcação permanente e agressiva aos sucessivos portadores da bola pretendem-se alcançar quatro objectivos fundamentais:

- Recuperar a posse da bola.
- Impedir o relançamento do processo ofensivo da equipa adversária quer seja através de um ataque rápido, quer seja através do contra-ataque (é importante fazer com que a equipa adversária renuncie ao contra-ataque).
- Ganhar o tempo suficiente para a recuperação e organização do método defensivo utilizado pela equipa.
- Desviar o centro do jogo para espaços de menor perigo para a baliza da equipa que defende e de mais fácil recuperação da bola (corredores laterais).

Na marcação ao adversário com bola devem ter-se em atenção os seguintes oito factores:

- Colocação do defensor em contenção relativamente ao portador da bola. O defensor em contenção deverá manter-se, sempre, entre o portador da bola e a baliza que defende. Um dos objectivos do processo defensivo consiste na cobertura/defesa da baliza. A persecução deste objectivo requer que os jogadores da equipa que defende se posicionem continuamente entre o portador da bola e a sua própria baliza (figura 34).

Esta colocação entre a bola e a baliza pode determinar que a marcação individual ao portador da bola deva ser efectuada:

- Por trás do atacante quando este joga de costas para a baliza. Nestas circunstâncias, é importante pressionar o atacante para o não deixar rodar e para o obrigar a jogar em direcção à sua própria baliza.
- Ao lado do atacante quando este desenvolve a sua acção num dos corredores laterais. Nestes casos, a marcação deve ser efectuada pelo lado de dentro.
- De frente para o atacante quando este se dirige com a bola controlada em direcção à baliza adversária.

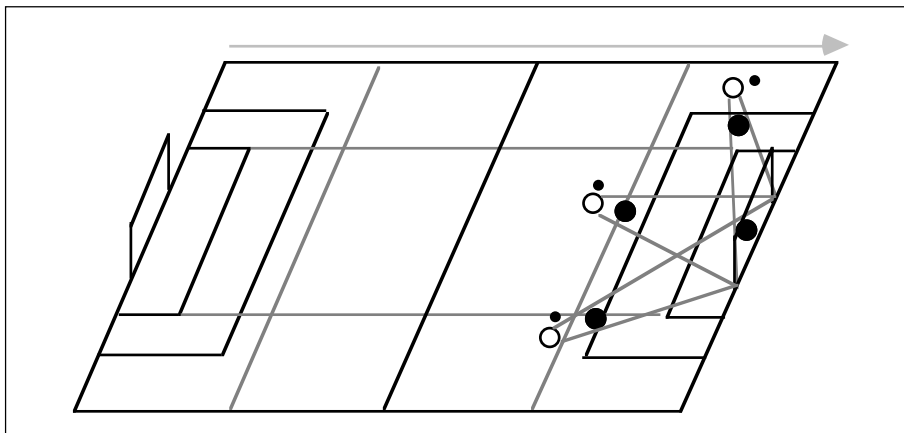


Figura 34 - Posição do defesa em contenção: entre o portador da bola e a sua própria baliza

- Velocidade de aproximação ao adversário com bola. O defesa em contenção deverá aproximar-se do atacante à máxima velocidade se e enquanto este não tiver, ainda, a bola controlada ou, se já a tiver controlada, até chegar muito perto dele. Neste último caso, chegado perto do atacante, deve abrandar a velocidade porque se o não fizer terá muitas dificuldades em reagir adequadamente à iniciativa do atacante e será facilmente ultrapassado.

- Ângulo de aproximação ao portador da bola. O ângulo de aproximação do defesa ao atacante com bola é, também ele, variável, sendo determinado por duas condicionantes:

- A obrigatoriedade do defesa se posicionar continuamente entre a bola e a sua própria baliza.
- E a previsão das intenções tácticas do atacante que podem ser passar, driblar e rematar.

- Posição base do defesa. A eficácia de toda e qualquer intervenção no jogo é determinada por um factor essencial: a posição de base. Ela deve ser exigida continuamente a todos os jogadores em processo defensivo por duas ordens de razões:

- Uma motora: confere maior equilíbrio e estabilidade ao jogador.
- Outra psíquica: confere maior atenção e concentração, permitindo, assim, uma reacção pronta e oportuna.

Em termos técnicos, a posição base deve proporcionar uma boa base de sustentação do corpo conseguida através de uma ligeira flexão da articulação dos joelhos e de uma correcta colocação dos apoios que deverão projectar-se sobre uma linha oblíqua à linha de progressão do atacante de modo a permitir que o defesa possa rodar rapidamente em direcção à sua própria baliza se for ultrapassado pela situação de jogo (figura 35).

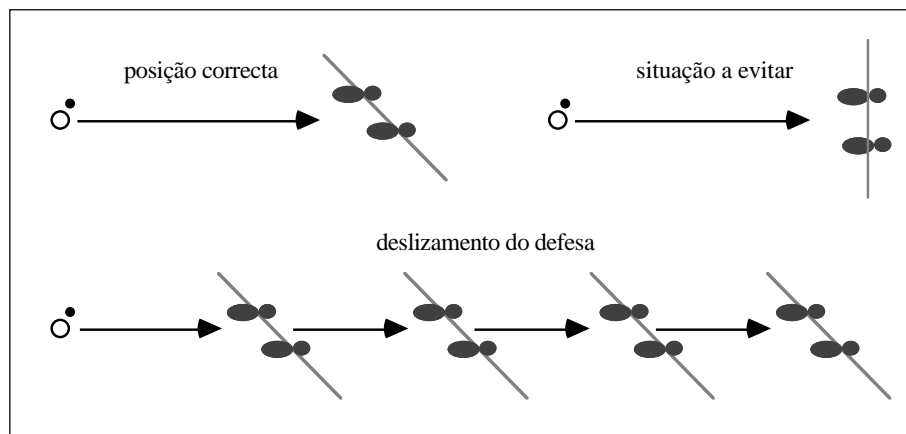


Figura 35 - O posicionamento de base do defesa (Castelo, 1996)

A partir da posição de base e em função da capacidade de progressão do atacante, o defesa deverá deslizar em direcção à sua baliza, sem nunca elevar o centro de gravidade e mantendo sempre a planta dos pés em contacto com o solo.

O deslocamento deverá ser efectuado usando sempre o mesmo apoio à frente (normalmente o mais forte).

O defesa deverá manter permanentemente a estabilidade da sua posição, procurando não reagir às simulações do atacante e resistindo à tentação de tentar desarmá-lo deslizando pelo chão (“carrinho”). Esta acção, de difícil execução, só deverá ser utilizada em situações extremas ou quando o defesa tem fortes probabilidades de ganhar a posse da bola. Caso contrário deverá manter-se sobre os apoios e ser muito paciente.

• Distância entre o defesa em contenção e o atacante em penetração. O valor daquela distância varia em função de múltiplos factores, nomeadamente:

- Da capacidade de desarme do defesa: quanto maior for aquela capacidade menor deverá ser a distância de marcação.
- Da capacidade técnico-táctica do atacante (drible): quanto maior for aquela capacidade maior deverá ser a distância de marcação.
- Da zona do terreno do jogo onde decorre a situação: quanto mais próximo o atacante se encontrar da zona predominante de finalização mais agressiva e pressionante deverá ser a marcação.
- Da posição do atacante em relação à baliza adversária: se o atacante estiver de frente para a baliza adversária, o defesa em contenção deverá aumentar a distância de marcação, mas se o atacante estiver de costas ou de lado para a baliza

adversária, o defesa em contenção deverá diminuir a distância de marcação de forma a poder impedir que o atacante rode em direcção à baliza.

- Da existência de acções de cobertura defensiva. A existência de um defesa em cobertura permite ao defesa em contenção ser mais agressivo e pressionante porque sabe que, se for ultrapassado, o seu companheiro assumirá de imediato a sua função.
- Da existência de acções de cobertura ou de apoio ao atacante com bola: se existirem estas acções, aconselha-se uma maior distância de marcação para evitar ser-se imediatamente ultrapassado devido à superioridade numérica dos atacantes. Nestas circunstâncias, com uma marcação mais distante, procurar-se-á, acima de tudo, retardar ao máximo o desenvolvimento do processo ofensivo da equipa adversária para que os restantes companheiros possam providenciar as acções de ajuda necessárias.

- Observar a bola e ser paciente. O defesa deve observar permanentemente a bola (nunca o portador da bola) para reagir em função dos movimentos desta e nunca em função dos movimentos do adversário.

Uma vez correctamente posicionado, o defesa em contenção deverá procurar ser paciente para não fazer acções precipitadas (nunca esquecer que o tempo decorre sempre a favor da defesa), sobretudo:

- Nos momentos em que se poderão verificar desequilíbrios na organização defensiva da sua equipa, nomeadamente logo após a perda da bola ou quando os atacantes sem bola executam deslocamentos de rotura (perpendicular ou diagonal) para espaços vitais de jogo. Nestas circunstâncias, o defesa em contenção deverá tentar retardar ao máximo a acção do atacante com bola de forma a que os seus companheiros tenham o tempo suficiente para fazerem a recuperação defensiva.
- Nas situações de último defesa. Nestas situações, o defesa em contenção deverá evitar tentar o desarme salvo em situações extremas – isto é, quando o atacante esteja prestes a criar uma situação de finalização. Também aqui, interessa retardar ao máximo a acção do atacante com bola.

- Tomar a iniciativa. O vencedor das situações 1x1 é, normalmente, aquele que primeiro tomar a iniciativa. Relativamente a este aspecto, embora o atacante tenha vantagem, o defesa também poderá e deverá tentar assumir a iniciativa.

Como?

- Marcando agressiva e pressionantemente o atacante quando este recebe a bola de costas para a baliza adversária para o obrigar a jogar para trás ou para o lado.

- Simulando o desarme quer para que o atacante se preocupe mais com a protecção da bola do que com o ataque ou defesa, quer para induzi-lo a tirar a bola do alcance do defesa e ao fazê-lo poder perder o seu controlo.
- Procurando conduzir o possuidor da bola para os corredores laterais, onde as acções ofensivas são, normalmente, menos perigosas por três ordens de razões -> ângulo de remate mais reduzido, menor número de jogadores em condições de receber a bola e jogo ofensivo mais previsível.
- Procurando escolher o momento certo do desarme.
 - Determinação e coragem. Quando um defesa se desloca para recuperar a bola deve fazê-lo com velocidade, precisão, “timing”, determinação e coragem. O jogo de futebol (Hughes, 1990) é um conjunto de situações de 1x1 em todo o campo cuja resolução envolve velocidade, técnica, contacto físico, muita determinação e coragem. Quantas mais situações destas uma equipa ganhar maior será o domínio psicológico sobre a equipa adversária.

As acções técnico-tácticas fundamentais de suporte à aplicação do princípio da contenção são as seguintes:

- As marcações
- O desarme.

2) Princípio da cobertura defensiva

A organização do processo defensivo deve prever que quando um defesa entra numa acção de contenção ao possuidor da bola, deve receber imediatamente, por parte dos seus companheiros, acções de cobertura defensiva – isto é, quando um defesa entra em contenção um outro defesa deve deslocar-se imediatamente para trás dele (figura 27 e 37).

As acções de cobertura defensiva são extremamente importantes por dois motivos fundamentais:

- Dão confiança e, conseqüentemente, maior capacidade de iniciativa ao defesa em contenção.
- Tornam possível manter sob pressão constante o possuidor da bola, isto porque se o defesa em contenção for ultrapassado, o defesa em cobertura passará imediatamente a exercer as funções do primeiro.

Para além de alguns aspectos referidos relativamente às acções de contenção (nomeadamente a posição defensiva de base), é importante que os jogadores em cobertura defensiva tenham ainda em conta os seguintes aspectos:

- Distância de cobertura. A distância entre os defesas em cobertura e em contenção varia de acordo com os seguintes factores:
 - Zona do campo onde decorre a situação de jogo. Se a situação decorrer nas zonas defensiva e do meio campo defensivo, a distância de cobertura deve ser pequena para evitar que, caso o atacante ultrapasse o 1º defesa, tenha

tempo e espaço para poder finalizar ou criar situações de finalização. Mas se a situação de jogo ocorrer no sector atacante ou do meio campo ofensivo da equipa que defende, o 2º defesa deve posicionar-se a uma maior distância do 1º para evitar a possibilidade de ambos poderem ser simultaneamente ultrapassados pelo atacante devido a um aumento da velocidade daquele, proporcionado pelos grandes espaços vazios que normalmente se encontram nestas zonas do terreno (figura 36).

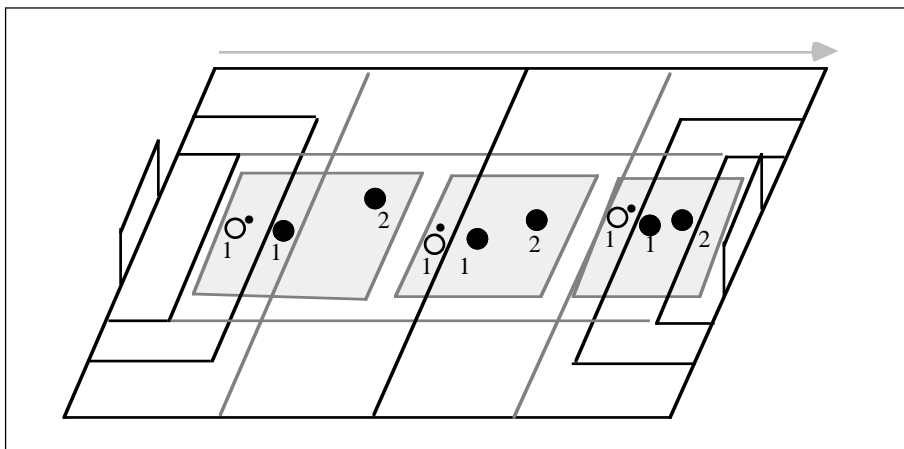


Figura 36 - A distância da cobertura defensiva em função da zona do campo onde decorre a situação de jogo

– Capacidade técnico-táctica do atacante. Se o atacante tem uma grande capacidade para resolver situações de 1x1 (grande facilidade de drible), o 2º defesa deverá posicionar-se mais perto do seu companheiro para encurtar o espaço e o tempo de execução ao adversário.

Se o atacante tem uma grande facilidade em executar acções de passe para espaços vazios, o defesa em cobertura deverá posicionar-se um pouco mais longe do defesa em contenção para poder dispor de mais tempo para decidir conforme a evolução da situação.

– Velocidade dos defesas. Se os defesas em contenção e cobertura forem rápidos podem guardar entre eles distâncias pequenas. Se forem lentos, é preferível optarem por distâncias maiores.

– Deslocamento do jogador em cobertura ofensiva em direcção ao companheiro em penetração ou vice versa. Sempre que se verifique uma situação daquelas, o jogador em cobertura defensiva deverá diminuir de imediato a sua distância em relação ao companheiro em contenção a fim de evitar a criação momentânea e pontual de superioridade numérica ofensiva.

- Lado da cobertura defensiva. Outra questão importante

que se coloca ao 2º defesa é a de saber de que lado se deve posicionar em relação ao defesa em contenção. Quanto a esta questão recomenda-se o seguinte:

- Quando o atacante se deslocar próximo das linhas laterais, a defesa ganha vantagem se o jogador em cobertura defensiva se posicionar perto daquelas linhas para aumentar a pressão sobre o atacante e facilitar a conquista da bola.
- Quando o atacante se direccionar para o corredor central, há toda a vantagem que o jogador em cobertura defensiva se posicione do lado de dentro - isto é, do lado que converge para o centro do terreno de jogo.
- Quando o atacante de posse da bola beneficiar de cobertura ofensiva, o defesa em cobertura defensiva deverá colocar-se do lado do atacante em cobertura ofensiva.
 - Ângulo de cobertura. O ângulo entre os jogadores em cobertura defensiva e em contenção deve permitir quer uma visão global do espaço e da situação de jogo à frente, quer a intercepção das linhas de passe em direcção à própria baliza. Daqui resulta que deve ser variável de acordo com as condições de momento, embora, em caso de dúvida, se recomende a adopção de um ângulo de 45°.

O princípio da cobertura defensiva preconiza, em síntese, que o defesa em contenção deve ter sempre atrás de si um companheiro para:

- Inculir confiança e iniciativa ao defesa em contenção.
- Exercer pressão imediata sobre o adversário de posse da bola se o defesa em contenção for ultrapassado (entrar em contenção).
- Vigiar os comportamentos técnico-tácticos do atacante em cobertura ofensiva para poder agir em conformidade.
- Entrar imediatamente em cobertura ofensiva se o defesa em contenção recuperar a posse da bola.

As acções técnico-tácticas fundamentais de suporte à aplicação do princípio da cobertura defensiva são as seguintes:

- A marcação
- A intercepção
- As dobras

3) Princípio do equilíbrio defensivo

Os atacantes, uma vez assegurada a cobertura ao portador da bola, procuram criar, através de uma movimentação permanente, os espaços necessários à progressão da bola (princípio da mobilidade). Os jogadores em processo defensivo, uma vez assegurada a cobertura ao companheiro em contenção, devem vigiar e acompanhar os atacantes em mobilidade, respeitando, assim, o 3º princípio da defesa: o princípio do equilíbrio defensivo (figura 27 e 37).

Portanto, o princípio do equilíbrio preconiza que quando um atacante, situado no centro do jogo (atacante em cobertura ou apoio),

se afasta do portador da bola quer para libertá-lo da sobremarcação dos defesas, quer para receber a bola mais à frente, deve ser acompanhado por um defesa (normalmente pelo defesa que está em cobertura).

Com a aplicação deste princípio, a equipa que defende visa fundamentalmente alcançar três objectivos complementares:

- Anular espaços de progressão à equipa adversária.
- Impedir que os atacantes em mobilidade recebam a bola à vontade.
- Assegurar a estabilidade do centro do jogo defensivo. Se é dever dos atacantes tentarem criar, através de movimentações permanentes e coordenadas, espaços livres para por eles fazerem progredir a bola de forma rápida e segura, rompendo, assim, a organização defensiva adversária, é igualmente dever dos defesas impedir a criação daqueles espaços acompanhando (marcando) os atacantes em mobilidade de forma a evitar que a equipa se desorganize, se fragmente – isto é, crie largos espaços entre os seus jogadores.

Os jogadores em equilíbrio defensivo devem possuir uma óptima visão de jogo – isto é, uma percepção clara e contínua da movimentação dos jogadores (adversários e companheiros) e da trajectória da bola para:

- Poderem prever as intenções tácticas dos atacantes e para, conseqüentemente, melhor poderem contrariar a sua objectivação.
- Poderem assumir, em função das alterações verificadas no centro do jogo, outras funções, nomeadamente as funções de:
 - Cobertura defensiva se o companheiro em contenção for ultrapassado pelo portador da bola.
 - Contenção se, ao modificar-se a situação de jogo, forem os defesas mais perto do possuidor da bola.
 - Cobertura ofensiva ou mobilidade se e mal a sua equipa recupere a posse da bola.

As acções técnico-tácticas fundamentais de suporte à aplicação deste princípio são as seguintes:

- A marcação
- As compensações defensivas

Uma síntese dos princípios específicos do jogo em função da variabilidade das situações momentâneas de jogo é ilustrada na figura 37.

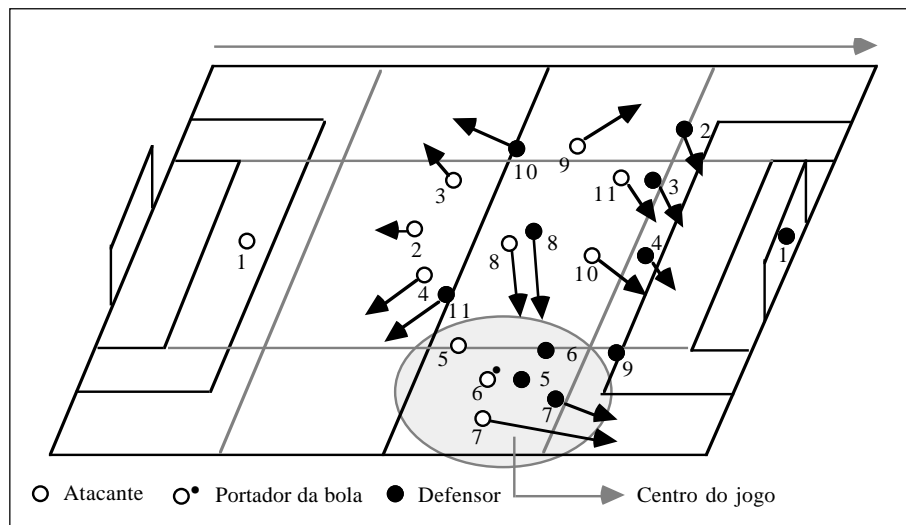


Figura 37 - Síntese dos princípios específicos do jogo (Castelo, 1996)

- Os jogadores que se posicionam fora do centro de jogo procuram:
 - Romper a organização da equipa adversária: atacantes 9, 10 e 11; defesas 10 e 11.
 - Manter a organização da própria equipa: atacantes 1, 2, 3 e 4; defesas 1, 2, 3, 4 e 9.
 - Intervir no centro do jogo: atacante 8; defesa 8.
- Os jogadores que se posicionam no centro do jogo procuram:
 - A penetração: atacante 6.
 - A contenção: defensor 5.
 - A cobertura ofensiva: atacante 5.
 - A cobertura defensiva: defensor 6 e 7.
 - A mobilidade: atacante 7.
 - O equilíbrio defensivo: defensor 7.

5.2.3 - Os princípios específicos do jogo em função da missão táctica dos jogadores dentro do sistema de jogo da equipa

Os sistemas de jogo, além de definirem a distribuição dos jogadores no terreno de jogo, estabelecem, também, normas orientadoras dos comportamentos técnico-tácticos dos jogadores (princípios) tanto em processo ofensivo como defensivo.

Vejam algumas das principais normas que os jogadores devem tentar respeitar durante o jogo em função do lugar que ocupam dentro do dispositivo táctico da equipa.

1) O guarda redes

• Em processo ofensivo:

- É, muitas vezes, o primeiro atacante, pelo que pode e deve procurar influenciar o ritmo de jogo através da reposição rápida ou lenta da bola em jogo em função dos objectivos tácticos da equipa, do estado de organização defensiva da equipa adversária e da colocação dos seus companheiros.
- Deve, aproveitando a sua posição de observador privilegiado do terreno de jogo, assumir a coordenação dos companheiros que intervêm no sector defensivo da sua equipa.
- Deve executar os pontapés de baliza para evitar que os seus companheiros fiquem, momentaneamente, em inferioridade numérica.
- Deve procurar assegurar linhas de passe seguras aos companheiros que contactam momentaneamente com a bola no sector defensivo da sua equipa (acções de cobertura ofensiva).

• Em processo defensivo:

- Tem como função principal cobrir e defender a baliza.
- Deve ajustar a sua posição (para a frente, para trás, para a direita, para a esquerda) em função da localização do centro do jogo.
- Deve, em caso de necessidade, sair da grande área para jogar a bola com os pés.

2) Os defesas laterais

• Em processo ofensivo:

- Devem, imediatamente após a recuperação da bola, deslocar-se para as linhas laterais para proporcionarem linhas de passe seguras aos portadores da bola.
- Devem, sempre que possível, integrar-se na construção do processo ofensivo da sua equipa através da utilização dos corredores laterais.
- Devem, dentro das suas zonas de acção, proporcionar acções de cobertura e apoio aos portadores da bola.
- Devem executar os lançamentos pelas linhas laterais.

• Em processo defensivo:

- Têm como tarefa fundamental marcar individualmente os adversários que apareçam com ou sem bola nos corredores laterais.
- Devem deslocar-se para o corredor central sempre que a bola esteja no corredor lateral oposto, dando cobertura aos defesas centrais.
- Na marcação dos pontapés de canto contra a sua equipa, devem posicionar-se junto ao poste da baliza mais próximo do seu corredor.

- Nas saídas do guarda redes, devem deslocar-se para a linha de baliza para protegerem a baliza.

3) Os defesas centrais

- Em processo ofensivo:

- Devem subir e fazer subir os seus companheiros do sector defensivo até ao meio campo.
- Devem, sempre que possível, integrar-se activamente na construção do processo ofensivo, tentando criar situações de superioridade numérica ou explorando espaços livres na zona de finalização.
- Devem executar acções de cobertura ofensiva aos companheiros que, próximo deles, entrem momentaneamente em contacto com a bola.

- Em processo defensivo:

- Têm, como função principal, marcar individualmente os pontas de lança da equipa adversária.
- Devem executar acções de cobertura defensiva aos companheiros que entrem momentaneamente em contenção dentro das suas zonas de acção (sectores defensivo e do meio campo defensivo).
- Devem jogar de forma sóbria e segura.

4) Os médios alas

- Em processo ofensivo:

- Têm, como função principal, criar situações de finalização através de cruzamentos para a zona de finalização.
- Devem marcar os canto.
- Devem, sempre que oportuno, deslocar-se para o corredor central para, juntamente com os pontas de lança, tentarem criar situações de superioridade numérica na zona de finalização.

- Em processo defensivo:

- Têm como função principal “fechar” os corredores laterais.
- Devem deslocar-se para o corredor central quando a bola está no corredor oposto para entrarem em acções de cobertura aos companheiros que jogam no corredor central.
- Nas situações de bola parada, devem colocar-se à frente da bola até que o dispositivo defensivo da sua equipa esteja formado.

5) Os médios centrais

- Em processo ofensivo:

- Devem fazer a distribuição do jogo – isto é, assumir o papel de coordenadores de jogo da sua equipa.
- Devem procurar marcar o ritmo de jogo, acelerando ou

retardando o desenvolvimento do processo ofensivo da sua equipa em função dos objectivos perseguidos.

- Devem participar na construção e culminação do processo ofensivo da sua equipa, explorando os espaços livres nas costas dos defesas adversários.
- Devem executar acções de cobertura e apoio aos companheiros portadores da bola em todos os sectores do campo.
- Em processo defensivo:
 - Devem marcar os médios centros da equipa adversária.
 - Devem, em caso de necessidade, permutar com os defesas centrais.
 - Devem executar acções de cobertura defensiva aos companheiros em entram momentaneamente em acções de contenção, sobretudo nos sectores ofensivo e do meio campo.

6) Os pontas de lança

- Em processo ofensivo:
 - Têm como função principal marcar golos, pelo que devem posicionar-se preferencialmente na zona de finalização.
 - Devem estar em movimentação permanente quer para procurarem apoio dos médios, quer para procurarem espaços livres, quer, ainda, para arrastarem os defesas centrais adversários para posições menos favoráveis.
 - Devem procurar rematar sempre que a oportunidade surja.
- Em processo defensivo:
 - São, muitas vezes, os primeiros defesas da sua equipa, pelo que devem procurar pressionar insistentemente o guarda redes e os adversários que entrem momentaneamente em contacto com a bola nos sectores defensivo e do meio campo defensivo da equipa adversária quer para tentarem conquistar a posse da bola, quer para retardarem ao máximo o relançamento do ataque adversário.

6 · As acções técnico-tácticas dos jogadores

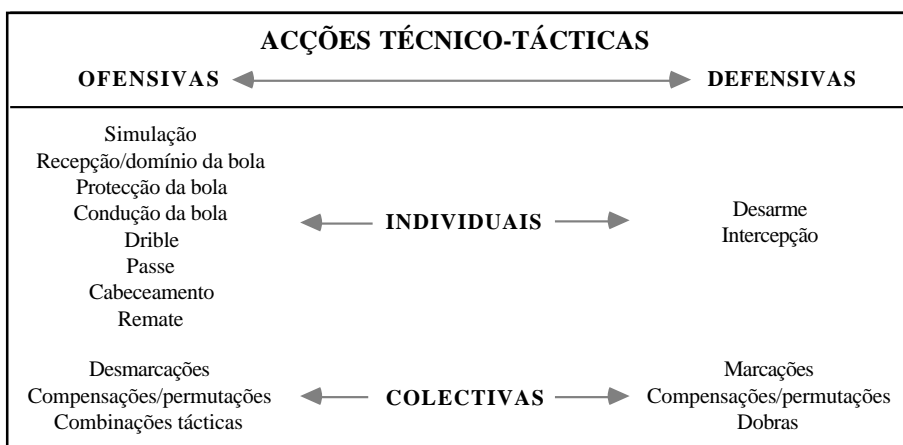


Figura 38 - Síntese das principais acções técnico-tácticas utilizadas pelos jogadores durante o jogo

As acções (ou comportamentos) técnico-tácticas são os meios que os jogadores utilizam para resolverem as situações de jogo (Castelo, 1996).

As acções técnico-tácticas utilizadas pelos jogadores durante o jogo resultam, de acordo com Mahlo (1966), de um conjunto complexo de operações estruturadas em três fases interactivas (figura 39):

- Percepção e análise das situações de jogo. Nesta fase, os jogadores recolhem, analisam e tratam informações relativas às situações de jogo (situação e movimentação da bola, dos adversários e dos companheiros, colocação das balizas, espaço de jogo, etc.) através dos órgãos dos sentidos, sobretudo da visão.
- Solução mental das situações de jogo. Com base nos dados recolhidos e nos conhecimentos anteriormente adquiridos (reportório motor armazenado), os jogadores concebem soluções mentais para as situações de jogo.
- Solução motora. Tendo como suporte os mecanismos efectores suportados fundamentalmente pelos sistemas nervoso e muscular, os jogadores concretizam - isto é, resolvem as situações de jogo através da realização de acções técnico-tácticas (passe, remate, drible, desarme, etc.).

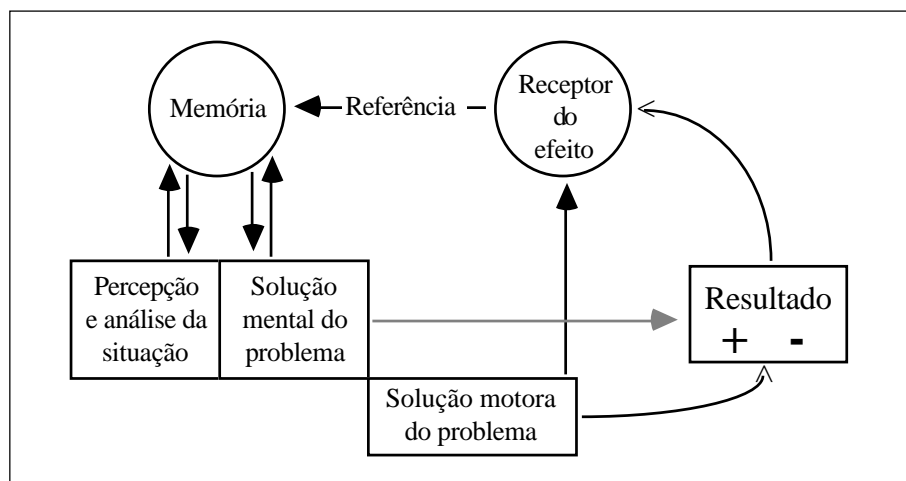


Figura 39 - As fases do acto táctico (Mahlo, 1966)

Há, portanto, uma forte relação entre a percepção e solução mental das situações de jogo e as respectivas soluções motoras.

Assim, as acções técnico-tácticas dos jogadores devem ser entendidas mais como meios para atingir determinados fins que são as intenções tácticas. A boa técnica deve ter em conta os condicionalismos próprios das situações tácticas (bola, companheiros, adversários, balizas, espaço, etc.). São aqueles condicionalismos que irão ditar os procedimentos técnicos mais eficazes para resolver as situação de jogo (Castelo, 1996).

As acções técnico-táticas utilizadas pelos jogadores para resolver as múltiplas situações de jogo podem ser agrupadas em quatro categorias:

- Acções individuais ofensivas (simulação, recepção, protecção, condução, passe, drible, remate e cabeceamento).
- Acções individuais defensivas (intercepção e desarme).
- Acções colectivas ofensivas (desmarcações, compensações/permutações e combinações táticas).
- Acções colectivas defensivas (marcações, compensações e dobras).

6.1 - Acções técnico-táticas individuais ofensivas

1) A simulação - A simulação é a acção realizada pelos jogadores (ou apenas por algum ou alguns segmentos corporais dos jogadores) com o objectivo de desequilibrar e ou ludibriar os adversários directos.

2) A recepção da bola - A recepção da bola é a acção de controlo/domínio da bola efectuada por um jogador que a recebe de um adversário (intercepção) ou de um companheiro (passe) com o objectivo de iniciar ou dar continuidade ao processo ofensivo da sua equipa.

Como elementos fundamentais que concorrem para uma eficaz recepção da bola podem destacar-se os seguintes:

- Observar a trajectória da bola.
- Deslocar-se em direcção à bola de forma a interceptá-la na sua trajectória e a contrariar as sempre prováveis tentativas de antecipação dos adversários.
- Decidir antecipadamente com que superfície corporal se irá receber a bola. As superfícies corporais mais utilizadas na execução desta acção são os pés (partes interna, externa e peito), as coxas, o abdómen, o peito e a cabeça.
- Deslocar a superfície corporal de recepção em direcção à trajectória da bola e afastá-la no momento que precede o contacto.
- Relaxar, no momento do contacto com a bola, a região corporal utilizada.
- Receber/controlar a bola sem alterar, se possível, a velocidade e a direcção do deslocamento.
- Orientar a bola de forma a estabelecer uma ligação fluida e sequencial com a acção seguinte (passe, drible, remate, etc.).
- Ter confiança e determinação na execução.

3) A condução da bola - A condução da bola consiste na acção de deslocamento controlado da bola no espaço de jogo com os

objectivos de progredir no terreno de jogo ou de temporizar o desenvolvimento do processo ofensivo.

Esta acção pode ser executada com:

- A parte interna do pé (mais precisa e mais segura, mas menos rápida).
- O peito do pé (pouco precisa, mas bastante rápida).
- A parte externa do pé (precisa e rápida).

Como elementos a ter em conta na execução desta acção técnico-táctica podem destacar-se os seguintes:

- Se o atacante tem espaço livre deve conduzir a bola à máxima velocidade, mantendo-a bem afastada do corpo e impulsionando-a com a parte externa ou peito do pé só a cada três ou quatro apoios.
- Se o atacante está pressionado deve procurar manter a bola bem “colada” aos pés e perfeitamente “coberta”, conduzindo-a com o pé oposto ao lado do adversário.
- Observar o espaço de jogo em volta para agir em conformidade (renunciar, por exemplo, à condução quando há companheiros bem colocados ou não há espaço livre).

4) A protecção da bola – A protecção da bola é a acção executada pelo atacante de posse da bola para a resguardar de qualquer intervenção do adversário directo, tendo em vista:

- Temporizar o processo ofensivo quer para ganhar tempo para que os seus companheiros se posicionem correctamente, quer para quebrar o ritmo de jogo à equipa adversária.
- Provocar infracções às leis do jogo, sobretudo na zona de finalização, para que a equipa possa beneficiar das vantagens associadas às situações de bola parada.

Como elementos fundamentais que concorrem para a realização eficaz desta acção podemos destacar os seguintes:

- Manter a bola o mais longe possível do adversário.
- Interpor o corpo entre a bola e o adversário (a perna do lado do adversário suporta o peso do corpo funcionando como “pivot” enquanto a outra contacta a bola com pequenos toques).
- Reagir às diferentes acções dos adversários variando quer os ângulos, quer a posições em relação a eles.

5) O drible – O drible é a acção em que o portador da bola ultrapassa o adversário directo com a bola perfeitamente controlada com os objectivos de:

- Progredir no terreno de jogo.
- Ganhar espaço para executar outras acções (passe, remate).
- Criar situações de finalização por eliminação do último defesa.

Como elementos fundamentais que concorrem para uma execução eficaz do drible podem destacar-se os seguintes:

- Correr em direcção ao defesa à máxima velocidade, mas abrandar ao chegar perto dele.
- Enganar e desequilibrar o defesa através de uma simulação (desviar o defesa da linha de progressão).
- Manter a bola o mais protegida e afastada possível do defesa (manter o corpo entre a bola e o adversário).
- Observar atentamente a reacção do defesa e agir em conformidade.
- Mudar de direcção e acelerar bruscamente no momento de ultrapassar o adversário.
- Não driblar na direcção de um adversário imóvel, mas forçá-lo a mover-se para uma posição menos conveniente para a sua defesa.
- Procurar driblar para o lado contrário à acção técnico-táctica que se pretende fazer a seguir para se esconder a intenção ao adversário e proporcionar espaço de manobra ao receptor da bola (driblar, por exemplo, para a esquerda quando se pretende fazer um passe para a direita).

6) O passe – O passe é a acção de comunicação material estabelecida entre dois jogadores da mesma equipa efectuada com os objectivos de fazer progredir a bola em direcção à baliza adversária ou de temporizar o desenvolvimento do processo ofensivo para quebrar o ritmo de jogo à equipa adversária.

Como elementos fundamentais que concorrem para a eficácia do passe podem destacar-se os seguintes:

- Leitura correcta das situações de jogo e visão ampla do espaço de forma a poder optar-se pelo tipo de passe mais adequado.

O tipo de passe a utilizar (longo, curto, rasteiro, curvo, potente, em jeito, etc.) depende de muitos factores, nomeadamente da posição do receptor, da posição dos adversários, da zona do terreno de jogo onde decorre a situação, da capacidade técnica dos executantes e dos objectivos tácticos da equipa.

O passe é, como já foi referido, a forma mais rápida e segura de progressão da equipa no terreno de jogo. Os sucessivos portadores da bola devem procurar ganhar, com cada passe, o máximo de espaço em termos de profundidade. Nesta perspectiva, é lógica a ordem de prioridades já apresentada (figura 29):

1ª prioridade – Passar para os espaços nas “costas” da última linha defensiva.

2ª prioridade – passar para o companheiro que, estando em condições de a receber, esteja mais perto da baliza adversária.

3ª prioridade – Passar em diagonal.

4ª prioridade – Passar para trás (último recurso).

- O passe deve ser sempre precedido de uma simulação.
- O tempo, a potência e a precisão/direcção do passe. Estes factores dependem sempre da colocação e movimentação dos potenciais receptores. De um modo geral, diríamos que para um passe ser eficaz deveria ser executado: no momento certo – isto é, no momento em que o receptor tem espaço e está preparado para receber a bola; com uma potência tal que não crie problemas acrescidos ao receptor; e com uma precisão/direcção tal que não obrigue o receptor a ter que modificar a direcção e/ou a velocidade de deslocamento.

7) O cabeceamento – O cabeceamento é a acção de jogar a bola com a cabeça com os objectivos de receber/controlar a bola, de rematar, de conduzir a bola, de passar e de interceptar a bola.

Como elementos fundamentais que concorrem para a eficácia do cabeceamento destacam-se os seguintes:

- Manter o contacto visual com a bola.
- Gerar potência – isto é, inclinar o corpo para trás para depois, no momento preciso, o impulsionar na direcção da bola. Todo o corpo deve participar neste movimento de afastamento e de aproximação da bola.
- “Atacar” a bola – isto é, saltar ou mergulhar para interceptar a bola no seu trajecto. Esta acção permite chegar primeiro à bola do que o adversário e conferir maior potência ao cabeceamento.
- Posição da cabeça no momento do contacto com a bola: pescoço flectido e rígido.
- Superfícies de contacto preferenciais: a testa (superfície mais adaptada porque é mais regular e permite uma maior visão) e os parietais.

8) O remate – O remate é a acção exercida pelos atacantes sobre a bola com o objectivo de a introduzir na baliza adversária.

Como elementos fundamentais da eficácia do remate podem destacar-se os seguintes:

- Rematar logo e sempre que a oportunidade surja. Durante um jogo de futebol desperdiçam-se muitas das poucas oportunidades de rematar que se criam por diversos motivos, nomeadamente: tentativa de enquadramento adequado em relação à baliza (executar acções difíceis na zona de finalização deve ser aceite como uma circunstância normal); receio de rematar com o pé mais fraco (os jogadores que jogam sempre pelo seguro dentro da grande área marcam poucos golos); procurar passar a responsabilidade para outro companheiro (executar passes dentro de grande área deve constituir sempre uma segunda opção – a primeira é aceitar a responsabilidade de rematar); ter medo de errar

a baliza (desperdiçar uma oportunidade de remate é pior do que errar a baliza).

- Utilizar a técnica mais ajustada à situação. O tipo de remate a utilizar depende de três factores fundamentais:
 - Da trajectória da bola: trajectória rasteira – rematar com os pés mantendo o corpo inclinado para a frente e a cabeça baixa e fixa; trajectória alta – rematar com a cabeça.
 - Da distância da baliza: longe da baliza – rematar com força batendo a bola com o peito do pé pelo seu meio ou parte superior); perto da baliza – rematar em jeito utilizando preferencialmente a parte interna do pé.
 - Da posição do guarda redes – dirigir o remate para o poste mais distante do guarda redes.
- Criar espaço para rematar. A grande concentração de jogadores que quase sempre se verifica na zona de finalização não facilita a execução do remate por falta, muitas vezes, de espaço e tempo. Por isso, exige-se aos atacantes que contactam momentaneamente com a bola na zona de finalização que procurem criar o espaço necessário para o remate no momento de recepção da bola e aos atacantes sem bola que estejam em mobilidade permanente de forma a romperem a organização defensiva adversária e/ou “arrastarem” alguns defesas para posições menos eficientes na tentativa de criarem espaço para o portador da bola poder rematar.
- Posição do corpo nos remates executados com os pés: pé de apoio colocado ao lado da bola, tronco ligeiramente inclinado para a frente, cabeça baixa e firme, olhar a bola.
- Dissimular o momento e a direcção do remate.
- Movimentar-se na direcção da baliza logo após o remate quer para tentar ganhar vantagem na disputa de um hipotético ressalto ou defesa incompleta do guarda redes, quer para contrariar a inclinação do corpo para trás responsável por muitos remates por cima da barra.

6.2 - Acções técnico-tácticas individuais defensivas

1) O desarme – O desarme é a acção efectuada por um defesa em luta directa com o atacante que tem a posse da bola com os objectivos de recuperar a posse da bola ou de temporizar o processo ofensivo adversário.

Há duas formas fundamentais de desarme: por oposição frontal e por oposição lateral. Na oposição frontal, o defesa posiciona-se de frente para o atacante; na oposição lateral, o defesa posiciona-se ou desloca-se ao lado do atacante para, no momento certo, tentar intervir sobre a bola com um dos pés.

Como elementos fundamentais da execução eficaz do desarme podem destacam-se os seguintes:

- Colocação do defesa em relação ao portador da bola. O defesa em contenção deverá colocar-se entre o portador da bola e a sua baliza, numa posição de equilíbrio conseguida através de uma ligeira flexão da articulação dos joelhos e de uma correcta colocação dos apoios (apoios colocados sobre uma linha oblíqua à linha de progressão do atacante).
- Observar a bola, ser paciente e esperar pelo momento mais favorável para tentar o desarme que normalmente ocorre:
 - Se o atacante ainda não tiver a bola controlada, no momento em que recebe a bola.
 - Se o atacante já tiver a bola controlada, no momento em que toca na bola para progredir no terreno de jogo e/ou apoia a perna mais afastada do defesa.
- Simular o desarme quer para que o atacante se preocupe mais com a protecção da bola do que com o ataque ao defesa, quer para o induzir a “romper”, para, se tal acontecer, tentar o desarme nesse momento.
- Se o defesa for ultrapassado deve correr atrás do atacante quer para entrar em luta ombro a ombro e tentar o desarme lateral, quer para tentar conquistar uma posição entre o atacante e a própria baliza.
- Determinação e coragem. Quando um defesa resolve atacar o portador da bola deve fazê-lo com muita determinação e coragem.

2) A intercepção da bola – A intercepção da bola é a acção executada por um defesa com o objectivo de se apoderar ou repelir a bola quando esta é impulsionada em direcção à sua baliza (remate) ou é trocada entre dois atacantes (passe).

Como elementos fundamentais da execução eficaz desta acção técnico-táctica destacam-se os seguintes:

- Concentração permanente, sobretudo sobre o portador da bola e o adversário directo.
- Colocação dos defesas em relação aos potenciais receptores. Os defesas deverão posicionar-se atrás da linha da bola, entre os adversários directos e a sua baliza, ligeiramente descaídos para o lado do portador da bola (figura 40).
- Decisão, determinação e velocidade sobre a bola.

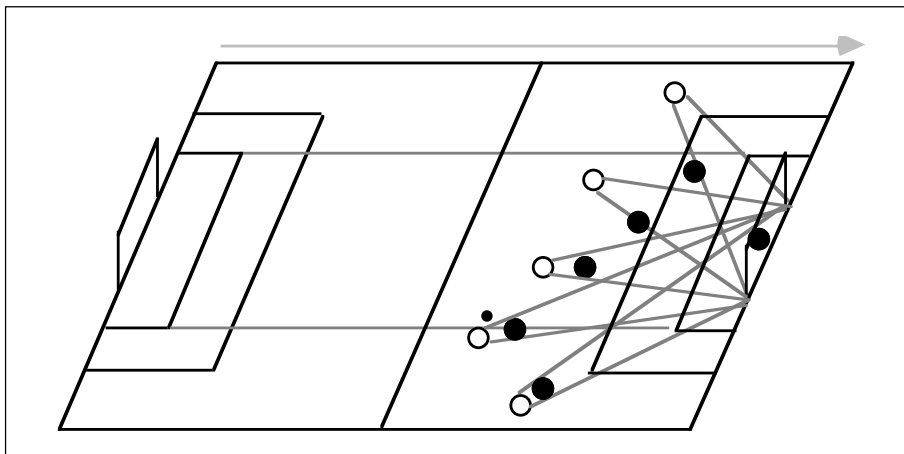


Figura 40 - A colocação dos defesas em relação aos adversários directos

6.3 - Acções técnico-tácticas ofensivas colectivas

1) As desmarcações – As desmarcações são acções de deslocamento efectuadas pelos atacantes com os objectivos de:

- Criar, ocupar e utilizar espaços de jogo.
- Colocar jogadores livres de oposição.
- Manter a iniciativa do jogo (surpreender e cansar os jogadores adversários física e psicologicamente).
- Procurar, em síntese, romper a organização defensiva da equipa adversária e manter a estabilidade da organização da própria equipa.

A persecução destes objectivos requer a movimentação permanente e coordenada de todos os atacantes de forma a procurarem: uns romper a organização da equipa adversária através de deslocamentos de rotura; outros manter a estabilidade da própria equipa através de deslocamentos de equilíbrio, cobertura e apoio.

As desmarcações podem ser classificadas quanto à forma e quanto ao tipo. A forma das desmarcações resulta da relação que se estabelece entre as trajectórias descritas pelos atacantes no terreno de jogo e a linha final do campo. O tipo das desmarcações resulta da relação que se estabelece entre os deslocamentos efectuados e os objectivos próximos perspectivados pelos jogadores.

• **As formas das desmarcações** – De acordo com a generalidade dos autores (Teissie, 1970; Queiroz, 1983; Castelo, 1994 e 1996), são três as formas fundamentais que podem assumir as desmarcações (figura 41):

- Desmarcações frontais ou directas. São as desmarcações cujas trajectórias se realizam no mesmo corredor de jogo.

- Desmarcações diagonais ou indirectas. São as desmarcações cujas trajectórias se realizam transversalmente e se dirigem para outro corredor de jogo.
- Desmarcações circulares ou complexas. São as desmarcações cujas trajectórias são circulares, indefinidas e se dirigem para outros corredores de jogo.

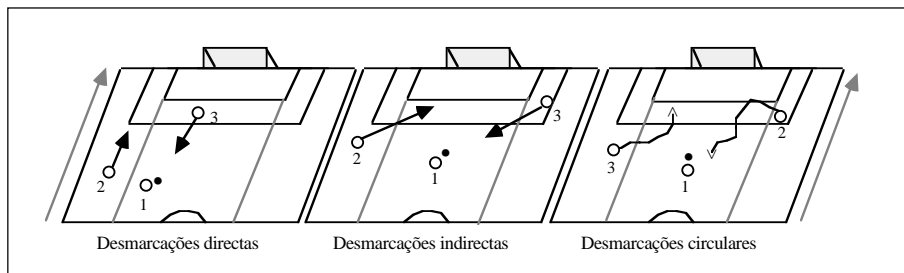


Figura 41 - As formas das desmarcações

• **Os tipos de desmarcações** – Tendo como referências as relações que se estabelecem entre os deslocamentos efectuados e os objectivos próximos perspectivados pelos jogadores, podem considerar-se três tipos fundamentais de desmarcações (figura 42):

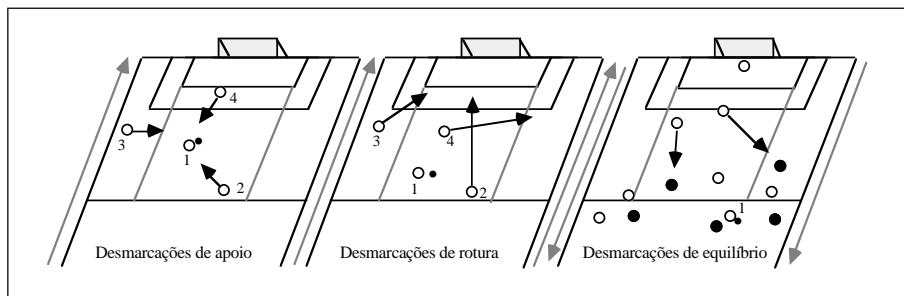


Figura 42 - Os tipos de desmarcações

- Desmarcações de apoio. São as desmarcações efectuadas pelos atacantes com o objectivo de apoiarem o companheiro de posse da bola. Estas acções caracterizam-se fundamentalmente por deslocamentos de aproximação em relação ao portador da bola com o objectivo de lhe proporcionar opções de jogo seguras, procurando assegurar-se, assim, o cumprimento de um dos objectivos fundamentais do ataque: a manutenção da posse da bola.

Segundo Castelo (1996), podem distinguir-se três tipos de

desmarcações de apoio: desmarcações de apoio frontal; desmarcações de apoio lateral; e desmarcações de apoio à retaguarda (cobertura).

- Desmarcações de rotura. São as desmarcações realizadas em direcção à baliza adversária com o objectivo de assegurar ou criar as condições favoráveis à progressão da equipa no terreno de jogo e/ou à finalização.
- Desmarcações de equilíbrio. São as desmarcações efectuadas pelos atacantes que não estão momentaneamente envolvidos directamente no processo ofensivo da sua equipa (jogadores em equilíbrio defensivo) com o objectivo de restringirem espaços aos jogadores adversários que não estão empenhados directamente no processo defensivo da sua equipa.

Como aspectos fundamentais (princípios de orientação) da execução eficaz das desmarcações podem destacar-se os seguintes:

– Reagir rapidamente à situação de recuperação da posse da bola. Relativamente a este aspecto, é importante que os jogadores da equipa que acabou de conquistar a posse da bola respondam, sem demora e sem hesitações, às quatro questões já referidas:

- Quem? – Todos os jogadores da equipa.
- Quando? – No momento em que a equipa conquista a posse da bola.
- Onde? – Em qualquer zona do terreno de jogo.
- Como? – Ocupando lugares apropriados de forma a oferecer ao portador da bola confiança e linhas de passe seguras.

As acções visando a libertação de marcações e a procura de espaços livres devem iniciar-se, repetimos, imediatamente após a recuperação da bola.

- As acções de desmarcação devem caracterizar-se pelo desenvolvimento de certos procedimentos técnicos de carácter explosivo e imprevisto (simulações, mudanças rápidas de ritmo e de direcção), visando surpreender ou iludir os adversários.
- Orientar o conjunto das acções de desmarcação simultaneamente para a persecução de três objectivos:
 - Manutenção da posse da bola (desmarcações de apoio e de equilíbrio).
 - Progressão da acção ofensiva e/ou rotura da organização defensiva adversária (desmarcações de apoio à frente da linha da bola e de rotura).
 - Equilíbrio da organização da própria equipa (desmarcações de equilíbrio).

A persecução simultânea deste conjunto de três objectivos requer a movimentação permanente de todos os jogadores da equipa que tem a posse da bola.

Assim:

- Uns, os que estão mais próximos do portador da bola, devem movimentar-se preferencialmente em direcção ao portador da bola com o objectivo de lhe proporcionarem várias e seguras opções de jogo (objectivo -> manutenção da posse da bola). As desmarcações deste conjunto de jogadores têm como referência central o portador da bola.
- Outros, normalmente os que estão mais recuados, devem deslocar-se em direcção aos jogadores adversários que ficaram adiantados no terreno de jogo para assegurarem o equilíbrio defensivo da sua equipa. As acções de desmarcação destes jogadores devem ter como referências centrais o portador da bola, a própria baliza e os adversários que não estão directamente implicados no processo defensivo da sua equipa.
- Outros, ainda, devem efectuar desmarcações de rotura (em largura e profundidade) para criarem as condições necessárias à progressão do centro do jogo e/ou à criação das situações de finalização. As acções destes jogadores têm como referência central o portador da bola, a baliza adversária, a colocação dos adversários e dos companheiros.

– A movimentação da bola deve implicar sempre uma movimentação coordenada de todos os atacantes de forma a reconstituírem-se as ligações entre os vários jogadores da equipa, o que implica, entre outras coisas, que:

- Os atacantes nunca podem estar parados.
- O espaço deixado livre por um atacante deve ser imediatamente ocupado por outro.
- O possuidor da bola, após desfazer-se dela, deve movimentar-se quer para dar cobertura ou apoio ao novo portador da bola, quer para procurar romper o equilíbrio defensivo adversário.
- As acções de desmarcação são sempre válidas mesmo quando os jogadores que as efectuam não recebem a bola. Isto porque, além de cansarem física e psicologicamente os adversários, podem contribuir quer para criar espaços utilizáveis por outros companheiros, quer para desorganizar o sistema defensivo adversário.

2) Combinações tácticas – As combinações tácticas consistem na coordenação das acções individuais de dois ou três atacantes para melhor resolverem as situações momentâneas de jogo quer através da colocação de jogadores livres de oposição, quer através da rotura da organização defensiva da equipa adversária.

Existem três tipos de combinações tácticas fundamentais (figura 43).

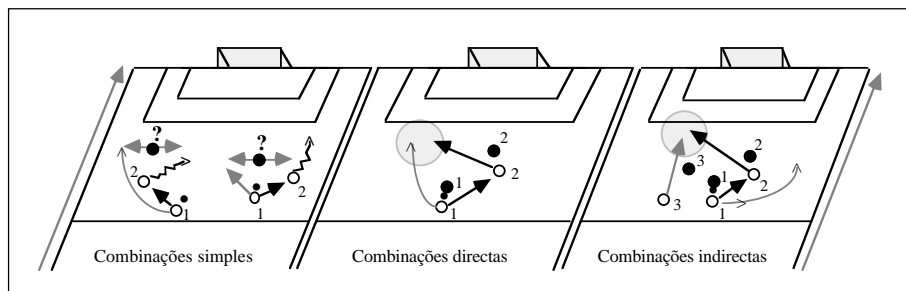


Figura 43 - As combinações táticas: simples, directas e indirectas

– As combinações simples (combinações a dois ou passa e corre). Neste tipo de combinações:

- O portador da bola fixa a acção do adversário directo.
- E executa ou não um passe para um companheiro em apoio.
- Havendo passe, desmarca-se para um espaço livre; não havendo passe, progride com a bola ou finaliza.

– As combinações directas (combinações a dois passa, corre e recebe). Neste tipo de combinações:

- O portador da bola fixa a acção do adversário directo.
- Executa, no momento oportuno, um passe para um companheiro em apoio.
- Desmarca-se, de imediato, para um espaço livre, onde recebe a bola do companheiro que participou na combinação.

– Combinações indirectas (combinações a três). Nestas combinações:

- O portador da bola fixa a acção do adversário directo.
- E executa, no momento oportuno, um passe para um companheiro em apoio e desmarca-se, de seguida, para um espaço livre.
- O novo portador da bola passa a bola não ao primeiro portador, mas a um terceiro jogador que aparece numa situação favorável fruto directo de uma desmarcação bem sucedida e indirecto da acção de desmarcação desenvolvida pelo primeiro portador da bola.

3) Compensações/permutações - As compensações e as permutações, são acções distintas, mas que aparecem quase sempre associadas e em complementaridade (figura 44).

As compensações são as acções efectuadas por um jogador para ocupar um espaço deixado livre por um companheiro que se integrou momentaneamente no processo ofensivo.

As permutações são as acções efectuadas por um jogador

(normalmente o jogador que abandonou momentaneamente o seu lugar) para assumir a posição e função de base do jogador que fez a compensação. O jogador que foi ajudado, depois da acção em que se envolveu ter terminado, deve, segundo Castelo (1996), procurar ocupar o mais rapidamente possível, não a sua posição de base, mas a posição de base do companheiro que o ajudou.

Com as acções de compensação/permutação pretendem-se alcançar três importantes objectivos:

- A ocupação racional do terreno de jogo.
- A vigilância permanente sobre os adversários não implicados directamente no processo defensivo da sua equipa.
- A repartição equilibrada dos esforços dos jogadores.

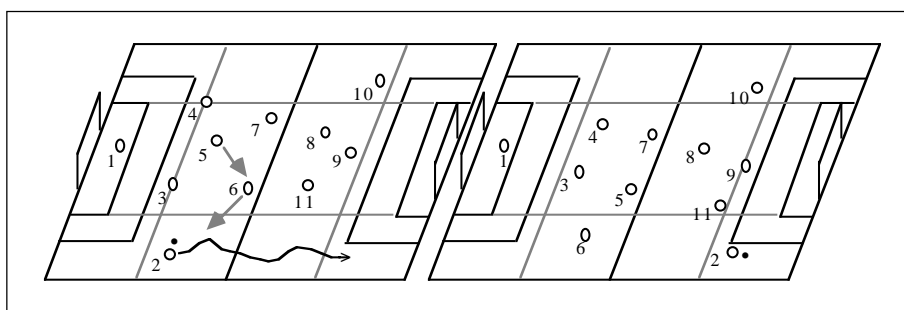


Figura 44 - As acções de compensação/permutação

6.4 - As acções técnico-tácticas defensivas colectivas

1) As marcações – As marcações são acções de deslocamento efectuadas pelos defesas com os objectivos de:

- Pressionar o portador da bola e todos os atacantes que estejam em condições de dar continuidade ao processo ofensivo da sua equipa.

- Ocupar e anular os espaços vitais à progressão do processo ofensivo da equipa adversária.

- Assegurar o equilíbrio da organização defensiva da própria equipa mantendo a concentração dos jogadores - isto é, em que os jogadores dos diferentes sectores se posicionem perto uns dos outros (defender em bloco).

Os aspectos determinantes (princípios de orientação) da eficácia das marcações podem subdividir-se em dois grupos: os princípios de orientação geral e os princípios de orientação específica.

- **Os princípios gerais das marcações** – Como princípios de orientação geral das marcações destacam-se os seguintes:

- Reagir rapidamente à situação de perda da bola, desenca-

deando acções em função da posição da bola, dos adversários, dos companheiros e da própria baliza. Esta reacção baseia-se, fundamentalmente, em dois tipos de acções:

- Marcação rigorosa e pressionante ao portador da bola pelo defesa que estiver mais perto. Com esta marcação pretendem atingir-se três objectivos essenciais: recuperar a posse da bola; impedir o relançamento imediato do processo ofensivo adversário e em especial do contra-ataque; ganhar o tempo suficiente para a recuperação e organização defensiva da equipa.
- Deslocamento rápido do maior número possível dos restantes defesas para entre a linha da bola e a própria baliza (recuperação defensiva), visando progressiva e simultaneamente: tapar as principais linhas de progressão à equipa adversária; proteger a própria baliza; e ocupar o dispositivo defensivo utilizado pela equipa.

Dos jogadores em recuperação exige-se:

- Uma boa visão de jogo percebendo continuamente as sucessivas movimentações dos adversários, dos companheiros e da bola.
- A realização de acções de marcação consistentes sobre os sucessivos portadores da bola e sobre todos os atacantes que estejam em boas condições para darem continuidade ao processo ofensivo da sua equipa.
- Grande espírito de sacrifício e de entajuda.
- Posicionamento dos defesas. Por norma, os defesas devem posicionar-se:
 - Atrás da linha da bola, entre os adversários directos e a própria baliza, ligeiramente descaídos para o lado do portador da bola (figura 40).
 - Numa posição estável, conseguida através de uma ligeira flexão da articulação dos joelhos e de uma correcta colocação dos apoios (posição defensiva de base).
 - A uma distância dos atacantes directos variável em função da posição ou movimentação destes em relação à baliza adversária ou ao portador da bola. Esta distância deve ser reduzida à medida que os atacantes se aproximam da baliza adversária ou do portador da bola e aumentada à medida que se afastam daquelas referências.

• **Os princípios específicos das marcações em função das situações de jogo** (marcação ao portador da bola (1x1), marcação aos adversários sem bola e marcação às combinações tácticas).

– Marcação ao portador da bola (situação de 1x1). O defesa em contenção deve ter em atenção os seguintes aspectos:

- Posicionamento. O defesa deverá posicionar-se entre o adversário directo e a sua baliza, numa posição de equilí-

brío conseguida através de uma ligeira flexão da articulação dos joelhos e com a base de sustentação projectada sobre uma linha oblíqua à linha de progressão do atacante (posição defensiva de base - figuras 34 e 35).

- Deslocamento. O defesa deverá deslocar-se mantendo-se sempre entre o portador da bola e a própria baliza e mantendo sempre os pés em contacto com o solo (deslizar e nunca saltar);
- Aproximação ao atacante. Na aproximação ao atacante, o defesa deve pensar na velocidade, no ângulo e na distância de aproximação.

A velocidade de aproximação deverá ser máxima até chegar perto do atacante. Perto do atacante é aconselhável abrandar, sobretudo se o atacante já tem a bola controlada.

O ângulo de aproximação ao portador da bola deverá ser de forma a permitir que o defesa corte as linhas de passe, de remate ou de progressão mais prováveis para a baliza.

A distância de marcação. A distância a que o defesa se deve colocar do atacante varia em função de vários factores. Por norma, deve ser maior se: a situação ocorrer longe da baliza que se defende, se o portador da bola estiver de frente para a baliza adversária e se o atacante beneficiar de acções de cobertura ofensiva; e deve ser menor se a situação ocorrer perto da baliza que se defende, se o portador da bola estiver de costas para a baliza adversária e se o defesa beneficiar de acções de cobertura defensiva.

- Observar a bola. O defesa deve concentrar a atenção na bola e nunca no portador da bola para reagir em função dos movimentos desta e nunca em função dos movimentos do adversário.
- Ser paciente. Uma vez correctamente posicionado, o defesa em contenção deverá procurar ser paciente para não fazer acções precipitadas.
- Tomar a iniciativa: simulando o desarme para “obrigar” o atacante a tirar a bola do alcance do defesa e ao fazê-lo poder perder o seu controlo; procurando conduzir o possuidor da bola para os corredores laterais; e procurando escolher o momento certo do desarme.
- Determinação e coragem. Quando um defesa resolve recuperar a bola deve fazê-lo com muita determinação e coragem.
 - Marcação aos atacantes sem bola. Na marcação aos atacantes sem bola, os defesas devem ter em atenção os seguintes aspectos:
 - Posicionamento (figura 40). Os defesas deverão posicionar-se, atrás da linha da bola, entre os adversários directos e a sua baliza, ligeiramente deslocados para o lado do portador da bola, numa posição estável (posição defensiva de base).

- Distância de marcação. A distância de marcação deverá ser tanto menor (mais agressiva) quanto mais próximos o defesa e o atacante estiverem do portador da bola ou da baliza que se defende e tanto maior quanto mais afastados estiverem do portador da bola ou da baliza que se defende.
- Nunca perder de vista a bola e o adversário directo.
 - Marcação às combinações tácticas simples e às combinações directas (situação de 2x2). Recordemos este tipo de combinações (figura 43):
- O portador da bola fixa o defesa em contenção.
- Um 2º atacante (o atacante em cobertura ou outro) desmarca-se para a frente da linha da bola.
- O portador da bola passa a bola ao companheiro em apoio e: ou se desmarca para a frente da linha da bola (desmarcação de rotura); ou vai fazer a cobertura ao novo portador da bola (desmarcação de apoio à retaguarda).
- O novo portador da bola: ou devolve a bola ao 1º portador (combinação directa); ou não devolve, continuando ele próprio com a bola (combinação simples).

Nas marcações a estes dois tipos de combinações, os procedimentos dos defesas envolvidos são muito idênticos (figura 45).

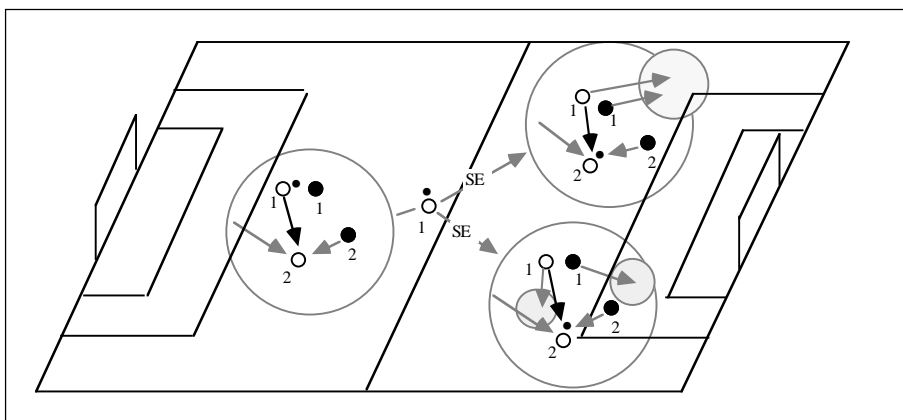


Figura 45 - Marcação às combinações simples e directas

Assim e imediatamente após o passe do portador da bola para o atacante em apoio:

- O defensor em cobertura (2º defensor) “ataca” o novo portador da bola - isto é, vai fazer a contenção ao novo portador da bola.
- O defensor que estava em contenção ao 1º portador da bola reage em função do que fizer este jogador após a execução do passe - isto é, espera pela acção do portador da bola após

a execução do passe: se este se desmarcar para a frente da linha da bola (desmarcação de rotura), o defesa deve acompanhá-lo para evitar que a bola lhe seja devolvida; mas se optar por se deslocar em direcção ao novo portador da bola (desmarcação de apoio à retaguarda), o defesa deverá deslocar-se para as costas do companheiro que entrou em contenção – isto é, deverá ir fazer a cobertura defensiva ao novo defesa em contenção.

2) Compensações/permutações – As compensações/permutações são acções efectuadas pelos defesas para cobrir e ocupar espaços e assumir funções de outros companheiros envolvidos momentaneamente na realização de outras funções.

Pretende-se com estas acções:

- Assegurar a ocupação racional do terreno de jogo.
- Conferir segurança defensiva.
- Assegurar a repartição equilibrada do esforço dos jogadores.

3) Dobras – As dobras consistem na combinação das acções de dois defesas para procurarem manter continuamente sob pressão o portador da bola (figura 46).

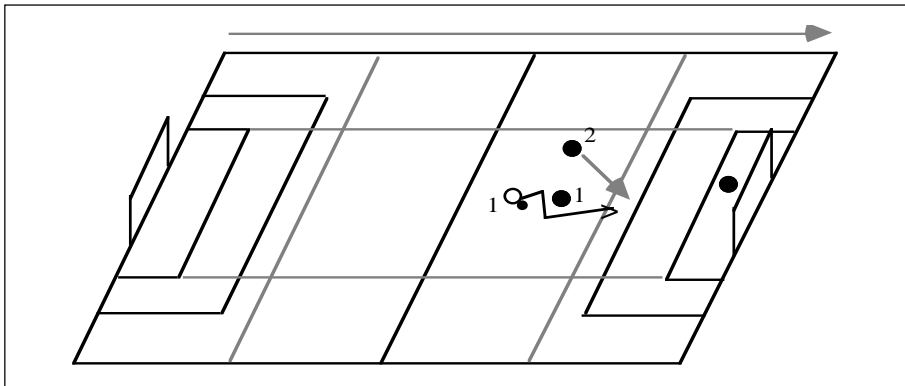


Figura 46 - As dobras

Têm as dobras como principais objectivos:

- Recuperar a posse da bola.
- Defender a baliza.
- Ganhar tempo para reequilibrar a organização defensiva.
- Resolver, em síntese, as situações de rotura momentânea da organização defensiva.

Referências bibliográficas

- Alonso, A. (1995): Estratégias Ofensivas en Futebol, Ed. Gymnos.
- Bayer, C. (1994): O Ensino dos Desportos colectivos, Dinalivro.
- Bielinski, R. (sem data): Futebol - Tática para Milhões, Pelestra Edições Desportivas, Rio de Janeiro.
- Bourrel, C.& Seno, M (1989): L'Entraîneur de Football - preparation de l'équipe et pedagogie active, ed. Amphora, SA.
- Caron, J. & Pelchat, C. (1976): Apprentissage des Sports Collectifs, Les Presses de L'Université du Quebec.
- Castelo, J. (1996): Futebol - A Organização do Jogo, Ed. do Autor.
- Castelo, J. (19994): Futebol - Modelo Técnico-Tático, Ed. FMH/UTL.
- Corbeau, J. (1988): Football - de l'école ... aux associations, ed. Revue EPS. Paris.
- Cunha,A. (1887): Os Princípios Específicos do Futebol, FMH/UTL.
- Dietrich, K. (1978): Le Football, Apprentissage et Pratique par le Jeu, Vigot, Paris.

- Garganta, J. & Pinto, J. (1994): O Ensino dos Jogos Desportivos, Ed. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Gréhaigne, J.F. (1992): L'Organisation du Jeux en Football, Actio, Joinville-Le-Pont.
- Hughes, C. (1990): The Winning Formula, Willian Collins Sons, London.
- Lautié, J. (1994): Le Football - Jeu Simple, Sport et Activités Fisiques à l'Ecole, Amphira.
- Mahlo, F. (1966): O Acto Tático, Compendium, Lisboa.
- Mombaerts, E. (1991): Football - de l'analyse du jeu à la formation du joueur, ed. Actio.
- Moreno, J. (1994): Análises de las Estructuras del Juego Deportivo, Inde Publicaciones.
- Queiroz, C. (1983): Para uma Teoria do Ensino/Treino em Futebol, Futebol em Revista, 4ª série, nº 1.
- Queiroz, C. (1985): As Desmarcações, FMH/UTL.
- Teissie, J. (1970): Le Football, ed. Vigot, Paris.
- Teodorescu, L. (1984): Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos , Livros Horizonte.
- Wrzos, J. (1984): Football - la tactique de l'attaque, ed. Broodcoorens, Belgium.
- Zerhouni, M.(1986): Football - principes de base du football contemporain, ed. Fleury, orges-sur-yver on, Suisse.

Títulos publicados:

- 1 • **A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 2 • **Política económica francesa**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 3 • **A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**
José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes
– 1985
- 4 • **Trás-os-Montes nos finais do século XVIII: alguns aspectos económico-sociais**
José Manuel Amado Mendes – 1985
- 5 • **O pensamento económico de Lord Keynes**
Francisco José Terroso Cepeda – 1986
- 6 • **O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**
José Rodrigues Monteiro – 1986
- 7 • **Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**
Joaquim Lima Pereira – 1987
- 8 • **Estudo de melhoramento do prado de aveia**
Tjarda de Koe – 1988
- 9 • **Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor no Parque Natural de Montesinho**
Tjarda de Koe – 1988
- 10 • **Estudo do apuramento e enriquecimento de um pré-concentrado de estanho tungsténio**
Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988
- 11 • **Sondas de neutrões e de raios Gama**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988
- 12 • **A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**
Raul Iturra – 1989
- 13 • **Absorção química em borbulhadores gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

-
- 14 · **Financiamento do ensino superior no Brasil – reflexões sobre fontes alternativas de recursos**
Victor Meyer Jr. – 1991
 - 15 · **Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**
Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991
 - 16 · **Educação e loucura**
José Manuel Rodrigues Alves – 1991
 - 17 · **Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**
Francisco José Terroso Cepeda – 1991
 - 18 · **Dispersão em escoamento gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991
 - 19 · **O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**
Tomás d'Aquino F. R. de Figueiredo - 1993
 - 20 · **Conferências em nutrição animal**
Carlos Alberto Sequeira - 1993
 - 21 · **Bref aperçu de l'histoire de France – des origines à la fin du II^e empire**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994
 - 22 · **Preparação, realização e análise / avaliação do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**
João do Nascimento Quina – 1994
 - 23 · **A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***
Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994
 - 24 · **“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**
Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994
 - 25 · **Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**
Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994
 - 26 · **Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**
Luís Filipe Pires Fernandes – 1996

-
- 27 · **Micorrização in vitro de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**
Anabela Martins – 1997
- 28 · **Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**
Francisco José Terroso Cepeda – 1995
- 29 · **Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**
Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira – 1994
- 30 · **A satisfação / insatisfação docente**
Francisco Cordeiro Alves – 1994
- 31 · **O subsistema pecuário de bovinicultura na área do Parque Natural de Montesinho**
Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira – 1995
- 32 · **A terra e a mudança – reprodução social e património fundiário na Terra Fria Transmontana**
Orlando Afonso Rodrigues – 1998
- 33 · **Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**
Vítor Pires Lopes – 1998
- 34 · **Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**
Francisco Mário da Rocha – 1998
- 35 · **La crise de Mai 68 en France**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1999
- 36 · **Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 37 · **Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino**
Francisco Cordeiro Alves – 1998
- 38 · **Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**
Fernando Jorge Ruivo de Sousa – 1998

-
- 39 · **Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**
Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves; Rui Manuel Almeida Machado – 1995
- 40 · **Desenvolvimento agrário na Terra Fria – condicionantes e perspectivas**
Duarte Rodrigues Pires – 1998
- 41 · **A construção do planalto transmontano – Baçal, uma aldeia do planalto**
Luísa Genésio – 1999
- 42 · **Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX**
Lurdes Cameirão – 1999
- 43 · **Teixeira de Pascoaes e o projecto cultural da “Renascença Portuguesa”**
Lurdes Cameirão – 2000
- 44 · **Descargas atmosféricas – sistemas de protecção**
Joaquim Tavares da Silva
- 45 · **Redes de terra – princípios de concepção e de realização**
Joaquim Tavares da Silva
- 46 · **O sistema tradicional de exploração de ovinos em Bragança**
Carlos Barbosa – 2000
- 47 · **Eficiência de utilização do azoto pelas plantas**
Manuel Ângelo Rodrigues, João Filipe Coutinho – 2000
- 48 · **Elementos de física e mecânica aplicada**
João Alberto Sobrinho Teixeira
- 49 · **A Escola Preparatória Portuguesa – Uma abordagem organizacional**
Henrique da Costa Ferreira
- 50 · **Agro-ecological characterization of N. E. Portugal with special reference to potato cropping**
T. C. Ferreira, M. K. V. Carr, D. A. Gonçalves – 1996
- 51 · **A participação dos professores na direcção da Escola Secundária, entre 1926 e 1986**
Henrique da Costa Ferreira

-
- 52 · A evolução da Escola Preparatória – o conceito e componentes curriculares**
Henrique da Costa Ferreira
- 53 · O Homem e a biodiversidade (ontem, hoje... amanhã)**
António Réffega – 1997
- 54 · Conservação, uso sustentável do solo e agricultura tropical**
António Réffega – 1997
- 55 · A teoria piagetiana da equilibração e as suas consequências educacionais**
Henrique da Costa Ferreira
- 56 · Resíduos com interesse agrícola - Evolução de parâmetros de compostagem**
Luís Manuel da Cunha Santos – 2001
- 57 · A dimensão preocupacional dos professores**
Francisco dos Anjos Cordeiro Alves – 2001
- 58 · Análise não-linear do comportamento termo-mecânico de componentes em aço sujeitas ao fogo**
Elza M. M. Fonseca e Paulo M. M. Vila Real – 2001
- 59 · Futebol: Referências para a organização do jogo**
João do Nascimento Quina – 2001